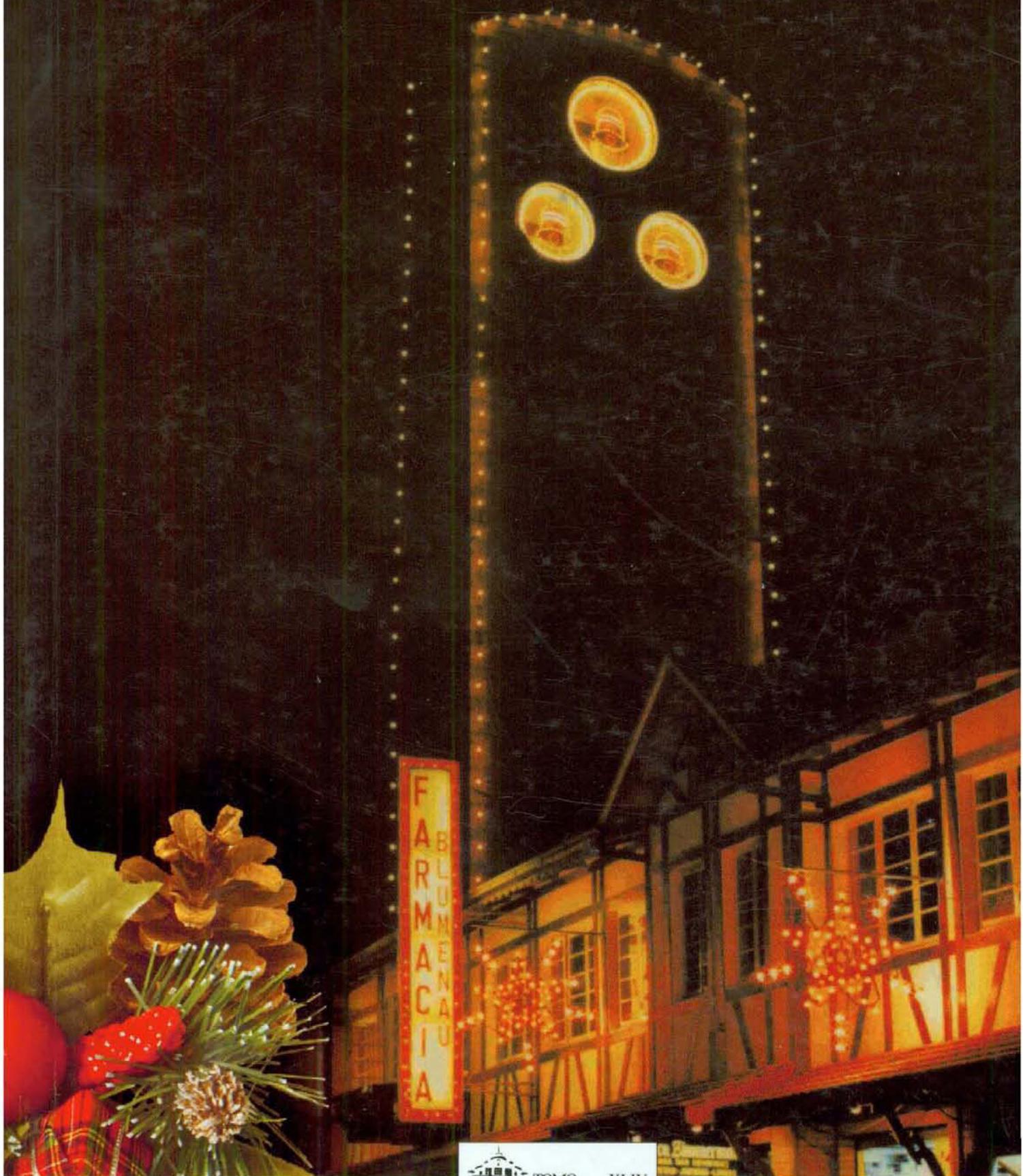


# BLUMENAU

*em Cadernos*



# BLUMENAU

*em Cadernos*

**Fundação Cultural de Blumenau**

**Presidente**

Braulio Maria Schloegel

**Diretoria Administrativo-Financeira**

Maria Teresinha Heimann

**Diretoria Histórico-Museológica**

Sueli Maria Vanzuita Petry



**Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",  
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
*Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"*

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -  
il.

Bimestral

ISSN 0006-5218

# FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

## Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

**BLUMENAU**  
*em Cadernos*

**Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,**  
na Área de História - edição 1998, concedido  
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina  
**Prêmio Destaque - 2002**  
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”  
ENDEREÇO**

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (47) 326-6990

E-Mail: [funculbl@terra.com.br](mailto:funculbl@terra.com.br)

**CAPA**

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Natal em Blumenau

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

**DIREÇÃO**

Sueli M. V. Petry

**CONSELHO EDITORIAL**

Cristina Ferreira (Presidente)

Annemarie Fouquet Schünke,

Cezar Zillig, Ivo Marcos Theis,

Méri Frotscher, Urda Alice Klueger

**DIGITAÇÃO**

Marilu Antunes

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

**EDIÇÃO**

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

## SUMÁRIO

Apresentação ..... 007

### Documentos Originais

Amada terra do Brasil – Pastor Fritz Liebhold  
*Tradução: Annemarie Fouquet Schüncke* ..... 009

### Artigos

A imigração alemã trouxe desenvolvimento econômico imediato ao Sul do Brasil? Análise sobre a colônia Blumenau (1850-1870)  
*André Fabiano Voigt* ..... 032

Saberes e livros escolares no Ginásio Catarinense  
*Norberto Dallabrida* ..... 042

### Memórias Natalinas

Um conto de Natal  
*Rainer Brandt* ..... 054

Natal – Uma tradição milenar!  
*Adolfo Bernardo Schneider* ..... 055

Natal de 1943  
*Brigitte Fouquet Rosenbrock* ..... 060

### Entrevista

História de Vida  
 Entrevista com Guido Magnani ..... 062

### Pesquisa & Pesquisadores

Uma análise sobre impressões de viajantes do século XIX no Vale do Itajaí  
*Marilu Antunes* ..... 077

**Burocracia & Governo**

Relatório de 28 de fevereiro de 1867 - Final - Colônia Santa Isabel..... 100

**Autores catarinenses**

Sua Majestade / Paschoal / Variadas

*Enéas Athanázio*..... 114

Índice da Revista Blumenau em Cadernos - 2003 ..... 123

## Apresentação

Chegamos ao final do ano!

É o momento de renovar os agradecimentos e desejar a todos os nossos assinantes, leitores, colaboradores e apoiadores de BLUMENAU EM CADERNOS, Feliz Natal e Próspero Ano de 2004.

Encerramos, completando o quadragésimo sexto ano de publicação. Ao longo destas décadas a revista passou por muitas mudanças, sem, no entanto, perder a sua essência, trazendo textos, artigos e transcrições de documentos com temáticas abordando aspectos da história regional e catarinense.

Neste bimestre de novembro/dezembro a coluna bilíngüe **Documentos Originais – Memórias**, traz um texto extraído de “Amada Terra do Brasil”, do Pastor Fritz Liebhold, o qual relembra a receptividade, permanência, aprendizado e descrições do cotidiano durante sua estada em Pomerode e expectativa de sua mudança para Santa Tereza.

Na sessão **Artigos**, o professor André Fabiano Voigt, publica o texto “*A imigração alemã trouxe desenvolvimento econômico imediato ao Sul do Brasil? Análise sobre a Colônia Blumenau (1850-1870)*”. O autor, fazendo uso de fontes encontradas em outros arquivos, desenvolveu uma interessante análise dos primeiros vinte anos da colônia Blumenau, mostrando um outro olhar que até então não fora abordado de forma clara e crítica.

Continuando com a coluna **Artigos**, o pesquisador, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Norberto Dalabrida, publica “Saberes e livros no Ginásio Catarinense”. No seu artigo, aborda aspectos do ensino que se instalou na Primeira República no Brasil, destacando o Ginásio Catarinense, o qual fazia parte de uma “*rede de estabelecimentos escolares de nível secundário da Companhia de Jesus, que se estabeleceu no sul do Brasil, cuja direção e docência era exercida por padres de ascendência germânica*”. Entre os estudantes deste ginásio, constituído em parte pela elite, figuravam alguns blumenauenses.

A coluna **Memórias** brinda os leitores com algumas lembranças de natais que marcaram a vida dos memorialistas que aqui escrevem. Rainer Brandt recorda o tempo em que seu pai fazia o papel de Papai Noel. Adolfo Bernardo Schneider desenvolveu uma pesquisa em 1949 para historicizar o Natal alemão,

que aqui chegou na bagagem cultural dos imigrantes. Como resultado desta pesquisa produziu o texto “Natal – uma tradição milenar!”. Em outro momento, Brigitte Rosenbrock, ao escrever suas memórias, relembrou o “Natal de 1943”.

Na coluna **Entrevistas**, apresentamos o depoimento do Sr. Guido Magnani que fala de sua vida e de suas memórias, entrevistado pela colaboradora Brigitte Rosenbrock.

Em **Pesquisa & Pesquisadores** a bacharelada do curso de História da FURB, Marilu Antunes, traz o texto “Uma análise sobre impressões de viajantes do século XIX no Vale do Itajaí”. A autora se utiliza dos viajantes Lacmann, Gernhard, Hugo Zoeller, Charles Van Lede, entre outros, para analisar as imagens que estes personagens faziam da região que visitaram na Província de Santa Catarina. Dividido em três abordagens diferentes, a mesma, com muita habilidade, procura revelar as diversas questões levantadas pelos viajantes que aqui passaram.

Em **Burocracia & Governo** publicamos a última parte do relatório enviado em 1867 pelo Presidente da Província de Santa Catarina ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas sobre as colônias existentes em Santa Catarina. Nesta parte final, relata sobre a Colônia Santa Isabel, fundada no ano de 1847.

Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses** reúne diversas notícias e comentários sobre a literatura catarinense e eventos culturais, entre outros.

Concluindo a edição, apresentamos o **Índice Geral** que orienta o pesquisador com as indicações de textos e artigos publicados ao longo do ano 2003.

Finalizando, deixamos para o leitor a análise e interpretação do conhecimento construído pelos colaboradores desta edição e deixamos o convite para os memorialistas, historiadores e pesquisadores a escreverem textos para as colunas **Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano**.

Sueli M. V. Petry

*Diretora da Revista Blumenau em Cadernos*

**Documentos  
Originais -  
Memórias**

---

**Amada Terra do  
Brasil<sup>1</sup> -  
Parte 2**

**TEXTO: PASTOR  
FRITZ LIEBHOLD**



Na manhã seguinte, realmente fui acordado no horário combinado e após o café e da breve despedida subi no carro do correio, que veio pontualmente e a meu parecer era antediluviano, embora resistente para enfrentar as péssimas condições das estradas. Enfim, partimos puxados por dois cavalos. Foi uma viagem maravilhosa, no frescor da manhã, até Rio do Testo. Em todo lugar as plantações testemunhavam a laboriosidade dos colonos alemães, cujos antepassados emigraram da Pomerânia. Suas aprazíveis casas construídas bem ao estilo das da velha pátria, a maioria em enxaimel com tijolos à vista e fuga branca, localizavam-se tanto à beira do caminho quanto nas mais afastadas colinas. Ainda hoje Testo é um belo vale. Paramos em Rio do Testo-Central e, nós, passageiros, tivemos oportunidade para tomarmos uma gasosa fresca. Os donos da hospedaria e venda da Colônia eram pessoas simpáticas e também pomeranos, chamavam-se Buhr e tinham parentesco com a família Weege, que conheci em Pomerode. No outro lado da estrada, em frente à casa, havia um imponente salgueiro, pelo menos parecia ser, mas, certamente era uma árvore exótica, seus galhos pendiam convidativos e, mais tarde, muitas vezes deixei minha montaria à sua sombra. Havia escolhido um excepcional belo lugar para morar e trabalhar.

O cocheiro Kanitz nos conduziu com seus dois HP através do belo vale do Testo até Pomerode. Ele precisava ir bem mais adiante, até Jaraguá, passando por Rio-Serro. O carro do correio parou antes da ponte do Testo para deixar-me sair. No lado direito

---

<sup>1</sup> Tradução: Annemarie Fouquet Schüncke

### Text Pastor Liebhold

#### Zweiter Teil

Am andern Morgen wurde ich tatsächlich um die angekündigte Zeit herausgeklopft und nach Kaffee und kurzem Abschied kletterte ich in die Postkutsche, die pünktlich herangerollt kam, eine - wie mir schien - vorsintflutliche Kalesche, aber stark gebaut entsprechend den schlechten Wegen, und los ging's mit den 2 Pferden davor. Es war eine wundervolle Fahrt in der Morgenfrische das Tal des Rio do Testo hinauf. Überall zeugten die Pflanzungen vom Fleiß der deutschen Kolonisten, deren Voreltern durchweg aus Pommern ausgewandert waren: allenthalben standen am Wege oder weiter landein an den hügeligen Hängen ihre freundlichen Häuser, ganz im Stile der Heimat erbaut, zumeist Fachwerkbauten aus roten Ziegeln und schön weiß gefugt. Es ist ein herrliches Tal auch heute noch, das Testo-Tal. In Zentral-Rio do Testo wurde Station gemacht, und wir paar Passagiere hatten Gelegenheit, eine kühle gazosa zu trinken. Die Wirtsleute und Besitzer der Kolonie und der Venda waren ebenfalls Pommern, sehr freundliche Menschen, sie hießen Buhr und waren verschwägert mit der Familie Weege, die ich dann in Pommerode kennen lernte. Auf der andern Seite des Weges, gegenüber dem Hause, stand eine mächtige Trauerweide, sah jedenfalls so aus, war aber sicher irgendein exotischer Baum, mit weit ausladenden herabhängenden Ästen und Zweigen, in deren Schatten ich später noch oft meine Reittiere gestellt habe. Ein ausnehmend schönes Stückchen Erde hatte man sich hier als Wohn- und Arbeitsstätte ausgesucht.

Weiter fuhr uns Kanitz, der Postkutscher, mit seinen 2 PS, immer weiter das schöne Testo-Tal hinauf, bis Pommerode; er selbst mußte mit \*seinem Gespann noch viel weiter, über Rio Serro nach Jaraguá. Kurz vor der Testo-Brücke hielt die Post an, um mich hinauszulassen. Auf der rechten Seite lag etwas zurück die Kirche und das Schulhaus, links hinter einem kleinen hübschen Vorgarten das Pommeroder Pfarrhaus, in dem sich nun bald ein Stück meines weiteren Schicksals entscheiden würde. Ich stieg aus und blieb, während die Pferde gleich wieder anzogen und das Fuhrwerk schnell hinter der Brücke meinen Augen entchwand, eine Weile auf der Straße stehen, in Gedanken verloren, in banger Erwartung der kommenden Dinge, eines neuen Hinauswurfs gewärtig. Wie würde es mir weiter ergehen?!

Nun, zu Glück und Freude für mich, diesmal sollte es anders kommen. Es war das erste gastliche Pfarrhaus, das ich in Brasilien getroffen habe, und ich preise noch heute in dankbarer Erinnerung die Pfarrersleute, die mich damals dort

ficava a igreja e a escola, à esquerda, atrás de um pequeno jardim florido, a casa do Pastor, onde se decidiria meu futuro próximo. Desci e permaneci durante algum tempo pensativo na estrada, enquanto o carro do correio desaparecia de minha vista, na expectativa do que estava por vir, talvez mais uma vez ser dispensado. O que ainda estaria por vir?!

Bem, desta vez, para minha alegria e felicidade tudo foi diferente. Esta foi a primeira casa paroquial hospitaleira que encontrei no Brasil. Ainda hoje quando lembro, louvo e agradeço ao casal pela acolhida tão gentil em Pomerode e, quando adoeci até cuidaram de mim com muita dedicação. Isso, eu jamais esquecerei, pois, depois das experiências que tive, a maneira como fui recebido foi benéfica para este solitário viajante. Isso me devolveu a confiança, não na natureza humana, mas, que entre os casais de Pastores ainda existem pessoas afetuosas e bondosas. Pode até soar um pouco contraditório, mas, por tudo o que acontecera eu estava bastante amargurado. Vem alguém da Alemanha e tem vontade de assumir um cargo difícil no Brasil, é encaminhado por seus superiores aos Pastores competentes porque não conhece ninguém e não sabe a quem se dirigir neste país desconhecido. No entanto, ninguém tem vontade de lhe dar a devida atenção. Não é para ficar amargurado?!

Basta, desta vez, felizmente foi diferente, melhor do que o esperado. Passei por um jardim muito bem cuidado, rodeado de uma cerca viva de hibisco vermelho em flor; à direita havia um caramanchão coberto com uma rosa trepadeira e no canteiro central um pé de romã. Bati palmas, a maneira de se fazer anunciar neste país. A porta de entrada e algumas janelas provavelmente estavam abertas por causa do calor. Entre, disse uma voz vinda da janela do lado esquerdo. Subi alguns degraus até a varanda, onde havia alguns vidros para criação de borboleta, como fui saber mais tarde. Entrei e fui até a sala de estudo do colega, de onde ele havia me convidado para entrar e deparei com um homem jovem de aproximadamente trinta anos. Estava estirado num divã lendo ou estudando num livro. Era loiro de cabelos levemente ondulados, o nariz bem desenvolvido e um pouco arcado. Olhou-me admirado, contudo com bondade e simpatia e com um sorriso perguntou: “O que o traz aqui? O que

in Pommerode so überaus gastfreundlich aufgenommen, ja, als ich krank wurde, sogar meiner liebevoll angenommen haben. Ich werde das nie vergessen; denn nach meinen bisherigen Erfahrungen wirkte der mir dort zuteilgewordene Empfang unauslöschlich wohltuend auf mich einsamen Wanderer. Das hat mir den Glauben wiedergegeben, nicht an die Menschheit, aber daran, daß es auch unter Pfarrersleuten doch noch liebe, gutherzige Menschen gibt. Das klingt vielleicht etwas widersinnig, aber ich war durch das bisher Erlebte ziemlich verbittert. Da kommt einer von Deutschland, der ein schweres Amt in Brasilien übernehmen soll und will, wird von seiner Behörde an die betr. Pfarrer - Amtsbrüder! - verwiesen, weil er doch sonst keine einzige Menschenseele in dem weiten, fremden Land hat, an die er sich wenden und halten kann, aber niemand hat so recht Lust, sich groß um ihn zu kümmern; da soll man nicht verbittert werden!

Genug, diesmal endlich, kam 's also wirklich anders, besser wider alles Erwarten besser. Ich kam zunächst durch einen schön gepflegten Vorgarten, der mit einer Hibiskus-Hecke, die herrlich rot blühte, umgeben war; rechts war eine Laube, über und über mit weißen Rankrosen bedeckt, im mittleren Beet stand ein Granatapfelbaum. Ich klatschte in die Hände, das landesübliche Zeichen, sich bemerkbar zu machen. Die Haustür stand weit offen, ebenso sämtliche Fenster, sicher der Hitze wegen. Aus dem linken Fenster ertönte eine Stimme: „Ja, nur reinkommen!“ Ich stieg die paar Stufen zur Veranda hinauf, an deren linker Wand ich ein paar Glaskästen hängen sah, Zuchtkasten für Schmetterlingsraupen, wie ich hernach erfuhr, und trat ins Haus und linkerhand in das Studierzimmer des Kollegen, aus der er mich eben zum Näherkommen aufgefordert hatte. Ich sah einen jungen Mann von etwa 30 Jahren lang ausgestreckt auf einer Art Chaiselongue liegen, in einem Buch lesend oder studierend. Flachsblond war sein Haar, etwas gewellt, die Nase gut entwickelt, ein wenig gebogen, die Augen blickten mich ein wenig erstaunt, jedoch gutmütig freundlich an, und sein lächelnder Mund fragte mich: „Ja, was führt Sie zu mir? Was kann ich für Sie tun?“ Er blieb dabei ruhig liegen, ein richtiger gemütlicher Pommer. Ich stellte mich vor und erzählte ihm kurz meine bisherige brasilianische Lebens- und Leidensgeschichte. Er hatte sich mittlerweile aufgerichtet und mich mit kräftigem Händeschütteln begrüßt. Ich fühlte gleich bei dieser ersten Begegnung: in dem Mann ist kein Fasch, der meint es ehrlich, so wie er spricht und sich benimmt. Als ich mit meinem Erlebnisbericht fertig war, lachte er: „Ja, ja, die lieben Kollegen! Und ihrer Frauen! Die sind noch ein Kapitel für sich! Ich kenne sie alle zur Genüge. Aber bei mir und meiner Frau brauchen Sie sich keine Sorge zu

posso fazer pelo Sr.?” Enquanto isso ficou deitado tranqüilamente, um verdadeiro jovial pomerano. Apresentei-me e lhe contei meu infortúnio aqui no Brasil. Nesse meio tempo levantara, cumprimentando-me efusivamente. Logo percebi pela maneira de falar e agir que este homem não era falso, mas honesto. Quando terminei de falar sobre minhas experiências, riu e disse: “É, os queridos colegas! E suas mulheres! Estas são um capítulo à parte! Eu as conheço bem demais! Mas, comigo e com minha mulher o Sr. não precisa se preocupar, não o mandaremos embora. Ao contrário, alegramo-nos com cada visita, ainda mais como esta, que acaba de vir da velha pátria. Bem, esteja à vontade e coloque suas coisas ali, enquanto isso eu chamarei minha mulher.” Ele desapareceu e escutei os dois rindo nos fundos da casa, provavelmente estavam se divertindo que eu havia sido dispensado em todo lugar. Voltou com sua cara metade, uma simpática jovem um pouco gordinha, assim como se imagina uma moça pomerana. Ele era pomerano, nascido na ilha Rügen e havia vindo para Pomerode no ano passado logo depois de seu casamento. Ainda estavam muito apaixonados e, por assim dizer, ainda se encontravam em lua de mel. Ela o chamava de “*Muschischen*” e ele a chamava de “*Strümpfchen*”. Era encantador! Toda atmosfera era acolhedora e logo me senti bem nesta casa paroquial em Pomerode junto ao casal Rüberg<sup>2</sup>, como os chamarei, ao contrário das recepções anteriores nada calorosas. A esposa do Pastor perguntou se já tomara café. Quando confirmei, ela retrucou: “Bem, isso a Sra. Crahdal<sup>3</sup> não deixou de fazer: levantar tão cedo para certificar-se que o Sr. fosse embora. Mas, não faz mal. Depois de uma viagem de três horas certamente o Sr. está com fome, nós o acompanharemos com prazer.” Foi um café muito agradável, que se estendeu quase até o meio-dia, apenas interrompido por um giro no jardim e na propriedade. A casa era pequena, no estilo das outras casas pomeranas, assim como já havia visto ao longo do trajeto. Como já foi dito, logo na entrada, à esquerda, ficava a sala de estudo, à direita ficava a sala de visita, o quarto de dormir ao lado do corredor, atrás deste um pequeno quarto, onde eu ficaria durante minha permanência, e do outro lado a cozinha com um fogão de tijolo. No sótão ainda havia alguns cômodos menores. Na varanda, Rüberg mostrou os grandes vidros para sua

---

<sup>2</sup> N.T. O autor se refere ao Pastor Bürger, 1 Pastor residente em Pomerode de 1910 - 1914.

<sup>3</sup> N.T. Esposa do Pastor Heinrich Radlach - Badenfurt 1909-1919.

machen, daß wir Sie auch wieder schleunigst rausbugsieren. Im Gegenteil, wir freuen uns sehr über jeden Besuch, zumal wenn er, wie Sie, soeben aus der alten Heimat kommt. Also, nun legen Sie erst mal ab! Ich werde inzwischen meine Frau rufen“. Er verschwand, und ich hörte die beiden irgendwo im Hintergrund des Hauses lachen, sie amüsierten sich wohl köstlich darüber, daß ich überall so famos abgespeist worden war. Dann erschien er wieder mit seiner besseren Hälfte, einem lieben jungen Frauchen, etwas rundlich, wie man sich so ein Pommernmädel vorstellt. Er war ja auch erst, selbst ein auf Rügen geborener Pommer, im Jahre zuvor nach Pommerode gekommen, und sie hatten kurz vor ihrer Ausreise geheiratet. Sie waren beide noch mächtig ineinander verliebt, lebten sozusagen immer noch in den Flitterwochen. Sie nannte ihn mit dem Kosenamen: „Muschichen“, und er sagte zu ihr: „Strümpfchen“. Es war zu niedlich! Ja, die ganze Atmosphäre war urgemütlich, und ich fühlte mich im Gegensatz zu den vorigen kühlen Empfängen gleich sehr behaglich in diesem Pfarrhause zu Pommerode bei den lieben Pfarrersleuten Rüberg, wie ich sie nennen will. Frau Pastor fragte mich, ob ich schon Kaffee getrunken hätte. Als ich bejahte, meinte sie: „Na ja, das hat sich also Frau Crahdal doch nicht nehmen lassen, so früh aufzustehen, nur um Sie sicher loszuwerden. Aber, macht nichts. Sie werden nach der langen Fahrt von 3 Stunden sicher wieder Hunger haben, und wir halten gern noch mal mit“. Es wurde denn auch ein recht schönes Kaffeestündchen, das sich fast bis zum Mittagessen ausdehnte, unterbrochen nur von einem Gang durch Haus und Garten und Hof. Das Haus war klein, so gebaut wie die andern Pommernhäuser, die ich schon unterwegs gesehen hatte. Links vom vorderen Eingang lag, wie schon gesagt, sein Studierzimmer, rechts das Wohnzimmer, den Flur weiter durch das Schlafzimmer, dahinter eine kleine Kammer, die mir für die Dauer meines Aufenthaltes angewiesen wurde, und gegenüber die Küche mit einem aus Ziegeln aufgemauerten Herd, im oberen Stockwerk noch ein paar kleine Dachzimmer. Auf der Veranda zeigte mir Rüberg auch seine großen Glaskästen für seine Zucht von Schmetterlingsraupen, die ich dann später selbst übernommen habe. Im Hof hinter dem Hause stand ein kleiner Bau, der als Badehäuschen diente, die Badewanne war allerdings ein großer Holzbottich. Dann ging's weiter auf die Weide hinaus, wo sich seine Reittiere tummelten, eine Schimmelstute mit einem dunklen Fohlen und ein weißes Maultier, ein weibliches, also eine mula, die sehr bockig war, wie mir Rüberg erzählte. „Können Sie reiten?“, fragte er mich. Ich erklärte, ich sei in Elberfeld den Pferden immer in großem Bogen aus dem Wege gegangen. Er meinte gemütlich: „Nun, das legt sich. Jedenfalls müssen Sie erst mal

criação de borboletas, que mais tarde eu mesmo assumi. No pátio atrás da casa havia uma pequena construção que servia de banheiro, porém a banheira era uma cuba de madeira. Continuamos até o pasto onde estavam os cavalos, entre estes um cavalo branco com um potro escuro e uma mula branca muito teimosa, como Rüberg contou. Perguntou-me, “sabe montar?” Disse que em Elberfeld sempre dava uma volta bem grande para desviar-me dos cavalos. Retrucou: “Isso passa. Em primeiro lugar precisa aprender a cavalgar. Como é que pretende chegar a Santa Tereza?” Eu ainda não tinha pensado nisso! Os outros colegas também não haviam mencionado nada a respeito, pelo jeito deixaram para Rüberg resolver. Ele prosseguiu: “Primeiro usará o cavalo branco, embora seja um pouco alto, mas logo aprenderá a montá-lo e não cairá tão facilmente. Além disso, é um marchador, quer dizer: tem o caminhar de camelo, coloca a um só tempo as duas patas direitas e as duas esquerdas para frente, é como se estivesse sendo embalado, melhor que trote. Hoje o Sr. vai descansar e amanhã cavalgaremos, por assim dizer juntos no “cavalo branco” como outrora a rainha dos elfos de *“Tom dem Reimer”* (sic). Vai ver, será divertido”. E desatou a rir. Embora sentisse um pouco de medo, mesmo assim estava contente com a brincadeira. Enquanto isso passaram dois gatos: a gata *“Munnie”* e o gato *“Kudraleben”*. Tanto ele como sua mulher tinham apelidos para todos. Ainda mostrou as laranjeiras e os pés de tangerina, treze ao todo, também tinha pessegueiros e goiabeiras, uma fileira de uva moscatel e uma plantação de cana-de-açúcar que servia de alimento para o gado. Uma bela propriedade de fazer inveja. Depois de termos visto tudo, a mulher do Pastor chamou para o almoço e mais uma vez sentamos à mesa num ambiente cordial. Ainda hoje me recordo que havia repolho colhido da própria horta preparado à moda pomerana, nós diríamos rolinhos de repolho. Em todo caso estava delicioso.

Após uma curta sesta na varanda, o Pastor e eu fomos até a venda do Sr. Fritz Weege, que ficava perto da casa paroquial, para emprestar uma sela. Uma sela brasileira é algo bem diferente, um pouco esquisita em relação às alemãs e inglesas. O selim, ou seja, a sela para mulheres na qual se senta de lado é bem mais simples, pois, todos os apetrechos estão presos, a não ser o cobertor de algodão que é colocado sobre o animal. O assento parece uma poltrona. As mulheres estão bem seguras no selim, é impossível cair, mesmo com as estradas

reiten lernen, wie wollen Sie sonst nach Sta. Thereza kommen?“ Daß ich daran noch gar nicht gedacht hatte! Doch auch von den andern Kollegen hatte kein einziger etwas davon erwähnt, sie hatten sich alle scheint 's auf den guten Rüberg verlassen. Dieser fuhr fort: „Also ich werde Ihnen zunächst mal meinen Schimmel geben. Der ist zwar ein bißchen hoch, aber Sie werden schon das In-den-Sattelkommen lernen, und runterfallen werden Sie so leicht auch nicht. Außerdem ist das Pferd ein sogen. marchador d. h. er geht den Kamelgang, beide rechten Beine vor, beide linken Beine vor, ich meine gleichzeitig, das ist wie in einer Wiege und viel angenehmer als Trab. Also heute ruhen Sie mal erst rundum aus, und morgen reiten wir zusammen los, beide sozusagen auf einem „weißen Roß“, wie weiland Tom dem Reimer seine Elfenkönigin. Sie werden sehen, es macht Spaß“. Dabei lachte er behäbig. Na ja, auf den Spaß freute ich mich auch, obwohl ich ein wenig Angst hatte. Mittlerweile kamen zwei Katzentiere den Hof entlang geschlichen und strichen an unsern Hosenbeinen Lang; die Katze rief er „Munnie“ und den Kater „Kudraleben“. Er wie sie hatten eben für alles ihre besonderen Kosenamen. Schließlich zeigte er mir noch seine zahlreichen - ich glaube, es waren 13 - Laranjen - und Tanjerinen-Bäume, auch ein paar Pfirsichbäume und Goyabas, einen langen schönen Laubengang mit Muskateller-Weinstöcken und eine cana- (Zuckerrohr-) Pflanzung, die zur Fütterung seiner Reittiere diente. Alles in allem, ein wunderschönes Anwesen, um das ich ihn fast beneidete. Nachdem wir die eingehende Besichtigung beendet hatten, rief die Frau Pastor zum Mittagessen, und wir setzten uns - wieder ganz gemütlich - zu Tisch. Es gab - ich weiß es noch heute - gefüllten Kohl aus dem eigenen Gemüsegarten, -sie nannte es „Köhljen“, wie sie gern alles verniedlichte - auf pommersche Art zubereitet, wir wurden wohl „Kohlrouladen“ dazu sagen. Jedenfalls schmeckte es ausgezeichnet.

Nach einer kurzen Siesta im Schatten der Veranda, machten wir beiden Männer einen Spaziergang zu der Venda des Herrn Fritz Weege gleich in der Nachbarschaft oberhalb des Pfarrhauses, wo er einen Sattel für mich lieh. Solch ein brasilianischer Sattel ist ein Ding von besonderer Art, ein sehr weitläufiges Kuriosum im Vergleich zum deutschen oder englischen Sattel. Der selin d. i. der Damensattel, in dem man ja seitlich sitzt, ist wesentlich einfacher insofern, als an ihm alles Zubehör befestigt ist außer der Baumwolldecke, die unmittelbar auf das Reittier gelegt wird; der Sitz ist wie ein Klubsessel gearbeitet d. h. muldenförmig und mit einem handbreit hohen Rank, vorn links ist ein gepolstertes Horn, über das das rechte Bein gelegt wird. Die Frauen sitzen also sehr fest im Sattel, ein Herunterfallen ist schlechterdings

péssimas. A vantagem do selim é que a mulher pode segurar uma criança no colo, o que é natural nas mulheres de colono. Mais tarde, também minha mulher sempre levava uma das crianças consigo – ao contrário das outras mulheres de Pastores que não conseguiam montar dessa maneira.

Depois de Rüberg e eu termos juntado todos os apetrechos necessários para a sela, fomos para casa a fim de, no dia seguinte, experimentarmos meus conhecimentos de equitação. A primeira vez que montei foi bem melhor do que o esperado. Cavalgamos o rio Pomerode acima até o vale do Rio do Teste. Mais uma vez observei a demonstração do esforço e da prosperidade dos pomeranos alemães. Após mais ou menos uma hora alcançamos a venda do Sr. Wilhelm Weege, irmão do acima mencionado Fritz Weege. Ambos tinham cabelos brancos, ombros largos, rosto arredondado e rechonchudo com faces rosadas e cabeça expressiva. Foi um pouco difícil desmontar do cavalo, eu me sentia enrijecido e entrevado. Depois de bebermos uma gasosa fresca e conversado com o velho, consegui montar bem, então voltamos para casa. Mas, após a cavalgada sentia meus ossos e algo mais. Mesmo que fosse divertido era cansativo cavalgar durante muito tempo. Em breve deveria montar durante horas e dias. Disso tinha receio, enfim, tudo é questão de costume, porém, teria de treinar bastante. Foi o que fiz e o bondoso Rüberg sempre me acompanhava. Num domingo em que teve de officiar o culto em Rio Serro, que ficava a algumas horas de distância, fiquei em casa porque achava que não estava preparado para acompanhá-lo. Além disso não estava me sentindo bem, pois havia comido melancia e tomado água simultaneamente e senti as conseqüências. As duas águas – melancia e água potável – não se deram bem. Tive disenteria da pior espécie. O casal Rüberg cuidou de mim de modo comovente e os remédios homeopáticos fizeram com que me restabelecesse em três dias. Apenas sentia fraqueza, isto também passou depressa, eu era jovem e resistente. Mesmo assim, consegui cavalgar com o cavalo marchador branco. Visitamos nosso colega vizinho – no Brasil entende-se por vizinhança tudo o que está num raio de muitos quilômetros ou a várias horas de distancia – em Timbó, Pastor Sauker<sup>4</sup> e família, aos quais precisava entregar um pacote que me fora enviado por seus parentes na Alemanha. Eram pessoas muito simpáticas, originárias da região “Mark”

---

<sup>4</sup> N.T. O autor se refere ao Pastor Krause - Comunidade Evangélica de Timbó de 1908- 1921.

nicht möglich. Selbst bei den miserablen Wegen nicht. Außerdem hat der selin den Vorteil, daß sie ein Kind im Schoß halten können, was bei den Kolonistenfrauen selbstverständlich war, aber auch meine Frau hat später – im Gegensatz zu den andern Pfarrfrauen, die das nicht fertig brachten, – immer eins von unsern Kindern bei unsern Ausritten oder weiten Reisen zu Pferd auf dem Schoß gehabt.

Nachdem Freund Rüberg und ich alles zusammenhatten, was zu einer sela gehört, beluden wir uns mit dem ganzen Sattelzeug und marschierten zum Pfarrhaus zurück, um am folgenden Tag meine Reitkunst auszuprobieren. Diese meine Première gelang besser, viel besser, als ich gedacht. Wir ritten das Pommerode-Flüßchen hinauf, ein Seitental des Rio do Testo. Wiederum überall Zeugnisse von dem Fleiß und Wohlstand der dort angesiedelten Pommern-Deutschen. Nach etwa einer Stunde erreichten wir die Venda von Wilhelm Weege, dem Bruder des o. gen. Fritz Weege, beide weißhaarige kräftige breitschultrige Männergestalten mit runden, fleischigen, rotbackigen Gesichtern, prächtige Charakterköpfe. Das Absteigen fiel mir ein bißchen schwer, ich fühlte mich ziemlich steif und lahm. Aber nachdem wir uns an einer kühlen gasosa gelabt und angeregt mit dem Alten unterhalten hatten, klappte das Aufsitzen wieder ganz gut, und heimwärts ging's. Aber nach dem Ritt spürte ich doch meine Knochen und verschiedenes andere, merkte, daß das Reiten, wenn es auch Spaß machte, doch auf die Dauer eine anstrengende Sache ist. Und dabei sollte ich doch bald nicht nur stunden sondern tageweite Ritte machen. Mir bangte etwas davor, aber schließlich ist alles Gewonnheit. Jedenfalls mußte ich schon viel trainieren. Das tat ich denn auch, und der gute Rüberg ritt immer getreulich mit mir aus. Nur am Sonntag hatte er in einem einige Reitstunden entfernt liegenden Filial, in Rio Serro, Gottesdienst zu halten; dem fühlte ich mich noch nicht gewachsen und blieb daher zu Hause. Außerdem fühlte ich mich garnicht wohl, und dann bekam ich auch die Folgen davon zu spüren, daß ich leichtsinniger – oder unerfahrenerweise auf den Genuß von Zuckermelonen Wasser getrunken hatte. Die beiden „Zucker“ und „Wasser“, vertrugen sich eben nicht miteinander. Ich kriegte es mit der schönsten oder richtiger übelsten „Roten Ruhr“ zu tun. Die beiden Pfarrersleute pflegten mich rührend, und durch homöopathische Mittel, Schleimsuppen u. dergl. war ich in 3 Tagen wieder soweit hergestellt, nur noch ein bißchen schwach auf den Beinen. Doch auch das legte sich schnell bei meiner gesunden Jugend und anerkannten Zähigkeit, und auf dem gemütlichen Marchador-Schimmel konnte ich trotzdem ausreiten. Wir besuchten den Nachbarkollegen – unter Nachbarschaft ist drüben immer eine etliche Kilometer oder gar Stunden

(sic). Ele tinha 33 anos e já estava há alguns anos em Timbó. Sua casa era aconchegante e administravam com eficiência a propriedade paroquial. Fomos recebidos gentilmente e pretendíamos ficar somente algumas horas. No outono daquele ano tornei-me padrinho de seu filho – creio que era o terceiro – e mais tarde ele foi padrinho de um dos meus filhos. Naquela primeira visita tivemos a oportunidade de admirar o salto Sta. Maria em Timbó. Ainda visitamos o Pastor Berlag e Sra. em Vila Itoupava. Os cômodos da casa paroquial eram deveras pequenos, não havendo praticamente espaço entre os móveis. Quando a porta de entrada era aberta pelo lado de fora, ela batia contra um móvel – era a escrivaninha que ficava rente à porta – não havia vestíbulo, a entrada era diretamente pela sala de estudos. O casal, natural da Silésia, não estava há muito tempo em Vila Itoupava. Ele tinha trinta e dois anos e resolveu ir para o exterior por causa de um desentendimento com um chefe de algum patrocínio. Eram pessoas de bem, um pouco cheio de nove horas como minha mãe, que também era de lá. Os caracterizava. De mais, ele exibia um belo cavanhaque e um bigode bem tratado, dando a impressão que se orgulhava dos mesmos, pois freqüentemente acariciava o cavanhaque.

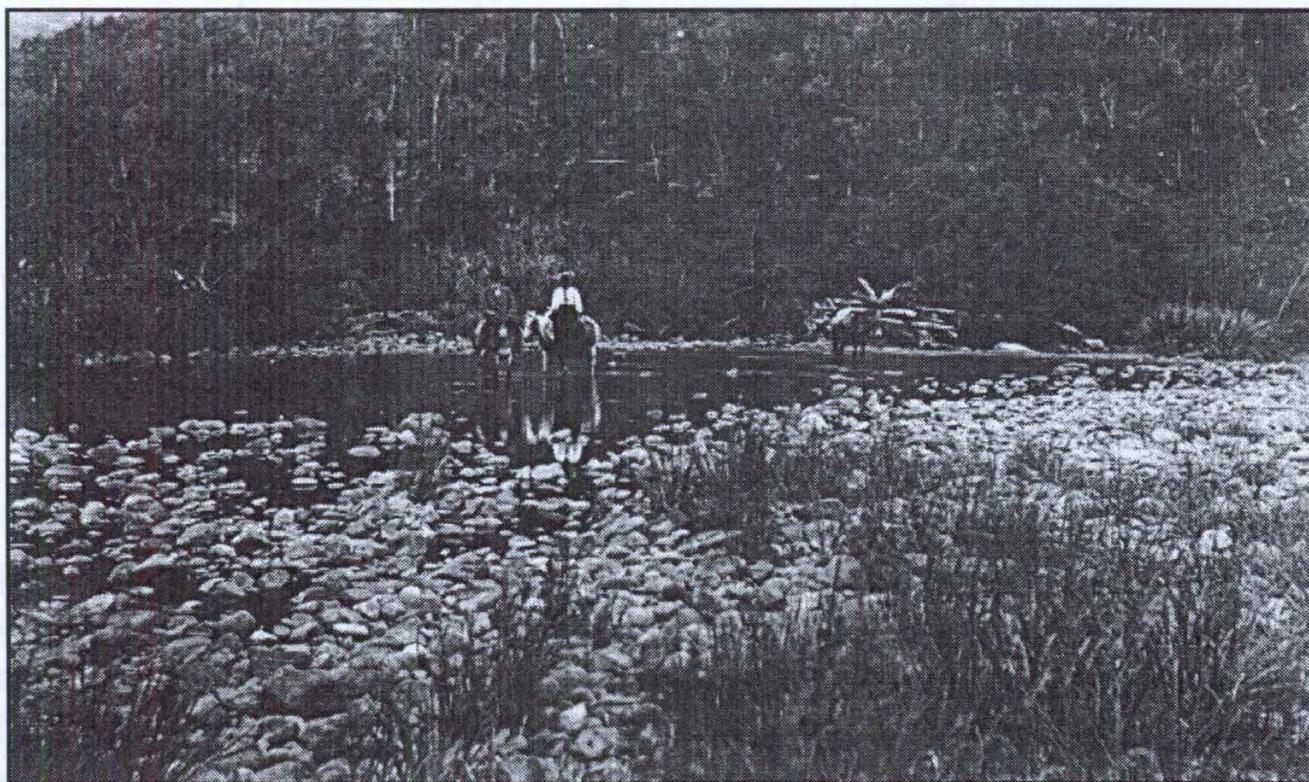
Infelizmente estavam terminando depressa demais os bons dias na hospitaleira casa paroquial de Pomerode. Fomos tomar banho algumas vezes no ribeirão Pomerode logo abaixo da magnífica queda d'água. A margem era coberta por densa vegetação, a água agradavelmente fresca e, lá, pela primeira vez vi as grandes e belíssimas borboletas azuis de cor metálica – duas a três vezes maiores do que as da Alemanha – voavam vagarosa e até diria majestosamente sobre a água.

Num dia cavalgamos até um conhecido de Rüberg, mercador de cavalos, onde ele havia comprado seus animais. Ele usava uma densa barba escura e tinha um vozeirão. Aconselhado pelos dois entendidos, comprei um burro, denominação dada ao cruzamento de burro e cavalo. Era um macho castrado, excepcionalmente grande, de cor mista – clara ao marrom avermelhado – seu andar era marcha troteado, um misto de marcha e trote, enfim não tão afoito como um troteador. Radke garantiu que ele poderia manter este trote o dia

weite Entfernung zu verstehen - in Timbó, Pastor Sauker mit Frau und Kindern, denen ich noch ein Päckchen von Verwandten abzugeben hatte, das mir in Deutschland für sie zugeschickt worden war. Das waren auch sehr nette Leute, stammten aus der Mark, er war damals etwa 33 Jahre alt, sie waren schon ein paar Jahre in Timbó, hatten ein gemütliches Haus und betreuten fleißig ihr schönes Pfarranwesen. Wir wurden sehr freundlich aufgenommen, wollten ja aber auch nur ein paar Stunden bleiben. Im Herbst des Jahres wurde ich Pate bei ihrem nächstgeborenen Kind - ich glaube, es war das dritte - und er wurde später Pate bei einem von unsern Kindern. Bei unserm damaligen ersten Besuch hatten wir auch Gelegenheit, den Sta. Maria-Wasserfall bei Timbó zu bewundern. Weiter machten wir einen nachbarlichen Besuch bei Pastor Berlag und Frau in Itoupava, die in sehr beschränkten räumlichen Pfarrhaus-Verhältnissen wohnten, bei ihnen stießen sich buchstäblich „hart“ im Raume die Sachen“. Machte man von draußen die Tür auf, schlug sie gleich gegen ein Möbelstück, - es war sein Schreibtisch, der unmittelbar neben der Tür stand, - denn man trat ohne Flur sofort in sein Studierzimmer. Die beiden Eheleute waren noch nicht lange in Itoupava, stammten aus Schlesien, er war etwa 32 Jahre alt, sollte wegen eines Krachs mit irgendeinem Patronatsherrn ins Ausland gegangen sein; beide sehr feine Menschen, so ein bißchen „etepetete“, wie meine Mutter, die selbst Schlesierin war, die Schlesier gern charakterisierte. Er trug übrigens einen wunderschönen Spitzbart und einen vollen, wohlgepflegten Schnurrbart, auf den er - hatte ich den Eindruck - nicht wenig stolz war; denn er strich öfter den Schnurrbart zurecht und streichelte liebevoll seinen Kinnbart.

Leider gingen die schönen Tage meines Aufenthaltes im gästlichen Pfarrhause zu Pommerode nur allzusehr vorüber. Ein paarmal waren wir auch baden gegangen in dem Pommerode-Flüßchen gleich unterhalb eines prächtigen Wasserfalls. Das Ufer war dicht mit Bäumen bestanden, das Wasser war herrlich kühl, und zum erstenmal sah ich große - 2-3 mal so groß wie in Deutschland - wunderschöne, bläulich-metallenen schimmernde Schmetterlinge, die langsam, ich möchte fast sagen: majestätisch, über das Wasser dahingaukelten. An einem Tage ritten wir noch zu einem Rüberg bekannten Vieh- und Pferdehändler, von dem er seine Reittiere gekauft hatte. Es war ein Mann mit einem mächtigen dunklen Vollbart und einer Bärenstimme. Ich kaufte auf den sachverständigen Rat der beiden Männer ein Maultier für mich, einen burro (buru) d. h. wörtlich: „Esel“, so werden diese Kreuzungen zwischen Pferd und Esel allgemein bezeichnet; es war ein ausnahmsweise großer macho (mah' schu) d. h. ein männliches, geschnittenes Maultier, die Farbe

inteiro e por isso seria o animal adequado para minhas futuras viagens. Bem, não se pode confiar totalmente num mercador de animais, mas, desta vez não fui enganado, embora, o preço tenha sido muito alto. Eu deveria usar 250 mil-réis dos fundos de caixa para missionários para a aquisição de dois animais, no entanto, somente para este belo exemplar foram exigidos 250 mil-réis.



Travessia no rio Caeté feita a cavalo

Evidentemente que os Srs. em Berlim não estavam devidamente informados sobre o preço de animais de montaria no Brasil. Depois de muita negociação, sem a qual não se resolve nada por lá, concordamos com 230 mil-réis. Mas, meu dinheiro não foi suficiente para comprar um segundo animal, para este teria de tirar do meu próprio bolso. Por outro lado não poderia comprar um animal menos resistente e mais barato para as minhas futuras viagens, que poderiam durar semanas. Isso deveria ter sido considerado em Berlim, mas, nenhum destes Srs. esteve no Brasil, pelo menos não a cavalo e pelo interior. Mais tarde constatei que realmente fizera uma boa aquisição com meu Jack, óbvio que tinha suas esquisitices como todos os burros. Mas era persistente,

<sup>5</sup> N.T. O autor se refere ao Pastor Walter Mummelthey - Comunidade Evangélica Blumenau-Centro 1906-1916.

hell- bis rotbraun, der Gang: marchatroteada, ein Mittelding zwischen Marsch und Trab, also ein nicht so starker Stoßer und Werfer wie ein reiner Traber. Diesen Gang könne der macho, versicherte mir Radtke, der Händler, den ganzen Tag aushalten, weswegen er ihn mir als sehr geeignetes Reittier für meine zukünftigen weiten Reisen angelegentlich empfahl. Nun kann man ja solchem Viehhändler lange nicht immer trauen, aber diesmal wurde ich wirklich nicht angeschmiert. Allerdings war der Preis arg hoch. Ich sollte aus der Reisepredigerkasse zur Beschaffung zweier Reittiere den Gesamtbetrag von 250 Milreis erhalten. Für diesen schönen macho aber wurden allein 250 Milreis gefordert. Die Herren am grünen Tisch in Berlin waren offenbar über den Preis von Reittieren in Brasilien nicht genau informiert. Nach etlichem Handeln und Feilschen, ohne das es drüben nun mal nicht geht, einigten wir uns auf 230 Milreis. Für ein zweites Reittier würde mein Geld also nicht mehr reichen, ich mußte es mir dann aus eigener Tasche kaufen. Andererseits durfte ich mir aber für meine bevorstehenden wochenlangen Reisen keinen weniger leistungsfähigen, schwachen Esel – so sagt man kurz statt Maultier – anschaffen, der natürlich billiger gewesen wäre. Das hätte man in Berlin eigentlich erwägen müssen, aber – es war ja noch keiner der Herren selbst in Brasilien gewesen, jedenfalls nicht reitenderweise im Innern dieses Landes. Jedenfalls aber hatte ich wirklich, wie sich später immer mehr herausstellte, mit meinem Jack ein ausgezeichnetes Tier erworben. Natürlich hatte er auch sonst noch einige Mucken, wie sie alle Maultiere haben. Aber er war sehr ausdauernd, genügsam, ging sicher in stockdunkler Nacht und auf schmalen Pfaden und Graten hart an Abgründen entlang, durch Wasser, auch wenn er schwimmen mußte, die steilsten Berge hinauf und hinab, ging später auch im Wagen kurzum er war mein bewahrter treuer Begleiter durch alle zehn Jahre hindurch, die ich in Brasilien war. - Zum Esel gehört selbstverständlich ein Sattel, den kaufte ich mir bei Fritz Weege, silberbeschlagen, mit einem wunderschönen Pfauenmuster, dazu Zaumzeug, silberne Steigbügel, leider nur schmal, in die man nur mit den Stiefelspitzen hineinkam - später erst habe ich mir auf Grund böser Erfahrung breite mit beweglicher Fußplatte, ebenfalls aus Silber besorgt - weiter ein paar lange Reitstiefel mit Sporen, schließlich eine geflochtene Reitpeitsche mit einem großen, dicken Schlagring daran als erste Waffe für alle Fälle; einen breiten Ledergurt für meinen Trommelrevolver, den ich aus Deutschland mitgebracht hatte; und ein kurzes Waldmesser, ein *facão* (fakong), habe ich mir dann in Sta. Thereza anfertigen bzw. schmieden lassen - der Schmied war ein Deutscher und hieß Alex Claumann.

Am Freitag vor dem für meine Einführung bestimmten Sonntag ritt ich

moderado, caminhava com segurança pela noite escura através de caminhos estreitos, cume de montanhas e beira de precipícios. Passava por água, subia e descia os morros mais íngremes, enfim, foi um fiel companheiro durante os dez anos que estive no Brasil. Evidente que o burro precisava de uma sela, que comprei de Fritz Weege. Tinha ornamentos de prata – um belo pavão – também adquiri os arreios, estribos de prata, infelizmente um pouco estreitos, pois só cabia a ponta da bota – somente mais tarde, após uma experiência desagradável, adquiri mais largos também de prata com apoio móvel – botas de cano longo com esporas, e por fim um chicote trançado com uma argola grossa, que em caso de necessidade serviria como arma, um cinto largo de couro para meu revolver que havia trazido da Alemanha e um facão confeccionado em Sta. Thereza. O ferreiro era alemão e se chamava Alex Claumann.

Na sexta-feira antes do domingo de minha apresentação voltei à Blumenau montado em meu Jack com a promessa de retornar, se possível, no mesmo dia à tarde para ficar com o casal Crahdal mais alguns dias até a partida para Sta. Thereza. Nossa despedida foi muito cordial e senti uma profunda gratidão para com estas duas pessoas queridas, pois sem sua ajuda efetiva teria ido completamente despreparado para meu futuro campo de ação. No sábado tive bastante tempo para discutir com Pastor Hymmelmet<sup>5</sup> tudo o que se referia à minha apresentação, embora, isso tenha sido num desconfortável quarto de hotel. Domingo, 29.01.1911, fui apresentado como missionário do Estado de Santa Catarina na igreja de Blumenau. O culto teve uma ótima participação por causa desta solenidade. Mas, no discurso do presidente da conferência pastoral senti muita falta de calor humano, digamos, uma certa maneira de se sensibilizar comigo em vista da difícil missão que eu tinha pela frente. Não havia um contato pessoal, era tudo rotina, comercial, sem sentimento. E assim, esta cerimônia tão importante para mim se tornou tediosa. Após o culto fui apresentado ao Conselho da Igreja Evangélica da Comunidade de Blumenau e convidado magnanimamente para o almoço. Todos ficaram boquiabertos quando relatei com entusiasmo os dias que passei em Pomerode. Bem, embora eu estivesse sob a guarda do colega presidente da Conferência Pastoral de Blumenau, nem mesmo ele se preocupou como eu iria a Sta. Thereza sem uma montaria, ou saber se eu cavalgava, pois não havia outra possibilidade de chegar até lá.

dann schon auf meinem Jack nach Blumenau zurück mit dem Versprechen – auf die Bitte der beiden Pommeroder Pfarrersleute hin – wenn möglich gleich am Sonntag Nachmittag doch noch die paar Tage bis zu meiner Abreise mit Pastor Crahdal nach Sta. Thereza zu ihnen zu kommen. Unser Abschied war sehr herzlich, und ich war von tiefstem Dank gegen diese beiden lieben Menschen erfüllt; denn ohne ihre tätige Hilfe hätte ich ganz unvorbereitet meine Reise in mein künftiges Arbeitsgebiet antreten müssen. Am Samstag hatte ich dann noch genügend Zeit, alles Nähere betr. meiner Einführung mit Pastor Hymmelmuet zu besprechen und mich in aller Ruhe vorzubereiten, allerdings in einem ungemütlichen Hotelzimmer. Am Sonntag, dem 29.01.1911 fand endlich meine Einführung als Reiseprediger des Staates Sta. Catharina in der Kirche zu Blumenau statt. Der Gottesdienst war auf Grund des besonderen Anlasses sehr gut besucht. Aber in der Ansprache des Herrn Vorsitzenden der Pastoral-Konferenz vermißte ich doch sehr eine gewisse Wärme, ein Mit-mir-fühlen im Blick auf meine bevorstehende schwere Aufgabe. Es war kein innerer Kontakt da, es klang alles so routinemäßig, so geschäftsmäßig, es war kein Herz darin. Und so bekam die ganze, für mich doch so bedeutsame Feier einen sehr nüchternen Charakter. Nach dem Gottesdienst wurde ich den Herren vom Kirchenvorstand der evangelischen Gemeinde Blumenau vorgestellt und dann großmütig zum Mittagessen ins Pfarrhaus eingeladen, wo man Ohren und Augen aufsperrte bei meinem begeisterten Bericht über die Tage im Pfarrhause zu Pommerode. Ja, darüber hatte sich selbst der Blumenauer Kollege als Vorsitzender der Pastoral-Konferenz, dessen Sorge ich doch von der höchsten deutschen Kirchenbehörde anvertraut war, noch gar keine Gedanken gemacht, wie ich nach Sta. Thereza kommen sollte ohne Reittier, ja ohne überhaupt reiten zu können, es gab doch sonst gar keine Möglichkeit, dort hinauf zu kommen. Es mangelte eben jegliche Organisation, und es mangelte vor allem an der Hilfsbereitschaft, die mir so großherzig von Berlin in Aussicht gestellt worden war, und in der sich die „brüderliche Liebe“ hätte tätig beweisen können. Alles, bis auf Pommerode, war eine einzige große und bittere Enttäuschung für mich als ungebetenen und unwillkommenen Fremdling.

Am Sonntag Nachmittag nach meiner Einführung sattelte ich mir meinen Jack, der sich inzwischen auf der Pfarrweide zusammen mit den pfarrerherrlichen Rettieren gütlich getan hatte, und ritt wieder los in Richtung Pommerode. Das war ein Ritt von mindestens 5 Stunden. In Badenfurt kehrte ich zunächst noch mal ein, wobei es wieder einen sehr beredten Empfang gab, während ich mit meinem

Havia falta de organização e principalmente falta de disposição para ajudar, que Berlim colocara em vista de maneira magnânima, pois, através de boa vontade poderiam ter demonstrado efetivamente o “amor fraternal”. Tudo, fora Pomerode foi uma grande e amarga desilusão para mim, considerado como um indesejável e inoportuno forasteiro.

Domingo à tarde depois da apresentação selei meu Jack, que ficara no pasto da paróquia junto aos outros cavalos, e retornei a Pomerode. Foi uma cavalgada de mais ou menos cinco horas. Em Badenfurt fui à casa do Pastor para combinar com meu antecessor a viagem para Sta. Thereza e, mais uma vez fui recebido pela mulher como “Sr. missionário”. Ele chegou a ser ríspido com ela dizendo: “Anni, quantas vezes terei de dizer que ‘missionário’ identifica a

função e não é título. Isso com o tempo está virando bobice”. Certamente se lembrava de seu recente e curto tempo como missionário. Ela apenas sorriu.



Pastor Fritz Liebhold - 1915

Já era tarde quanto parti - permanecera mais tempo do que o previsto - e escurecera. Eu não estava acostumado a cavalgar à noite - óbvio que não havia iluminação pública - era a primeira vez que isto me acontecia e causava um pouco de medo. Ainda mais que chovera e trovejara durante toda a tarde. Já havia presenciado muitas trovoadas no Brasil, elas passavam tão rápido quanto vinham, às vezes duravam três a quatro horas e então o sol brilhava com

<sup>6</sup> N.T. Escola que reunia em uma classe os quatro anos do ensino básico.

Vorgänger den Termin für unsere Abreise nach Sta. Theresa besprach. Einmal wurde er jedoch diesmal sehr ungehalten und fuhr sie an: „Anni, wie oft habe ich Dir schon gesagt, daß „Reiseprediger“ nur das Amt bezeichnet, aber kein Titel ist. Das ist auf die Dauer albern.“ Er dachte da wohl an seine eigene, sehr kurze Reisepredigerzeit, die ja noch nicht lange zurücklag. Sie aber steckte auch diesmal wieder den Verweis ungerührt lachend ein. – es war schon ziemlich spät, als ich endlich von Badenfurt aufbrach - ich hatte mich viel länger verweilt, als ich vorhatte und auch Zeit hatte - und es wurde mir bald dunkel. Im Dunkel reiten - Straßenlaternen gabs natürlich nicht - das war etwas gänzlich Ungewohntes für mich, das passierte mir zum erstenmal und kam mir doch ein bißchen unheimlich vor. Dazu hatte es den ganzen Nachmittag schon geregnet bei Gewitter.

Gewitter habe ich ja mehr als genug in Brasilien erlebt, sie kamen sehr oft und manchmal sehr schnell, zogen aber auch oft ebenso schnell vorüber, dauerten 2-3 Stunden, dann schien die Sonne wieder mit aller Glut vom Himmel hernieder, und man saß im Sattel wie in einem irischen Dampfbad, man sah den Dampf sogar von einem etwa entgegenkommenden Reiter aufsteigen oder ihn darin gleichsam eingehüllt, wie in einen Nebel. Nach jenem Gewitter auf meinem Sonntagsritt nach Pomerode wurde es noch dunkler, da die Wolken weiter am Himmel jagten. Meinen von Deutschland mitgebrachten Lodenmantel, hatte ich längst ausgezogen, es war ja zu schwül.

Der Brasilianer auf dem Lande trägt keinen Mantel, sondern einen poncho oder eine palla, das eine ein großes rundgeschnittenes Stück Tuch mit Fransen und einem runden Loch, um den Kopf hindurchzustecken, das andere ein großes viereckiges Stück Tuch mit einem viereckigen Loch zu demselben Zweck. Meinen Mantel hatte ich wie immer wieder hinter dem Sattel aufgeschnallt, und es war mir in meinem weißen Leinanzug angenehm kühl, zumal nach dem Gewitter die Temperatur etwas gesunken war. Leider war die Straße, die ja sowieso eigentlich keine Straße war, sondern nur ein Karrenweg, nach dem allzu ausgiebigen Regen, der in tropischen und subtropischen Regionen fast immer wie aus Eimern geschüttet vom Himmel herabgießt, die reine Schmierseife, ein einziger aufgeweichter Lehmmatsch, durch den mein Esel allerdings ruhig dahintrottete oder jetzt wegen der Rutschgefahr – er war noch nicht beschlagen meist im Schritt ging; er schien das während seiner dreijährigen Praxis schon gewöhnt zu sein. Ich kam mir auf meinem einsamen Ritt durch das Dunkel wie ein richtige waschechter Brasilianer vor, es schien mir alles sehr romantisch. Aber es sollte noch viel romantischer

força total. Ao cavalgar, parecia que se estava num banho turco, era possível ver o vapor como se fosse neblina desprender-se ou envolver um cavaleiro que viesse ao encontro. Depois daquela trovoadade de domingo ainda escureceu mais durante o percurso a Pomerode e as nuvens disparavam céu afora. Havia tirado a capa de chuva que trouxera da Alemanha, pois estava muito abafado. O brasileiro do campo não usa capa, mas poncho - um pano grande redondo com franjas e um buraco redondo para passar a cabeça - ou *palla* - um pano quadrado com um buraco também quadrado para a mesma finalidade -. Como sempre prendera minha capa atrás da sela, estava agradavelmente fresco com o terno de linho branco, ainda mais que a temperatura havia caído depois da trovoadade. Infelizmente a estrada - na realidade nem era uma estrada, nada mais que um caminho para carroças - estava um sabão e pura lama depois de tanta chuva, que nas regiões tropicais e subtropicais mais parece ser despejada de baldes e por onde meu burro trotava tranqüilamente, embora, agora andava mais devagar porque ainda não havia sido ferrado. Ele já havia adquirido prática em seus três anos de andanças. Eu me sentia como um autêntico brasileiro cavalgando na escuridão e achava tudo muito romântico. Mas, ainda ficaria mais romântico, ou melhor, o contrário. Jack também achou a escuridão inquietante, de vez em quando estremecia. De repente ouviu-se um ruído na cerca viva ao lado do caminho, com certeza um gambá. Meu burro reagiu jogando-se repentinamente para o lado esquerdo e ao mesmo tempo eu estava estendido na lama com meu novo e bonito terno branco ao lado da cerca. Felizmente não ficara preso no estribo estreito, como mais tarde aconteceu. Após o susto levantei - não senti nada, felizmente estava bem - e tentei transpor a escuridão. Meu primeiro pensamento foi: "onde está o meu burro?" Livre de sua carga, olhava-me parado. Levantei devagar, o que não foi possível sem o auxílio das mãos. Percebi que havia perdido uma espora, procurei no lamaçal até encontrá-la. E agora? Felizmente avistei uma luz um pouco adiante, deveria ser de uma casa. Agarrei meu Jack pelas rédeas e caminhei em direção da luz, cheguei à uma porta aberta, da qual irradiava luz de lamparina - de petróleo é claro. Logo percebi que era uma família alemã sentada em volta de uma mesa, lendo e conversando. Olharam o forasteiro, que repentinamente saiu do escuro, espantados e até desconfiados, ainda mais do jeito que se apresentava - a roupa suja de lama, bem como as mãos com uma crosta da mesma, segurando o estribo-

werden, oder vielmehr das Gegenteil. Meinem Jack düngte die Finsternis auch etwas Unheimliches zu haben, er zuckte ab und zu so merkwürdig zusammen. Plötzlich raschelte es ziemlich laut in der dichten Hecke am rechten Wegrand - es war wohl ein gambá - ebenso plötzlich reagierte mein Esel mit heftigen Ruck, schon lag ich mit meinem schönen, ach noch so neuen weißen Anzug in dem schlammigen Lehm. Glücklicherweise war ich nicht in den engen Steigbügeln hängen geblieben, wie mir das später einmal passiert ist. Nach dem ersten Schreck richtete ich mich auf - weh tat mir nichts, also war es noch mal gut gegangen - und versuchte das Dunkel zu durchdringen. Mein erster Gedanke: „Wo ist mein Esel?“ O, der war, seiner Last ledig, ohne weiteres stehen geblieben und schaute sich mit nach mir um. Ich krabbelte mich langsam in die Höhe, was nicht ohne Aufstützen der Hände in dem moddrigen Lehm möglich war, merkte daß ich einen Sporn verloren hatte, tastete nach ihm in dem Matsch herum und fand ihn schließlich wieder. Was nun? Glücklicherweise erspähte ich ein Stück vor mir einen Lichtschimmer, der aus einem Hause kommen mußte. Ich griff meinen „Jockeli“ am Zügel, stapfte auf den hellen Schein zu und landete glücklich mit ihm vor einer offenen Haustür, aus der freundlicher Lampenschein - Petroleumlampe natürlich - drang. Eine deutsche Familie, das sah ich auf den ersten Blick, saß gemütlich lesend oder sich unterhaltend um einem Tisch herum und starrte nun mit teils verwunderten teils mißtrauischen Augen auf den fremden Ankömmling, der da so plötzlich aus dem Nachtdunkel in den Lichtkreis getreten war, und auf seinem etwas ungewöhnlichen Anzug; denn in dem lehmverschmierten Kostüm und mit den gelbbraun verkrusteten Händen, deren eine noch den verlorenen und wiedergefundenen Sporn hielt, bot ich sicherlich einen grotesken Anblick, noch dazu bei der Beleuchtung. Ich hätte diesen Auftritt ja gewiß gern selbst vermieden, aber was blieb mir anderes übrig? Ich wünschte also einen guten Abend, erzählte kurz mein Mißgeschick und bat, meinen Sporn wieder anschnallen und meine Hände waschen zu dürfen, stellte mich auch vor und wurde schließlich zum Eintreten aufgefordert und dann sehr freundlich aufgenommen und sogar noch bewirtet. Es wohnte dort damals, ein paar Kilometer vom Stadtplatz Pomerode entfernt, der Lehrer Günther, der ältere, der die einklassige Schule dort leitete. Als ich nach dem Wege zum Pfarrhause in Pomerode fragte, wies mir der Lehrer bereitwilligst die Richtung und machte mich darauf aufmerksam, daß bald eine Weggabelung käme, ich mußte mich dann rechts halten. Meine Hände hatte ich inzwischen einigermaßen sauber gewaschen und den Sporn angeschnallt. So bedankte ich mich vielmals und ritt nun wieder weiter in die dunkle Nacht hinaus.

Certamente era uma visão grotesca, ainda mais com esta iluminação. Bem que teria gostado de evitar essa situação, mas o que poderia fazer? Cumprimentei e me apresentei, contei o acontecido e pedi para lavar as mãos e prender o estribo. Gentilmente fui convidado a entrar, fui bem recebido e até servido. Naquela época o professor Günther morava a alguns quilômetros de Pomerode e dirigia a Escola Reunida<sup>6</sup>. Quando perguntei sobre o caminho para a casa do Pastor de Pomerode prontamente indicou a direção, chamando a atenção para uma bifurcação onde teria de seguir pela direita. Agradei e segui noite adentro. Já havia escutado e lido que cavalos andam tranqüilamente por caminhos conhecidos. Isso eu queria pôr à prova agora. Meu burro já havia feito este trajeto, porém, na ordem inversa. Dizem que os burros têm mais inteligência do que os cavalos. Realmente sem eu interferir – não poderia acontecer muito mais coisa – meu Jack seguiu o caminho à direita na bifurcação. Finalmente, cheguei mais ou menos bem, apesar do tombo, na casa paroquial e fui recebido com alegria. “O que lhe aconteceu?” Eu lhes contei sobre minha primeira aventura noturna e o casal naturalmente riu demais. Bem, quem tem azar... Mas em sua alegria jocosa havia uma verdadeira alegria, porque tudo saíra tão bem e que eu chegara são e salvo. Após comer algo e de conversar um pouco dormi o sono dos justos. Quando apareci segunda-feira pela manhã com meu terno de linho cinza, a mulher do Pastor Rüberg havia lavado o meu enlameado terno de viagem, que já estava secando ao sol. Ela o passou e assim eu poderia usá-lo na viagem para Santa Thereza. Ainda sobrevieram alguns dias bons. Em nossas cavalgadas visitamos mais uma vez os belos lugares, que conhecera em passeios anteriores durante minha primeira estadia. Fomos caçar uma vez e chegamos à mata virgem através de uma picada. Rüberg atirou em alguns tucanos que eram muito saborosos quando assados. Infelizmente estes dias preciosos, na casa paroquial de Pomerode, passaram depressa demais. O lado sério da vida, de uma vida que eu apenas vislumbrava, mas que em breve conheceria, chegava cada vez mais perto, esperava por mim e, pelo relatório de meu antecessor, que o lera sentado à sua escrivaninha, lançava, antecipadamente sua sombra sobre meu futuro trabalho. Eu estava com um pouco de medo, por outro lado estava contente de finalmente chegar ao meu campo de atuação.

Ich hatte schon oft gehört und gelesen, daß Pferde einen bekannten Weg ohne weiteres gehen würden. Das sollte ich jetzt mals erproben, obwohl mein Esel diesen Weg erst einmal gegangen war, noch dazu in umgekehrter Richtung. Aber Maultiere sollten ja noch mehr Verstand haben als Pferde. Und richtig, ohne daß ich ihn irgendwie lenkte - viel passieren konnte mir ja nichts mehr - schlug mein Jack an der Gabelung den rechts abführenden Weg ein. So kam ich denn endlich, trotz des Sturzes einigermaßen wohlbehalten, vor dem Pfarrhause in Pommerode an und wurde mit Halloh empfangen. „Wie sehen Sie denn aus?!“ Ich erzählte ihnen mein erstes brasilianisches nächtliches Abenteuer, über das die beiden lieben Pastorsleute natürlich weidlich lachten. Na ja, wer den Schaden hat... Aber in ihrer Schadenfreude steckte doch merklich auch echte Freude, weil alles noch so gut abgegangen und ich heil angekommen war. Nach einer Stärkung und einem Plauderstündchen schief ich mich erst einmal gründlich aus. Als ich am Montag Morgen in meinem grauleinenen Anzug zum Vorschein kam, hatte die Frau Pastor Rüberg meinen lehmverkrusteten Reiseanzug bereits in die Waschbütte gesteckt, und schon trocknete er lustig in der Sonne. Sie hat dann fein gebügelt, sodaß ich ihn auf meiner Reise nach Sta. Thereza wieder tragen konnte. Es kamen noch ein paar schöne Tage. Wir besuchten auf unsern gemeinsamen Ritten noch einmal die alten hübschen Plätze, die ich während meines ersten Aufenthaltes kennen gelernt hatte, gingen auch einmal auf die Jagd durch eine Picade im naheliegenden Urwald, und Rüberg schoß einige Tucanoboyas oder Tucanizes - eine kleine Tucanoart - die sehr schmackhaft waren, gebraten natürlich. Leider gingen diese wenigen geruhsamen und köstlichen Tage im Pfarrhause zu Pommerode wieder nur allzusehr vorüber. Der Ernst des Lebens, eines Lebens, wie ich es nur ahnen konnte, aber doch bald kennen sollte, kam immer näher, wartete auf mich, warf seinen Schatten voraus durch den Bericht meines Vorgängers, den er mir an seinem Schreibtisch vorgelesen hatte. Mir war ein wenig bange davor, andererseits freute ich mich, endlich in mein Arbeitsfeld zu kommen.

Am Mittwoch Nachmittag hieß es dann für mich, auf längere und ganz unbestimmte Zeit von den guten Rüberg's Abschied zu nehmen. Diesmal machte ich mich beizeiten auf den Weg und kam ohne Zwischenfall gegen Abend in Badenfurt an, von wo am Donnerstag in der Frühe der große Start in meine eigentliche Zukunft beginnen sollte - und auch begann.

Na quarta-feira à tarde foi hora de me despedir por tempo indeterminado dos bondosos Rüberg's. Desta vez, fui cedo e cheguei sem contratempo ao anoitecer em Badenfurt. Quinta-feira de manhã seria a grande partida e o início de meu futuro - e também o foi.



Colonos de Santa Tereza.

## Artigos

### **A imigração alemã trouxe desenvolvimento econômico imediato ao Sul do Brasil? Análise sobre a colônia Blumenau (1850-1870)**

TEXTO: ANDRÉ  
FABIANO VOIGT\*



A produção historiográfica no Brasil reproduz uma concepção muito peculiar sobre a imigração e colonização alemãs na região Sul, construída pelas autoridades nacionais desde meados do século XIX. Naquela época, fundamentou-se um discurso que procurou legitimar a arregimentação de colonos alemães para o Brasil, cujo ponto principal seria uma inata tendência do alemão ao trabalho e ao desenvolvimento econômico.

No entanto, faz-se necessário, em um primeiro momento, caracterizar historicamente a formação deste discurso e como a historiografia o reproduziu *ad nauseam*. A partir desta análise inicial, será feita uma exposição baseada em documentação histórica a respeito da trajetória econômica da então Colônia Blumenau durante os seus primeiros vinte anos. Esta exposição pretende analisar se a Colônia Blumenau, “símbolo de desenvolvimento econômico” na atualidade, obteve nos seus vinte anos iniciais o objetivo esperado pelos seus defensores. Finalmente, serão feitas comparações entre o discurso historiográfico tradicional e as observações extraídas da análise das fontes, a fim de estabelecer retificações, quando necessário, às generalizações existentes sobre a colonização alemã no Sul do Brasil. Pretende-se ainda, com este estudo, colocar algumas considerações a respeito da concepção de “colônia bem-sucedida” e perceber a sua validade ou não como argumento histórico plausível.

\* \* \*

A década de 1840 marcou o retorno dos in-

\* Mestre em História Cultural pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Professor de História do Brasil na FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau).

teresses brasileiros e alemães à questão imigrantista, anos após os insucessos da imigração alemã ocorridos no Primeiro Reinado.

Nesta época, seria necessário demonstrar às autoridades políticas e aos agentes emigratórios as vantagens de arrematar alemães para o Brasil. Por isso, várias pessoas estudaram a questão e publicaram livros e artigos a respeito. Um dos estudos mais conhecidos publicados em língua portuguesa no período foi a *Memoria sobre os meios de promover a colonização*, escrita pelo Visconde de Abrantes em 1846.<sup>1</sup>

Neste estudo, Abrantes inicia sua exposição colocando alguns dados acerca dos colonos de “raça” alemã. Os alemães seriam opostos aos abolicionistas, pois se aborrecem com mudanças na ordem estabelecida, assim como têm amor ao trabalho e à família, sobriedade, resignação e respeito às autoridades.<sup>2</sup> Nota-se que, já naquele período, Abrantes colocou uma visão estereotipada sobre o caráter dos colonos alemães, como forma de persuadir as autoridades brasileiras para a causa da imigração alemã.

O ponto principal de seu artigo estava no apoio à chegada de emigrantes espontâneos que comprassem terras públicas demarcadas pelo Governo, assim como nos Estados Unidos da América. Por isso, ressaltou a importância do trabalhador livre e das agências de emigração para selecionar melhores emigrantes para o Brasil. E ainda, o autor estabeleceu uma forte relação entre pequena propriedade rural e trabalho livre como símbolos de futuro desenvolvimento para o país, principalmente para as províncias meridionais.<sup>3</sup>

A visão passada por Abrantes estava influenciada pelos escritos que circulavam pelos Estados alemães, principalmente os de Johann Jacob Sturz, então Cônsul brasileiro na Prússia.<sup>4</sup>

Também defensor das idéias de Sturz por no mínimo cinco anos, Hermann Blumenau publicou na década de 1850 no mínimo três livros sobre a emigração alemã para o Sul do Brasil. A sua apologia ao imigrante alemão como trabalhador respeitável está em várias passagens de seus escritos, como, por exemplo:

No sul do Brasil, o trabalhador branco livre não é desprezado como trabalhador, mas tão respeitado quanto em qualquer outro país onde não existe a escravidão, porém, no norte do Império este trabalhador braçal é olhado com desdém. Caso tenha boas maneiras, comporte-se dignamente e vista-se de maneira decente e limpa, mesmo que trabalhe na sua própria terra ou como

diarista [Tagelöhner], será bem recebido e bem tratado em qualquer lugar, inclusive pelos brasileiros.<sup>5</sup>

Outro autor de época que se deixou influenciar pelas idéias de Sturz foi Heinrich Handelmann, que escreveu o livro *História do Brasil*, em alemão, em 1860. No entanto, uma informação interessante apontada pelo autor é que havia uma desorientação do Governo Imperial sobre a política imigratória, ocasionada pela discussão entre a aristocracia rural e os políticos abolicionistas quanto ao aliciamento de imigrantes nas colônias de parceria do Sudeste. Esta desorientação veio acompanhada de uma debilidade da imigração alemã no Brasil até aquele momento, observando resultados desfavoráveis no todo. O autor coloca que até mesmo nas colônias D. Francisca e Blumenau, recomendadas especialmente, não teria havido nada louvável nos últimos anos.<sup>6</sup>

A apologia das idéias de Sturz no livro de Handelmann estava também na tese defendida por outros autores, de que “a salvação do Brasil repousa na imigração unicamente espontânea de agricultores livres europeus, e são suas condições essenciais a extinção do tráfico de escravos africanos e o estabelecimento de sólido sistema de distribuição de terras a colonizar”.<sup>7</sup>

Nota-se, neste retorno aos escritos de época, que a legitimação das correntes emigratórias para o Brasil se fez a partir de uma tipologia do imigrante trabalhador e justo, cujo resultado seria o desenvolvimento econômico, principalmente das províncias meridionais brasileiras.

Observando-se a historiografia brasileira a partir da década de 1930, mostram-se alguns enfoques dos trabalhos de Caio Prado Júnior, Carlos Henrique Oberacker Jr. e Celso Furtado que reproduziram esta tipologia.

Caio Prado Júnior, na sua *História Econômica do Brasil* (1945), dedicou dois capítulos especialmente à fundamentação econômica das correntes imigratórias européias para o Sul do Brasil, onde as diferenciou das levas de imigrantes das colônias de parceria do Sudeste. O autor afirma no capítulo 15: “O sistema de colonização terá mais sucesso no Extremo-Sul do país (RS, SC, PR) [...] Ele encontrará aí o interesse e o estímulo dos governos locais das províncias, [...] e fomentar com o povoamento as atividades econômicas e as rendas públicas. [...] **O Sul, pela sua riqueza e prosperidade**, e favorecido ainda por um clima mais favorável, tornara-se o pólo único de atração, no Brasil, das correntes imigratórias.”<sup>8</sup>

No capítulo 20, observa que no Sul do Brasil a “organização econômica e social é bem distinta do resto do país”.<sup>9</sup> Com isso, quis ressaltar uma possível superioridade a partir da colonização européia baseada na pequena propriedade fundiária.

Além de Caio Prado Jr., Emílio Willems realizou dois estudos específicos sobre o tema da aculturação dos imigrantes alemães no Brasil. No seu livro *A Aculturação dos Alemães no Brasil* (1946), dedicou especial atenção à organização econômica dos imigrantes no país. Em uma parte deste capítulo, ressaltou a diferença religiosa entre colonos protestantes e católicos como determinante de um diferencial no progresso econômico dos mesmos,<sup>10</sup> utilizando-se, para isso, de uma apreensão um tanto diferenciada dos escritos de Max Weber sobre a relação entre a ética protestante e o espírito do capitalismo, defendida ainda hoje por muitos historiadores da imigração no Sul do Brasil.<sup>11</sup>

O famoso livro de Oberacker Jr., *A contribuição teuta à formação da nação brasileira* (publicado em alemão em 1955), que se tornou obra de referência nos estudos de imigração no Brasil, ressaltou com argumentos curiosos a ética do trabalho alemão no Brasil.

Ele afirma, em um capítulo sobre a participação teuta no desenvolvimento econômico brasileiro, que: “Com a colonização teuta teve a agricultura brasileira um **impulso sensível**, pois os imigrantes alemães compunham-se, em sua maioria esmagadora, de lavradores ou trabalhadores rurais [...]; **pelos imigrantes teutos, foram introduzidos o arado e a grade**, até então praticamente desconhecidos na técnica do preparo agrícola do solo brasileiro.”<sup>12</sup> Em seqüência, o autor procura fundamentar o surgimento da indústria a partir do esforço dos imigrantes alemães, que obtendo o conhecimento técnico de mestres-de-ofício nos Estados alemães e vindo para o Brasil “**desprovidos por completo de capital**”, iniciaram suas atividades em condições bem modestas, mas em progresso constante.<sup>13</sup> Por último, Oberacker tenta comprovar sua tese desenvolvimentista com a informação que a colônia Blumenau, em apenas 20 anos após a sua fundação, contava com **92 estabelecimentos industriais**, acompanhados da criação de uma **vida industrial** entre o Brasil e a Europa.<sup>14</sup>

Em contrapartida, Celso Furtado em seu trabalho *Formação Econô-*

*mica do Brasil* (1959), caracteriza outros aspectos da imigração alemã no Brasil meridional.

Ele situa a imigração europeia do século XIX dentro de um impasse causado pela escassez de mão-de-obra no território nacional, sem fazer distinções regionais. Quanto às colônias criadas no Brasil, vemos uma observação crítica: “As colônias criadas em distintas partes do Brasil pelo governo imperial **careciam totalmente de fundamento econômico.**[...] Era essa uma colonização **amplamente subsidiada.**[...] E, quase sempre, quando após os vultosos gastos, se deixava a colônia **entregue** a suas próprias forças, [...] Caso ilustrativo é o da **colonização alemã do Rio Grande do Sul.**”<sup>15</sup>

Parece que agora se torna perceptível porque a historiografia referente à colonização alemã no Brasil sempre repete os argumentos de Prado Júnior e de Oberacker, ao mesmo tempo em que esquece, seletivamente, as afirmações expostas por Furtado. Talvez houve a contra-argumentação de que Furtado não tivesse provas sobre o que escrevia. Cabe perguntar se Furtado estava realmente tão errado em suas afirmações.

Para apurar melhor estes argumentos, será necessário lançar uma análise sobre a trajetória econômica referente aos primeiros vinte anos de atuação da colônia Blumenau, isto é, o período que abrange desde 1850 até 1870.

No período entre 1850 e 1860, a colônia Blumenau iniciou-se como empreendimento particular e, portanto, muito suscetível à falta de recursos financeiros. Neste primeiro decênio, a colônia recebeu sucessivos empréstimos do Governo Imperial, a saber:

Depois de realizados pedidos ao Imperador D. Pedro II, em 21 de fevereiro de 1851 fez-se um adiantamento a Hermann Blumenau de 10 contos de réis para incrementar a colônia com 200 colonos após três anos, oferecendo-lhes uma escola de primeiras letras e “proporcionar aos Colonos os meios necessários para a prática dos exercícios religiosos.”<sup>16</sup> Todavia, o adiantamento de 10 contos teria que ser pago em até três anos, sob hipoteca de todas as terras e estabelecimentos à margem do rio Itajaí-açu. Este contrato não foi honrado e as dívidas aumentaram.

O segundo empréstimo foi concedido em 17 de abril de 1855. Após repetidos prejuízos em investimentos para a colônia, Hermann Blumenau estabeleceu outro contrato com o Governo Imperial, onde este emprestaria a quantia de 85 contos de réis, que deveria ser paga em 7 anos. Além deste empréstimo,

o Governo manteria um pastor evangélico com o salário de 800 mil réis por ano; daria mais 10 contos de réis para a compra de terras no porto do rio Itajaí e a construção de um trapiche, e ainda, o subsídio de 32 contos de réis para o custeio de uma estrada que ligasse o Vale do Itajaí à serra.<sup>17</sup>

Em 1857, o Governo Imperial realizou um adiantamento de 5 contos de réis do contrato anterior para a colônia.

Finalmente, em 1860, Hermann Blumenau assinou um termo de cessão da colônia ao Governo Imperial, onde ele entregaria todas as terras que possuía no Vale do Itajaí, que eram de aproximadamente 20 léguas quadradas, inclusive o estabelecimento que tinha na barra do Itajaí, para recepção dos imigrantes. Desse modo, teria suas terras avaliadas em 120 contos de réis, sendo que deste montante o Governo cobraria 85 contos de dívidas e pagaria 30 contos, devido ao fato que o diretor da colônia já tinha recebido um adiantamento de 5 contos deste valor. Hermann Blumenau continuou a ser diretor do seu empreendimento inicial, mas desta vez como funcionário do Governo Imperial, recebendo o respeitável salário de 4 contos de réis ao ano.<sup>18</sup>

Para termos uma comparação de valores, o salário do diretor da colônia era 40 vezes maior do que um votante no Brasil imperial (com renda mínima anual de 100 mil réis), e os votantes existentes no Brasil, maiores de 25 anos, não chegavam a 10% da população brasileira.<sup>19</sup>

Para acrescentar algumas informações quanto à trajetória dos primeiros vinte anos da colônia Blumenau, serão incluídos dados analisados pelo engenheiro Luiz Manoel de Albuquerque Galvão que, após visitar algumas colônias da província de Santa Catarina, redigiu o *Relatório sobre as colônias Blumenau, Itajahy, Príncipe D. Pedro e D. Francisca, apresentado ao Ministério da Agricultura, Commercio e Obras Publicas pelo Engenheiro Luiz Manoel de Albuquerque Galvão em 9 de março de 1871*, publicado no Rio de Janeiro no mesmo ano.<sup>20</sup>

Uma afirmação importante apontada no relatório do engenheiro Galvão é que, conforme os livros de contabilidade da colônia, a quantia paga pela Fazenda Nacional em empréstimos no período 1850-60 foi de apenas 124 contos e 710 mil réis. Parece que o Governo Imperial fez abatimentos de dívidas anteriores, porque se somarmos os valores dos empréstimos firmados entre 1851 e 1855, totalizaria 137 contos de réis. Existe aí uma diferença de cálculo de mais de 10 contos de réis, que não foram colocados nos livros de contabilidade da

colônia.

No decênio posterior (1860-1870), já sob a administração do Governo Imperial, a Colônia Blumenau recebeu dos cofres da Fazenda da província de Santa Catarina um total de 609 contos, 117 mil e 258 réis. No entanto, o engenheiro Galvão observou que, nos livros-caixa da Colônia Blumenau, estavam contabilizados apenas 602 contos, 767 mil e 89 réis. Havia uma diferença de 6 contos, 359 mil e 298 réis que não foram lançados nos livros da colônia, e esta quantia, conforme Galvão, “cuja aplicação é ignorada” tornou-se uma incógnita nos investimentos com dinheiro público na colônia.<sup>21</sup>

Além deste fato controverso, outra fonte conhecida sobre a colonização em Santa Catarina, o livro *Colonização do Estado de Santa Catharina*, publicado em 1917 por Jacintho Antonio de Mattos, coloca que os gastos do Governo Imperial com a colonização de Blumenau no decênio 1860-1870 foram de 687 contos, 617 mil e 159 réis, o que aumentaria para mais de 80 contos de réis a quantia paga não lançada nos livros da colônia.<sup>22</sup>

Estas quantias vultosas para a época, pagas pela Fazenda provincial, poderiam levar à conclusão de que este dinheiro teria sido bem empregado na colônia e teria resolvido os seus principais problemas. No entanto, parece que o desenvolvimento da colônia Blumenau como ponto de produção e exportação em Santa Catarina não obteve os resultados esperados. Conforme Galvão, os dados de importação e de exportação da colônia deixam explícito o déficit constante de Blumenau em vinte anos de atuação. Nos anos de 1865 a 1870, houve déficit de um mínimo de 2 contos e um máximo de 37 contos de réis.<sup>23</sup>

Já em 1881, conforme Mattos, a Colônia Blumenau teria exportado 337 contos de réis, em contraposição a uma importação 389 contos, havendo um déficit de 52 contos de réis. Para justificar o déficit, Mattos colocou que “as condições econômicas da colônia estavam ainda em formação”<sup>24</sup>, o que ainda era evidente após 31 anos de existência da colônia, mesmo com os auxílios do Governo Imperial.

É claro que estes dados não podem ser analisados isoladamente, mas se for feita uma observação mais minuciosa, notam-se os problemas existentes, que frustraram qualquer expectativa de sucesso repentino da colonização do Vale do Itajaí.

Hermann Blumenau coloca, em anexo ao relatório do engenheiro

Galvão, que as estatísticas sobre importação e exportação foram dificultadas pelos comerciantes locais e pelos barqueiros de transporte, que poderiam falsificar os dados reais da exportação da colônia.

Galvão criticou esta e outras situações da direção da colônia e argumentou: “Este exemplo [...] torna bem patente **a falta de método e de ordem na administração de tais estabelecimentos**, e prova à evidencia a ausência completa de fiscalização, garantia essencial da moralidade que deve presidir a distribuição dos dinheiros públicos.”<sup>25</sup>

Outro problema estrutural da administração colonial era a péssima situação das estradas coloniais, que conforme Galvão, estavam em estado por demais deplorável,<sup>26</sup> em boa parte porque a construção de algumas estradas estavam ainda em andamento, como o caso da estrada em direção à serra catarinense, organizada pelo engenheiro Odebrecht, e em outra parte pela sucessão de enchentes e temporais, que dificultaram a manutenção das estradas.

E ainda, um empecilho à administração da colônia Blumenau era a navegação dificultada pelo rio Itajaí-açu, entendido na atualidade como exemplo de rio perfeitamente navegável, mas que na época havia sérias reclamações do diretor da colônia a respeito: “A medida da profundidade do Itajaí-açu é em geral suficiente para a navegação de embarcação de 20 a 25 toneladas, até esta povoação. O pior lugar a passar é a correnteza de Belchior, com rochedos em baixo d’água, que seria preciso fazer saltar. Não posso calcular a despesa para esta obra.”<sup>27</sup> Galvão evidencia, então, que o rio não é permanentemente navegável entre Belchior e a colônia, senão por pequenas embarcações de 20 a 25 toneladas, o que deixa clara a situação de isolamento em que se achava a colônia,<sup>28</sup> tanto de estradas de rodagem, quanto de navegação fluvial, seja em direção às partes mais povoadas da província, seja rumo aos portos de comércio mais intenso.

Esta situação de isolamento da colônia Blumenau no século XIX serve para questionar as reais condições de desenvolvimento da colônia no período.

Vale a pena, em último lugar, citar as observações de Leonce Aubé, que em 1861 escreveu seu relato sobre a província de Santa Catarina. Aubé coloca que a colônia Blumenau se desenvolveria apenas sob um certo número de circunstâncias, pois a fertilidade do solo não é fator determinante em tal empreendimento. O acesso a pontos comerciais de destaque seria fundamental para

estabelecer relações vantajosas para a colônia. Como a colônia Blumenau se encontrava em uma situação de difícil acesso aos pontos mais movimentados de comércio, se comparada às cidades do litoral e à colônia Dona Francisca (Joinville), seria difícil Blumenau reverter a situação de ponto secundário nos interesses provinciais.<sup>29</sup>

Enfim, merece questionamento a tese de que o desenvolvimento das colônias de imigrantes estrangeiros pequenos proprietários de terra, tidas por muitos como as “colônias bem-sucedidas”, teriam tido um sucesso imediato e, da mesma forma, faz-se necessário questionar as discussões acerca do sucesso da mentalidade empreendedora nestes estabelecimentos, longamente custeados pelo Governo Imperial. Mesmo que o imigrante europeu estivesse imbuído de uma “ética do trabalho” e visse a acumulação capitalista como um mérito, as reais condições de desenvolvimento da Colônia Blumenau foram bem mais tardias.

Torna-se cada vez mais difícil aceitar que se procurem as “origens” do desenvolvimento econômico na fundação de colônias européias no Brasil meridional. Este discurso obtém uma grande aceitação em propagandas político-partidárias que investem no turismo local. Não obstante, frustrando as expectativas publicitárias, pode-se inferir que não houve melhoria das condições gerais de vida entre a população de imigrantes destas colônias através do trabalho agrícola ou de manufatura.

Apenas no início do século XX pode-se notar uma mudança neste quadro de estagnação, e nem mesmo os imigrantes e seus descendentes conseguiram sozinhos antecipar qualquer perspectiva de pujança econômica no Vale do Itajaí.

### Notas de Fim

<sup>1</sup> ABRANTES, Visconde de. Memória sobre os meios de promover a colonização. **Revista de Imigração Colonização**. Rio de Janeiro, ano II, n.2 e 3, abr. e jul. de 1945. p.832-891.

<sup>2</sup> Id.,op.cit., p. 834.

<sup>3</sup> Passim.

<sup>4</sup> Neste artigo não caberia detalhar a influência das idéias de Sturz para a imigração alemã no Brasil. Este assunto merece um estudo à parte para futura publicação.

<sup>5</sup> BLUMENAU, H. B. O. Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã (Trad. Curt W. Hennings). **Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política coloniza-**

- dora no Sul do Brasil. Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto Blumenau 150 Anos, 1999. p. 111.
- <sup>6</sup> HANDELMANN, H. **História do Brasil**. São Paulo; Belo Horizonte: EDUSP; Itatiaia, 1982.
- <sup>7</sup> Id., ibid., p.26.
- <sup>8</sup> PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 187-188.
- <sup>9</sup> Id., ibid., p. 201-202 (grifos meus).
- <sup>10</sup> WILLEMS, Emilio. A organização econômica. **A Aculturação dos Alemães no Brasil**. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980. p. 257-259.
- <sup>11</sup> Este assunto foi discutido em VOIGT, André. A imigração alemã no Brasil e a ética weberiana: a impossibilidade de uma teoria. **Esboços**. Chapecó, v.9, 195-199, 2002.
- <sup>12</sup> OBERACKER JR., C. H. **A contribuição teuta à formação da nação brasileira**. Rio de Janeiro: Presença, 1968. p.333 (grifos meus).
- <sup>13</sup> Id., ibid., p.337 (grifos meus).
- <sup>14</sup> Id., ibid., p.338 (grifos meus).
- <sup>15</sup> FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. Brasília: Ed. da UnB, 1963. p. 124-125 (grifos meus).
- <sup>16</sup> ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, Florianópolis. **Avisos do Ministério do Império para o Presidente da Província (1850-1852)**.
- <sup>17</sup> BLUMENAU, H. **Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catharina in Südbrasilien**. Rudolstadt: G. Froebel Verlag, 1856. p.27-28.
- <sup>18</sup> BRASIL. Repartição Geral das Terras Públicas. **Termo de cessão, que o Dr. Hermann Blumenau fez da Colonia de seu nome no Itajahy ao Governo Imperial**. Rio de Janeiro, 13.1.1860. Arquivo "José Ferreira da Silva", Blumenau. Doc. P02.13 - 134.
- <sup>19</sup> Dados estimados a partir de: CARVALHO, J. M. **A Construção da Ordem; Teatro de Sombras**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ/ Relume-Dumará, 1996. p. 361.
- <sup>20</sup> GALVÃO, L. M. de A. **Relatorio sobre as colonias Blumenau, Itajahy, Principe D.Pedro e D. Francisca, apresentado ao Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas pelo Engenheiro Luiz Manoel de Albuquerque Galvão em 9 de março de 1871**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1871.
- <sup>21</sup> Id., op.cit., quadro C-Colônia Blumenau (anexo).
- <sup>22</sup> MATTOS, J. A. **Colonização do Estado de Santa Catharina**. Florianópolis: Typ. "O Dia", 1917. p. 127.
- <sup>23</sup> GALVÃO, op.cit., Indústria e Comércio - Colônia Blumenau (anexo).
- <sup>24</sup> MATTOS, op. cit., p.125.
- <sup>25</sup> GALVÃO, op.cit., p. 28 (grifos meus).
- <sup>26</sup> Id., op. cit., p.26.
- <sup>27</sup> Id., op. cit., p. 34-35.
- <sup>28</sup> Id., op. cit, p.35.
- <sup>29</sup> AUBÉ, L. **La Province de Sainte-Catherine et la colonisation au Brésil**. Rio de Janeiro: Frederic Arfvedson, 1861.

## Artigos

### Saberes e livros escolares no Ginásio Catarinense<sup>1</sup>

TEXTO:  
NORBERTO  
DALLABRIDA<sup>2</sup>



Na Primeira República, os estabelecimentos de ensino secundário tiveram que se adaptar às exigências legais fixadas pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Apesar do regime federativo, a primeira Constituição republicana estabeleceu que o ensino superior e secundário deveria estar subordinado ao governo da União, adotando o modelo de ensino centralizado europeu. A supervisão federal do ensino secundário foi implantada de modo crescente e descontínuo, por meio dos sistemas de equiparação e de fiscalização. Em 1890, o Imperial Colégio de Pedro II do Rio de Janeiro passou a se chamar Ginásio Nacional e se constituiu no colégio-padrão para os congêneres nacionais que pleiteassem a equiparação. Os ginásios estaduais e colégios particulares equiparados deveriam seguir o regulamento e o currículo de Ginásio Nacional, cujo controle era realizado pelos fiscais ou inspetores federais nomeados pelo governo da União, mas geralmente afinados com a política estadual.

Em 1906, no mesmo ano em que abriu suas portas, o Ginásio Catarinense - localizado em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina - foi regularizado pelo governo federal, por meio da nomeação de um inspetor e da concessão da equiparação ao Ginásio Nacional. Em termos curriculares, a equiparação significava que o Ginásio Catarinense deveria adotar as “disciplinas-saber” do currículo do Ginásio Nacional, com seus respectivos programas, cargas horárias semanais e seriação. Com a liberdade de ensino oficializada pela “Lei Orgânica do Ensino

<sup>1</sup> O presente texto foi apresentado no IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, que se realizou em Porto Alegre entre os dias 02 e 05 de abril de 2002.

<sup>2</sup> Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e professor do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Superior e do Fundamental da República” de 1911, que concedeu autonomia aos estabelecimentos de ensino secundário, o colégio estabeleceu currículo próprio, passando a ser supervisionado pelo fiscal indicado pelo governo do Estado de Santa Catarina. Quatro anos depois, a “Reforma Carlos Maximiliano” suprimiu a liberdade de ensino e restabeleceu e revigorou os sistemas de equiparação e inspeção, restituindo ao Colégio Pedro II – nome do Ginásio Nacional desde 1911 – o “status” de colégio-padrão de ensino secundário brasileiro. Desta forma, em 1918, o Ginásio Catarinense foi novamente equiparado ao Colégio Pedro II, permanecendo nesta condição durante a Primeira República.<sup>3</sup>

Entretanto, deve-se considerar que o Ginásio Catarinense fazia parte de uma rede de estabelecimentos escolares de nível secundário da Companhia de Jesus, que se estabelecera no sul do Brasil, cuja direção e docência era exercida por padres de ascendência germânica. Por isso, a leitura do currículo do Ginásio Catarinense na Primeira República que se pretende fazer procura focalizar a apropriação<sup>4</sup> que os padres jesuítas alemães fizeram, a partir da “Ratio Studiorum” e de seus valores culturais, das “disciplinas-saber” obrigatórias do currículo do Colégio Pedro II, dando-lhes uma ordenação específica. Busca-se, desta forma, perscrutar como as “disciplinas-saber” oficiais foram ressignificadas pelos professores da Companhia de Jesus, mas também constatar os conhecimentos que foram acrescentados ao currículo oficial nacional, na condição de matérias ginasiais facultativas. Como “operações de construção de sentido”, a ressignificação das “disciplinas-saber” obrigatórias e o acréscimo de conhecimentos realizaram o trabalho didático estratégico de seleção e produção de textos e livros escolares.<sup>5</sup>

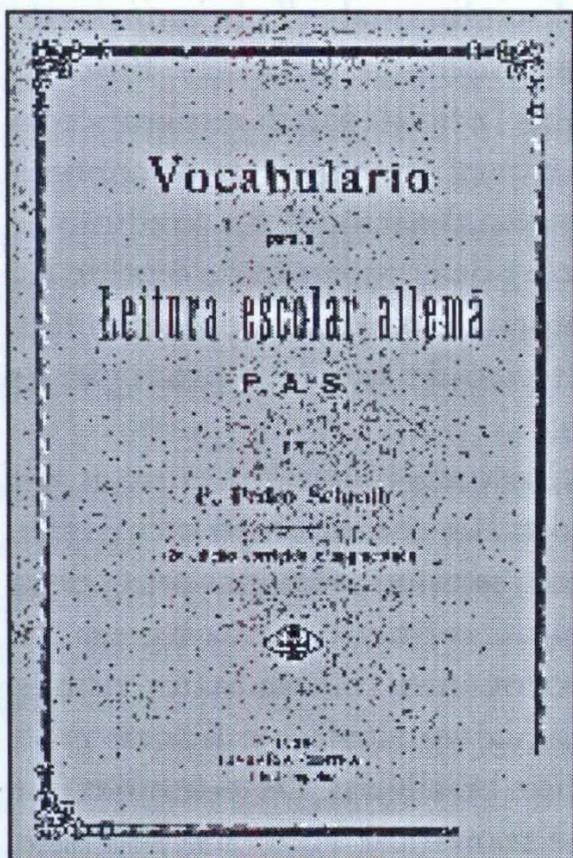
No ensino lingüístico, pode-se perceber certa hierarquia entre as seis línguas que eram obrigatórias no Colégio Pedro II e compunham o currículo do ginásio dos padres jesuítas: no primeiro plano estavam as línguas portuguesa e francesa, depois o inglês e o alemão e, por fim, as línguas latina e grega. As duas primeiras, que eram ensinadas nos primeiros anos, tinham maior visibilidade curricular, porque o português era a língua vernácula e o francês era a língua que conferia distinção e elegância às elites brasileiras. Deve-se notar que se ensinava o português “standard”, literário e gramatical, cultivado pela elite, muito diferenciado daquele falado e transmitido às classes populares. Mas o ensino de português teve limitações devido à nacionalidade germânica da maioria dos padres-professores, que nem sempre tinham fluência correta do verná-

culo. Nos primeiros anos, o fiscal federal do Ginásio Catarinense verificou certa apatia dos alunos na aprendizagem da língua portuguesa, constatando que “seria uma nota discordante dos fins do instituto, ante as regalias que lhe foram confiadas pelo governo, se melhores atenções e mais carinhosa cultura não recebesse o idioma pátrio.”<sup>6</sup> A direção do colégio contratou professores leigos, geralmente de ascendência lusitana, para ministrar aulas de português.

No currículo oficial, as línguas de Shakespeare e de Goethe eram disciplinas obrigatórias e tinham importância equivalente, um pouco inferior às línguas neolatinas. Nos anos vinte a equivalência se tornaria ainda mais explícita, pelo fato de o aluno poder escolher entre inglês ou alemão como disciplina obrigatória, que seriam oferecidas em horários diferentes para dar oportunidade àqueles que quisessem fazer as duas, embora devessem prestar exame somente em uma disciplina.<sup>7</sup> Nos anos trinta, a língua alemã tornou-se facultativa e, na Reforma Capanema, em plena Segunda Guerra Mundial, foi suprimida do

currículo oficial brasileiro, enquanto o inglês manteve-se como disciplina obrigatória. A possibilidade de optar entre inglês e alemão indicava uma pequena redução na carga horária dedicada às línguas no currículo do ensino secundário brasileiro.

No entanto, além da carga horária obrigatória de alemão, prescrita no currículo do Colégio Pedro II, o Ginásio Catarinense oferecia outras oportunidades de aprendizagem ou aperfeiçoamento da língua alemã. Nos primeiros anos de seu funcionamento, além da carga curricular oficial, o colégio oferecia alemão como disciplina facultativa. Por outro lado, proporcionava o chamado “curso particular para alemães” destinado aos alunos alemães ou teuto-brasileiros, indicando diferenciação e enquistamento étni-



1 - Capa do manual escolar “Vocabulário para a leitura escolar alemã” produzido pelo padre Pedro Schroth, professor do Ginásio Catarinense, e editado em Florianópolis.

Fonte: Secretaria do Colégio Catarinense

co-nacional no interior do ginásio. Em 1910, quando o colégio concluiu a implantação do curso ginásial, além do ensino da língua alemã prescrito no currículo oficial, o ensino de alemão complementar passou a ser dividido em “curso particular para alemães” e “curso facultativo” para alunos de outras nacionalidades. Dois anos depois, a divisão nacional do curso facultativo desapareceu, sendo mantido somente um “curso particular” ou “curso anexo” de alemão, que foi mantido até 1917.<sup>8</sup>

A ênfase dada à língua alemã no currículo do Ginásio Catarinense por meio de disciplina obrigatória da grade curricular e cursos facultativos deve-se ao fato de que a maioria dos padres-professores eram imigrantes alemães e geralmente marcados pela germanofilia própria do final dos oitocentos, em que o pangermanismo era o tom dominante.<sup>9</sup> O entusiasmo com a língua de Goethe pode ser constatado no pequeno texto “Por que estudar a língua alemã?” incluído no livro didático “Vocabulário para a Leitura escolar alemã” do padre Pedro Shroth – ver a figura 1 –, professor do colégio, publicado em Florianópolis, que responde à pergunta do título:

Por que estudar a língua alemã?

Resposta: Porque

- 1.) Não há nenhuma língua no mundo, na qual se publicam ano por ano tantos milhares de revistas e livros novos como em alemão (ultimamente 36.000 livros novos);
- 2.) para poder entender e falar na qualidade de sacerdote, médico, advogado, militar, negociante, banqueiro, juiz, funcionário, etc. etc. com os numerosos teuto-brasileiros aqui em nosso país;
- 3.) porque a língua alemã é **a chave de ouro** [sic] que abre as portas de todas as ciências e literaturas;
- 4.) porque é muito difundida pelo mundo inteiro;
- 5.) porque até a **França** [sic], a maior antagonista da Alemanha, recomenda muito o estudo da língua alemã: [...];
- 6.) para enriquecer a nossa literatura pátria com a tradução ou divulgação das **melhores** [sic] obras alemãs.<sup>10</sup>

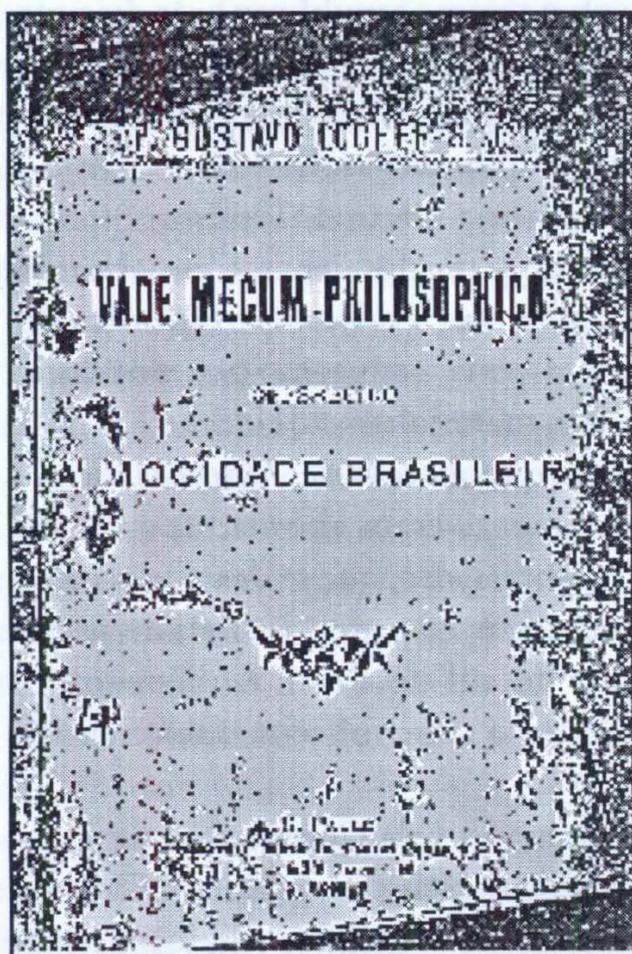
Especialmente o terceiro argumento, que coloca o alemão – “a chave de ouro” – acima das outras línguas européias, expressa flagrante nacionalismo

germânico, pois nos anos vinte a Alemanha ainda estava abatida pela derrota na Primeira Guerra Mundial e pelas imposições do Tratado de Versalhes. Ao desdobrar o fato de a França recomendar a língua alemã, conclui com uma frase rimada, desafiando os alunos a aprender o alemão: “Inimigo odiado, por ser ignorado, amigo querido, se for conhecido”. Ao carregar as tintas no ensino do alemão, os padres jesuítas atendiam certa demanda de alunos teuto-brasileiros ou alemães, cujos pais faziam questão que os seus filhos aprofundassem o aprendizado da língua e da cultura germânica.

A ordenação jesuítica do currículo do ginásio Catarinense ficava ainda mais explícita no ensino dos saberes geográficos, históricos e filosóficos. A disciplina Geografia estudava os traços físicos e humanos dos países e dos povos em geral, particularmente da Europa e dos Estados Unidos, indicando mentalidade eurocêntrica. A disciplina Cosmografia foi introduzida no currículo do Ginásio Catarinense em meados da década de dez, quando o colégio gozava de liberdade de ensino facultada pela Lei Orgânica do Ensino. O conteúdo e a organização da disciplina Cosmografia estavam intimamente ligados ao professor que a ministrou desde sua inclusão regular no currículo até os anos trinta, o padre Godofredo Schrader, que também era lente catedrático de Física e Química. Em 1930, ele publicou “Compêndio de Cosmografia”, manual didático para uso nos cursos ginasiais, que continha os conteúdos do Colégio Pedro II e contemplava as recentes descobertas e teorias astronômicas. Contudo, esta publicação havia sido precedida por outras edições não impressas, manuscritas ou datilografadas, que começaram a aparecer na década de 10.

A disciplina Corografia do Brasil estudava, de forma separada, os aspectos físicos e humanos do Brasil e de cada Estado da federação brasileira, incluindo exercícios cartográficos e trabalhos escolares escritos. A partir de 1916, o programa da disciplina destacava, entre os Estados-membros da federação, o Estado de Santa Catarina, cujo território havia sido definido naquele ano, com o término da chamada Guerra do Contestado e o acordo territorial com o Estado do Paraná. A disputa territorial entre Santa Catarina e Paraná – a questão do Contestado – catalisara o “patriotismo catarinense” na sociedade barri-ga-verde, que traspassava o sistema escolar. Assim, o livro “Corografia de Santa Catharina”, do almirante Lucas Alexandre Boiteux e também professor do Ginásio Catarinense, passou a ser adotado. O conteúdo corográfico brasileiro era ensinado a partir do “Atlas da F.T.D”.<sup>11</sup>

Os saberes históricos apresentavam-se divididos em duas disciplinas: História Universal e História do Brasil. Ambas eram construídas a partir de uma mesma abordagem historiográfica, que privilegiava fatos políticos e indivíduos das elites e olhava a história a partir da Europa, pois a maioria dos professores eram imigrantes alemães marcados pelo eurocentrismo da “Belle Époque”. Os manuais didáticos de história utilizados corroboravam a abordagem historiográfica explicitada nos programas de ensino. “Epítome da História Universal”, de Jonathas Serrano, adotado no colégio, foi o livro de história geral que teve mais edições na Primeira República, sendo muito usado nas escolas secundárias brasileiras. Ao lado de João Ribeiro e Oliveira, Serrano é considerado “iniciador de uma produção nacional de História da Civilização” e, como militante católico, conciliava a história sagrada e profana. Apesar de aceitar a divisão quatripartite da história geral, acreditava que o “divortium aquarum” da história foi o Cristianismo, afirmando que “o calvário é o ponto culminante da história”.<sup>12</sup> A história brasileira era baseada no livro do Padre Rafael Maria Galanti, cujo título, “Biografias de brasileiros ilustres”, é um indicador do seu conteúdo histórico. Padre Galanti era membro da Companhia de Jesus, professor do Colégio Anchieta de Nova Friburgo – Rio de Janeiro – e autor de vários livros didáticos para o ensino secundário.<sup>13</sup> Apesar da história sagrada ter sido banida do currículo oficial do ensino secundário brasileiro no início do período republicano, o catolicismo estava ainda bastante entranhado nas histórias ministradas pelos ginásios brasileiros da república laica.



O ensino de Filosofia era sobretudo fundamentado no manual de filo-

2 - Capa do livro “Vade Mecum Filosófico” escrito pelo padre Gustavo Locher, professor do Ginásio Catarinense, e utilizado em muitas escolas católicas brasileiras.

Fonte: Secretaria do Colégio Catarinense

sofia chamado “Vade Mecum Filosófico”, tendo como subtítulo “oferecido à mocidade brasileira”, escrito no final do século XIX por Gustavo Locher, padre jesuíta e um dos primeiros professores do Ginásio Catarinense – como se pode observar na figura 2. Quando escreveu este compêndio filosófico, padre Locher era professor do Colégio São Luís Gonzaga de Pelotas – que pertencia à Companhia de Jesus – e o fez para combater o “filosofismo ateu” que grassava nos corações da juventude. Foi oferecido ao estudante e ao “zelador da verdade”, como “armadura indispensável, um elenco de algumas das mais importantes verdades com seus respectivos argumentos”, com o intuito de “preservar um ou outro jovem talento dos precipícios do ateísmo, ou revocar ao rumo da verdadeira filosofia alguns espíritos desnorteados”.<sup>14</sup> Argumentando em favor do catolicismo como única religião verdadeira, o professor-filósofo combatia e refutava o positivismo, o darwinismo, o panteísmo e o espiritismo como as principais manifestações modernas de ateísmo, carregando as tintas na teoria positivista, que tinha muitos adeptos entre as elites políticas brasileiras e, particularmente, nas rio-grandenses.

Nas primeiras reformas escolares sob o regime republicano, as disciplinas de cunho científico foram fortalecidas no currículo do Colégio Pedro II e, pelo mecanismo de equiparação, nos ginásios brasileiros. Na Primeira República, no Ginásio Catarinense foram ensinadas regulamente as disciplinas Aritmética, Álgebra, Geometria, Química/Física e História Natural. Também os conteúdos “matemático-científicos” eram motivo de acirrados debates, envolvendo materialistas e espiritualistas, como se pode perceber no livro de Química do padre Krause, que afirma: “Basta! Não vale a pena ocuparmo-nos por mais tempo com tal apadrinhador do mais crasso materialismo [Haeckel] (...)”.<sup>15</sup> Entre os conteúdos de História Natural, encontrava-se “geo-história”, paleontologia e teoria da evolução, que certamente eram abordados à luz da visão “theillardiana”. Destoando do clero luso-brasileiro, que se destacava pelos pendores literários e oratórios de corte bacharelesco, os padres jesuítas de ascendência germânica que atuavam nos colégios do sul do Brasil tinham sólida formação científica e, por isso, davam importância aos conhecimentos científicos no currículo do ensino secundário.

A reinvenção do currículo oficial operado pela Companhia de Jesus fez-se sentir também pelo acréscimo das disciplinas Religião, Música e Canto e Ginástica e Instrução Militar. Nos primeiros anos, os conteúdos religiosos trata-

vam de conhecimentos doutrinários rudimentares do catolicismo romanizado, mas, nos últimos anos, tendia-se a abordar, de forma introdutória, questões teológicas, procurando racionalizar a religião católica. A intenção de racionalizar os conteúdos católicos pode ser percebida na seleção do professor de religião, geralmente escolhido entre os professores de disciplinas científicas, pois acreditava-se que a autoridade científica do professor daria credibilidade aos conteúdos católicos que ministrava em Religião. Foi o caso do padre Godofredo Schrader, que além de lecionar disciplinas científicas como Física, Química e Cosmografia, foi professor de religião e autor do manual “Resumo dos elementos da Religião Católica”.<sup>16</sup> Em relação aos conteúdos musicais, priorizava-se o canto sacro e a música clássica. Nos anos vinte, as aulas de canto passaram a ser ainda mais dinamizadas com a impressão de manuais escolares com as letras das canções e cadernos de partituras. A quarta edição de “Hinos e Canções Escolares”<sup>17</sup>, colecionados pelo regente de música do colégio, foi publicada em 1930, e as três edições anteriores tiveram confecção artesanal.

Para imprimir o sentido jesuítico aos conteúdos ginásiais, os padres jesuítas dispensaram atenção redobrada aos livros didáticos, sobre os quais se desenvolviam as aulas e versavam os exames. Os critérios de escolha dos livros era o caráter católico e europeu, de forma que a preferência recaía sobre autores que pertenciam ao clero ou que eram católicos leigos e especialmente de editoras católicas, como a F.T.D. dos Irmãos Maristas e a Vozes da Ordem Franciscana. O direcionamento dos conteúdos escolares foi garantido pelo fato de vários padres-professores do Ginásio Catarinense publicarem seus próprios livros didáticos, às vezes precedidos por edições manuscritas ou mimeografadas. A tradição jesuítica de produzir textos didáticos remonta à época da criação dos primeiros colégios inacianos e da produção da “Ratio Studiorum”, na segunda metade do século XVI, e se manteve e se adaptou às circunstâncias históricas diversas.

Ademais, havia controle rigoroso sobre os livros da biblioteca escolar, bem como daqueles de propriedade dos alunos, que eram submetidos ao crivo do chefe da disciplina, podendo ser vetados e passar a fazer parte do índice ginásial. A interdição de livros estava claramente definida no regimento do colégio e era realizada especialmente pelo prefeito geral, que autorizava as leituras convenientes e punia aqueles alunos que fossem apanhados com livros proibidos.<sup>18</sup> No romance “O garoto e a cidade”, o personagem Sílvio, estudante do

Ginásio Catarinense, é aconselhado pelo padre Jorge a ler somente os livros indicados no “índice organizado pelo frei Pedro Sinzig”.<sup>19</sup> O padre jesuíta fazia referência ao livro “Através dos romances: guia para as consciências” do frei franciscano Pedro Sinzig, que classificava os romances para os leitores a partir de critérios católicos, convertendo-se no único “índice brasileiro” no período republicano.<sup>20</sup> Por outro lado, a biblioteca ginásial disponibilizava e privilegiava a leitura de livros e periódicos católicos, como as revistas “O Echo” – editada pelos padres jesuítas do Colégio Anchieta de Porto Alegre – Vozes de Petrópolis e Mensageiro do Coração de Jesus e livros de vidas de santos, que apresentavam recortados e organizados para as elites e partes das classes médias. Para o conjunto da população escolar catarinense, tratava-se de conhecimentos sofisticados, que habilitavam um punhado de bacharéis a ingressar nos cursos superiores brasileiros e europeus e conferiam distinção social.

### Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Renato. **O Garoto e a Cidade: Florianópolis nos anos 20**. Florianópolis: Secretaria de Comunicação Social, 1979.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Pátria, Civilização e Trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939)**. São Paulo: Loyola, 1990.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro Didático e Conhecimento Escolar: uma história do saber escolar**. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, Centro de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Seleção, organização, introdução e notas de Maria Alice Nogueira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.2, p.177-229, 1990.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. (Historial, 2).
- DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- DALLABRIDA, Norberto. Moldar a alma plástica da juventude: a “Ratio Studiorum” e a manufatura de sujeitos letrados e católicos. **Educação-Unisinos**-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, n.8, v.5, jan./jun.2001, p.6-7.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

- FORQUIN, Jeann-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.5, p.28-49, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: a aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições, Loyola, 1996.
- GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Ciências Sociais da Educação).
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1954)**. São Paulo: DIFEL, 1979.
- PAIVA, Aparecida. **A voz do veto**: a censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.
- PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no Ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PILLETTI, Nelson. Evolução do currículo do curso secundário no Brasil. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v.13, p.31-50, 1987.
- PERES, T.R. **Educação Republicana**: Tentativas de Reconstrução do Ensino Secundário Brasileiro 1890-1920. 1973. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara.
- POPKEWITZ, Tomaz S. **Reforma Educacional – uma política sociológica**: poder e conhecimento em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SANTOS, Lucíola Licínio de Paixão. História das disciplinas escolares: perspectivas de análise. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.2, p.21-9, 1990.
- SILVA, Geraldo Bastos. **A Educação Secundária**: Perspectiva histórica e teoria. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- VARELA, Julia, ALVAREZ-URÍA, Fernando. **Arqueología de la escuela**. Madrid: La Piqueta, 1991. (Genealogía del poder, 20).
- VECHIA, Ariclê, LORENZ, Karl Michael. **Programa de ensino da escola secundária brasileira 1850-1951**. Curitiba: Ed. do Autor, 1998.

## Notas de Fim

<sup>3</sup> No início da República foi criado o Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, mas logo foi suprimido, ficando a educação escolar vinculada ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores até 1930, quando foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública. Sobre a estrutura do ensino secundário brasileiro na Primeira República, consultar: SILVA, G. B. **A Educação Secundária**: Perspectiva histórica e teoria. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. PERES, T.R. **Educação Republicana**: Tentativas de Reconstrução do Ensino Secundário Brasileiro 1890-1920. 1973. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara.

<sup>4</sup> O conceito de “apropriação” é baseado em Chartier, que afirma: “A apropriação, tal como a entendemos, tem por objectivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas

específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações do sentido [...]”, cf. CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988. p.26-7.

<sup>5</sup> Os livros escolares são selecionados e/ou produzidos para construir a ordenação curricular, como observa Klinke: “Os livros produzidos para uso escolar o são para atender a ordem da escola e seus usos são determinados pelos conteúdos do ensino da língua materna ou de outras disciplinas”, cf. KLINKE, Karina. Uniformização do ensino da leitura: uma combinação de métodos e livros. In: 25º Reunião Anual da ANPED. **Anais ...** Publicados em CD Rom. Caxambu, 2002, p.4.

<sup>6</sup> COSTA, J. O. [Livro de atas do fiscal federal]. Florianópolis. p. 3a, 4a. Em abril de 1921, o Inspetor Federal determinou que dois padres não poderiam ensinar Português pelo fato de serem alemães, sendo substituídos pelo padre Trindade, cf. DIARIO do Prefeito Geral do Gymnasio Catharinense. Florianópolis, 1921. v.2. p.28.

<sup>7</sup> REGIMENTO do Gymnasio Catharinense. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1921. p.6. (artigo 4ª).

<sup>8</sup> GYMNASIO SANTA CATHARINA. **Relatorio do anno lectivo 1910**. Florianopolis: [s.n.], 1910. p.21-35, 40. GYMNASIO ST. CATHARINA. **Relatorio**. Florianopolis: Typ. da “Epoca”, 1917. p.14. A desativação do curso facultativo de alemão provavelmente está ligada ao surto antigermânico que se abateu sobre o Brasil logo após a declaração de guerra à Alemanha. Em Florianópolis houve sedições, com apedrejamento de residências e destruição e incêndio de estabelecimentos culturais e recreativos de alemães e teuto-brasileiros. O Ginásio Catarinense era um dos prédios visados pelos revoltosos, mas não foi atingido devido ao patrulhamento ostensivo das ruas da cidade.

<sup>9</sup> Até 1927, os padres jesuítas do Ginásio Santa Catarina, bem como os membros da Companhia de Jesus do Sul do Brasil, pertenciam à missão da Província alemã e, por isso, sua língua institucional era o alemão.

<sup>10</sup> SCHROTH, P. Pedro. **Vocabulario para a Leitura escolar allemã**. Florianópolis: Livraria Central, 1929.

<sup>11</sup> GYMNASIO SANTA CATHARINA. **Relatorio do Anno Lectivo de 1916**. Florianopolis: [s.n.], 1916. p. 10.

<sup>12</sup> BITTENCOURT, C. M. F. **Pátria, Civilização e Trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939)**. São Paulo: Loyola, 1990. p.78-80. MICELI, S. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1954)**. São Paulo: DIFEL, 1979. p.163.

<sup>13</sup> BITTENCOURT, C. M. F. **Livro Didático e Conhecimento Escolar: uma história do saber escolar**. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, Centro de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. p.266-7.

<sup>14</sup> LOCHER, P. G. **Vade Mecum Philosophico: oferecido à mocidade brasileira**. São Paulo: Typographia Brazil de Carlos Gerke, 1989. p.V.

<sup>15</sup> KRAUSE, M. **Reflexões sobre o ensino de Chimica nos Gymnasios**. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1931. p.15.

<sup>16</sup> SCHRADER, G. **Resumo dos elementos da Religião Católica: para os cursos superiores**

dos ginásios – 1º parte. Ginásio Catarinense, Florianópolis, 1938. Mimeografado.

<sup>17</sup> MAUTE, P. Frederico. **Hymnos e canções escolares**. 3 ed. Florianópolis: Livraria Central, 1930.

<sup>18</sup> Em 5 de março de 1929, um aluno emprestou para outro um livro sem a assinatura do prefeito geral. Os dois estudantes foram “admoestados em particular e depois punidos pela infração do Regimento Interno”, cf. DIÁRIO do Prefeito Geral 1929-1935. Florianópolis, 1929. v.4. p.4.

<sup>19</sup> BARBOSA, R. **O Garoto e a Cidade: Florianópolis nos anos 20**. Florianópolis: Secretaria de Comunicação Social, 1979. p.119-20.

<sup>20</sup> A primeira edição do livro de frei Sinzig é de 1915. A terceira e última edição, de 1923, contém 21.552 comentários de livros e 6.657 autores e é deliciosamente analisada por Paiva, cf. PAIVA, A. **A voz do veto: a censura católica à leitura de romances**. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

<sup>21</sup> Em relação às leituras escolares, a conferência pedagógica que reuniu professores jesuítas do Sul do Brasil concluiu nos seus Anais: “Recomenda-se aos superiores exercerem rigorosa vigilância nas bibliotecas dos alunos, nas quais boa parte dos livros devia constar de biografias de santos.”, cf. ACTA da II Conferencia Pedagogica Geral no Gymnasio N° Sº da Conceição em S. Leopoldo de 8 a 10 de janeiro de 1913. p.12.

<sup>22</sup> WARKEN FILHO, J. Entrevista concedida a João Reinaldo Pick. Florianópolis, 1 nov. 1978. p.10.

<sup>23</sup> Licurgo relata uma polêmica ocorrida entre Deutler e Oliveira de Menezes, professores de Química do Colégio Pedro II, em torno da definição de hidrogênio. Diz que na banca de exames, se “a gente dizia mineral, o Deutler dava zero, o Oliveira de Menezes dava 10”, cf. COSTA, L. R. Entrevista concedida a Norberto Dallabrida. Florianópolis, 14 jan. 1997. p.38-9.

## Memórias Natalinas

### Um conto de Natal

*TEXTO: RAINER  
BRANDT*

**BLUMENAU**  
*em Cadernos*

Dezembro. O calor era quase insuportável. Natal.

Estava eu a olhar aqueles cartões de Natal, todos com aqueles pinheirinhos e casinhas cobertas de branco. De neve. E eu aqui nesse calor, esperando a noite chegar para ganhar os meus presentes que Papai Noel havia deixado debaixo daquele pinheirinho todo enfeitado e cheio de velas acesas.

Mais calor!

Quando finalmente chegou a noite, após a ceia de Natal, toda a família reunida esperava ansiosa que Papai Noel tocasse o sininho para que pudéssemos entrar na sala e desembulhar os presentes.

Papai Noel, agora disfarçado de meu pai, lá estava. Em carne e osso a nos olhar com aquele ar de felicidade naqueles olhos azuis que só ele tinha.

As músicas natalinas, o cheiro do pinheirinho, dos doces que a minha mãe com muito carinho preparava. Os anos foram passando e todos nós nos acostumamos àquele cerimonial. Hinos, preces, pinheirinhos, presentes...

Até que num ano, o meu Papai Noel já não estava mais conosco aqui na sala diante do pinheirinho. Para mim não existia mais o calor, o cheiro da árvore, os cartões...

Mas o tempo passou. Tenho agora os meus filhos e o Papai Noel novamente está em ação. Agora ele não é mais careca e não tem olhos azuis, mas está novamente presente entre nós.



## **Memórias Natalinas**

### **Natal - Uma tradição milenar!**

**TEXTO: ADOLFO  
BERNARDO  
SCHNEIDER**



Quando, no início do Século passado, após o cancelamento, em 1808, pelo Príncipe do Brasil, que depois seria Dom João VI, da proibição oficial do fixamento do elemento humano, que não fosse luso, no Brasil e reagindo de maneira favorável à muito ativa propaganda desenvolvida nos países da Europa Central pelos Agentes do Reino e, depois, do Império, os povoadores de que se tratava essencialmente no começo, provenientes dos países situados ao Norte dos Alpes começaram a fluir com sempre maior intensidade para o Brasil, fixando-se geralmente, como estava previsto, em zonas novas, de caráter rural, os mesmos trouxeram consigo, como parte integrante da sua bagagem bastante apreciável de elementos folclóricos, também alguns costumes aqui completamente desconhecidos e que diferiam inteiramente das velhas tradições luso-brasileiras.

Entre estes se destacava o interessante costume dos imigrantes alemães festejarem o Natal de Jesus na intimidade do lar.

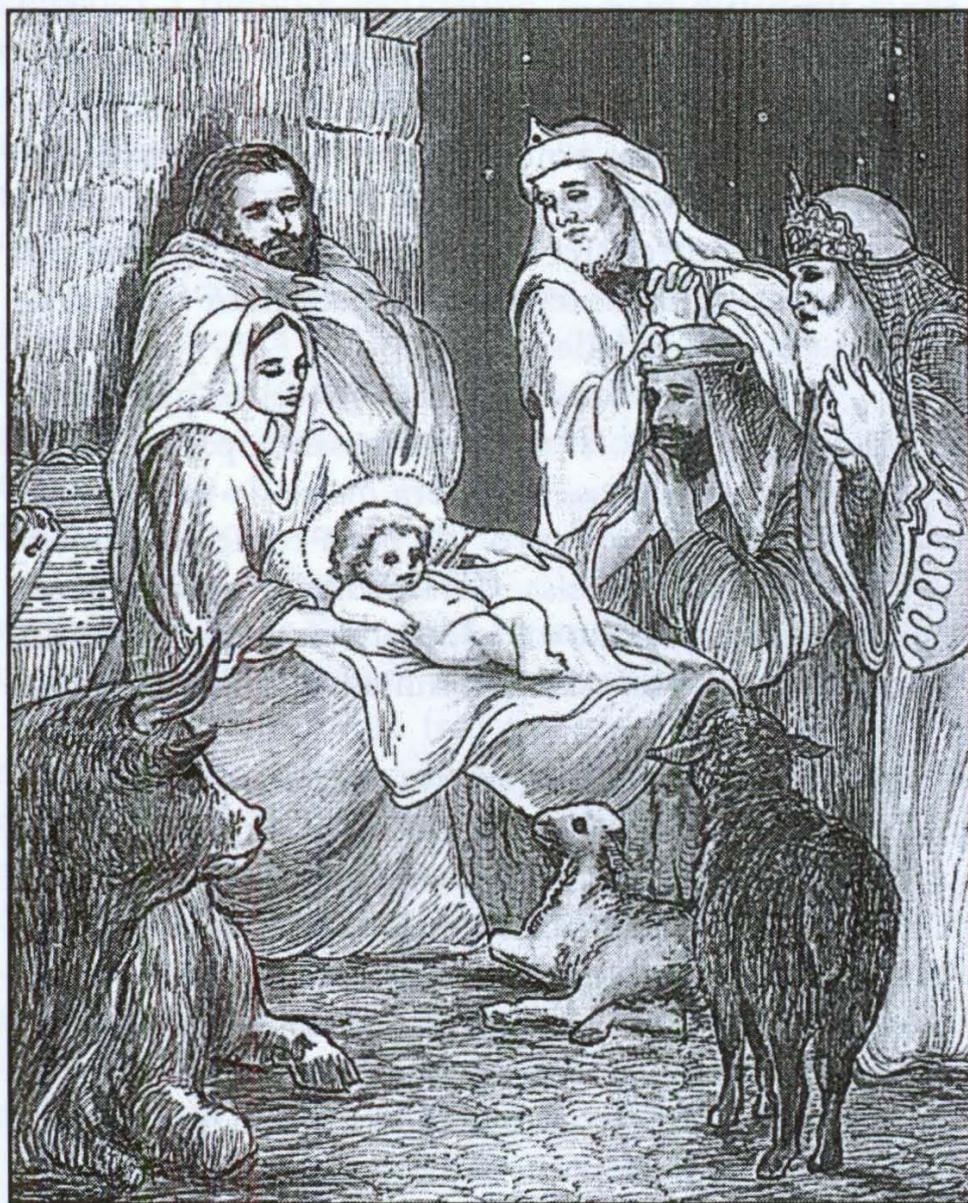
Obedecendo a velhos preceitos patriarcais, as famílias se isolavam na noite santa, para se reunirem em suas casas, à sombra quase de uma árvore, que parecia ser o “pivô” da Festa e que era armada na sala maior da casa. Geralmente se tratava de um pinheiro, ainda novo, adornado festivamente e iluminado em profusão por muitas velinhas de diversas cores.

Na realidade, tratava-se de um costume completamente desconhecido no Brasil. Sempre fora tradição, nos países pertencentes à área do Mediterrâneo, em cuja esfera de influência se enquadrava Portugal, e com isto também o Brasil, festejar-se o nascimento do Menino Jesus, armando-se um presépio nas capelas ou nas Igrejas, onde a Sra. Mãe de Deus, São José, o Menino Jesus, os Anjos, o boi, o jumento e as ovelhas, os pastores e os Três Reis Magos, enfim, to-

das as pessoas e coisas ligadas de qualquer maneira à Mística do Natal, eram representados por figuras artísticas de madeira ou de cerâmica, tudo disposto com muita arte dentro de um alto-relevo copiado de alguma paisagem conhecida da Terra Santa.

Na noite do Natal, ao badalar festivo dos sinos, ocorria a grande massa popular, para desfilar diante do presépio e adorar com ternura e devoção o Santo Menino assim exposto sob a luz mortiça das velas.

Sob o influxo imediato e poderoso de Roma, capital eterna da Cristianidade, o Natal sul-europeu congregava as multidões, que se aglomeravam nas praças e nas catedrais, sem distinção de idade ou de fortuna, para em comum festejarem o grande acontecimento e assistirem, depois da meia-noite, à Missa do Galo.



Toda a devoção popular se concentrava na poderosa mística do nascimento de Jesus. As catedrais estavam iluminadas feericamente por muitas centenas de velas e o crepitar dos turíbulo, no decorrer do ofício divino, transmitia aos fiéis uma noção bastante real do significado dos presentes régios trazidos ao recém-nascido pelos Três Reis Magos: ouro, incenso e mirra.

Está há muito tempo na consciência dos povos cristão, que o genuíno espírito do

Natal de Jesus acha-se ligado de maneira mutável a esses estranhos e ao mesmo tempo tão agradáveis odores do Oriente, reservados na Antiguidade para homenagear apenas os deuses e potentados.

A petizada, porém era mimada somente no dia 6 de janeiro, isto é, duas semanas após o Natal, apenas no Dia dos Reis, quando os pais e os adultos em geral cumulavam os pequeninos de presentes e de guloseimas.

Os alemães, que estiveram presentes à fundação de Joinville e em Blumenau trouxeram consigo seculares tradições natalinas próprias, que haviam surgido e se formaram em um clima diferente, em virtude do grande divisor das Civilizações antigas, que eram os Alpes, e assim muito longe do primeiro centro de irradiação do Cristianismo na Europa, que era Roma.

Nos países situados ao Norte dos Alpes, a sagrada mística do Natal, em seus numerosos símbolos, sofrera, em um período histórico, as influências não somente de um clima natalino muito rigoroso, como também do impacto, aliás natural, da resistência, embora muitas vezes passiva, de uma alma diferente, autônoma e forte, além de muito sentimental, sendo esta última característica uma reação principalmente do elemento feminino, como ainda veremos.

Quando foi pregado o Cristianismo aos diversos povos germânicos, principalmente por São Bonifácio e seus companheiros, os mesmos, de uma maneira geral, aceitaram com boa disposição a nova religião, cujos ensinamentos correspondiam quase sempre aos seus próprios ideais. Fato este, porém, que não pôde evitar, que se consumasse o impacto entre a mística cristã, pregada pelos missionários e a tradição mística dos povos nórdicos, entre a qual sobressaía o respeito pelos carvalhos milenares, a cuja sombra eram realizados todos os atos oficiais da tribo.

Aceitando pois os povos nórdicos a nova religião com humildade, em parte até com entusiasmo, a fusão das duas místicas foi apenas uma questão de tempo.

Surgiram dessa fusão, que se realizou no decorrer de séculos, símbolos novos, que não mudaram absolutamente a essência dos ensinamentos recebidos, porém, eram apenas mais condizentes com o seu modo de viver e modo de pensar.

O esoterismo natalino sofre com isto nos países nórdicos em geral uma tamanha mutação, que podemos falar em uma verdadeira Renascença, em moldes completamente novos e independentes.

Resulta uma diferença fundamental entre Sul e Norte, embora apenas nas aparências. No sul europeu, o Natal é festejado nas praças e nas catedrais e,

quando em casa, “de portas e janelas abertas”. No Norte, o Natal se transformaria em um verdadeiro retiro emocional, “atrás de portas e janelas fechadas”, aliás uma atitude forçada, diante do frio rigoroso reinante justamente na época do Natal, que apresenta as noites mais longas do ano.

Rebuscando os arcanos de sua rica simbologia pagã, os povos germânicos introduziram sorrateiramente no folclore natalino um dos tradicionais espíritos germânicos, que habitavam as densas florestas nas encostas das altas montanhas da velha Germânia, transformando-o em mensageiro sorridente do amor ao próximo! Surge assim, aos poucos, a figura querida de Papai Noel!

Papai Noel é, pois a grande figura, composta exclusivamente de altruísmo. Encapuzado em seu vasto manto real e acomodado em seu trenó de formas esguias, puxado por duas ou mais parelhas de velozes cervos, o mesmo se empenha a fundo e sem descanso, para distribuir ainda na véspera de Natal, entre todos os fiéis, mesmo nos recantos menos acessíveis das florestas, por pequeno que fosse, um pacote: e que surpresa maravilhosa! O bom do Papai Noel não esquece ninguém e sempre sabe adivinhar os desejos mais secretos e as esperanças mas recônditas de todos os mortais, pois sempre acerta nos alvos em cheio...

Para o ambiente natalino europeu, o Papai Noel é uma figura de rara beleza: a púrpura real, com que se veste Papai Noel, o marrom da madeira de lei, de que é feito o trenó, o marrom avermelhado dos cervos, que ostentam grandes galhadas de muitas pontas, tudo projetado sobre a paisagem inteiramente branca, dos campos cobertos de neve e verde imutável, também no inverno mais rigoroso, das florestas de pinheiros europeus...

Mas, não seria este o único enriquecimento do simbolismo natalino, recebido do Sul, e desta feita é a mulher e, entre estas, principalmente as mães, que promovem o grande conagraçamento em família.

Em virtude do frio rigoroso, que as obriga a se manterem durante meses seguidos nas suas respectivas residências, irrompe de cada coração materno, justamente no período que antecede o Natal, e transbordando quase de maneira explosiva, esse bem querer irreprimível, que faz com que as sementes do bem, trazidas pelos missionários, germinem de uma maneira inesperada.

Recebe a mulher nórdica a mística cristã e, após um período de mutação, a devolve ao mundo, enriquecida, revigorada, revolucionada por completo, transformada na demonstração mais poderosa jamais ideada pelo gênero humano no setor do amor materno e conagraçamento geral.

E, como que por encanto, surge cristianizado, mais um dos grandes

símbolos da velha Germânia: a árvore, que simboliza a vida e também a eternidade! Antes do homem, Deus já criara a árvore e esta representava, pois, uma das imagens de maior projeção entre os povos germânicos.

A presença da árvore, neste caso, da “Árvore do Natal” na casa, transforma esta em templo. As dezenas de velas acesas transformam o ambiente, até então escuro e frio, e o tornam luminoso e agradável! O incenso e a mirra são imitados pelo cheiro característico da resina do pinheiro, que se evola ao calor das velas acesas. O algodão resplandecente sobre a ramaria, lembra a própria natureza, porque neve e árvore, no dezembro europeu, são dois conceitos, que se completam. Os enfeites em geral, as nozes e principalmente as maçãs vermelhas, suspensas em profusão nos galhos das árvores, tudo objetiva e contribui, para que se torne realidade palpitante o maior clímax jamais ideado por um coração materno!

Os doces, de todos os formatos, imitando outros tantos símbolos festivos, exalam estranhos aromas do Oriente, o aroma peculiar das maçãs toma conta do ambiente e em seguida entoam-se as mais ternas canções natalinas jamais criadas pela sensibilidade artística de um povo.

Os adultos, ostentando um sorriso de expectativa, ofertam os seus presentes e se abraçam e se beijam, almejando um Feliz Natal! E, passados os primeiros instantes de alegria, agradecem uns aos outros tantas surpresas inesperadas... Para em seguida, convidados pelos sinos festivos, assistirem nos respectivos templos os cultos em ação de graças.

A festa se torna pública apenas no dia imediato, quando há um culto divino festivo, ao meio-dia, um almoço especial, com um marreco, ou um ganso ou mesmo um peru assado e, à noite, alguma reunião festiva em seu Clube de preferência.

Eis em traços gerais a origem e os característicos principais do Natal nórdico, que se festeja também, da mesma forma, respeitando as tradições dos avós, em milhares de lares sul-brasileiros. Todo ano se repete também no Brasil o grande milagre da mais pura fé cristã, cuja concretização devemos principalmente ao amor transbordante das nossas queridas mães e avós, assim como do elemento feminino em geral, que sempre novamente cada ano que passa, atendem com verdadeira alegria ao grande apelo dirigido à humanidade na noite original do Natal de Jesus, há 2.000 anos, quando os Santos Anjos anunciaram em vozes celestiais aos pastores de Belém:

“Glória a Deus nas alturas e paz na terra a todos os homens bem intencionados...!”

## Memórias Natalinas

### Natal de 1943

*TEXTO: BRIGITTE  
FOUQUET  
ROSENBROCK<sup>1</sup>*



Aquele Natal, que tinha tudo para ser o mais triste de minha vida, tornou-se o Natal inesquecível!

Papai adoeceu! Dois meses antes do Natal o médico recomendou-lhe que fosse procurar tratamento em São Paulo. Papai e mamãe decidiram procurar melhores recursos. Mas eles eram jovens ainda e tinham 3 filhas menores, 10, 9 e 6 anos somente.

Mas o grande problema teve solução fácil. Como eram muito ligados ao Hospital Santa Catarina, mamãe semanalmente passava uma tarde lá, juntamente com um grupo de senhoras voluntárias para costurar roupas de cama, bordar toalhas que viriam a decorar os quartos dos doentes, enfim era do grupo de apoio ao hospital.

Nos idos de 1940, o Hospital Santa Catarina era administrado por Irmãs da Alemanha. Estas se ofereceram para cuidar de nós três. Fomos morar no Hospital, um apartamento que normalmente era ocupado por doentes, no número 44, no primeiro andar.

Lá muito bem instaladas passamos a morar. Diariamente íamos e voltávamos de automóvel de praça (como se chamavam os táxis) que era vizinho do hospital e a sua filha, nossa colega de aula. Naquele tempo tudo era muito fácil.

Brincávamos nos jardins do hospital, escorregávamos pelo barranco em cima de folhas de coqueiros, com as quais fazíamos as canoinhas. E nossas roupas ficavam de acordo com a brincadeira! Mas éramos crianças e as Irmãs eram muito compreensivas e boas! Ah, quanto amor recebemos delas! Não chegamos a ter saudades de papai e mamãe.

E os doentes! Nós os visitávamos, levávamos flores que colhíamos no jardim. Lá fizemos muitas amizades, com crianças, adultos e idosos doentes.

E a época do Natal se aproximava. Encerraram as aulas e preparávamos a festa. Fomos nós três

<sup>1</sup> Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos

preparadas com camisolas brancas das Irmãs que usamos como trajes de anjos. Primeiramente na Igreja encenamos no Culto Infantil o nascimento de Jesus e nós três de camisola com asas de papelão enormes nas costas, éramos os anjos! E na noite de Natal, num ambiente muito festivo que as Irmãs sabiam preparar, nos tornamos anjos!

Começamos a caminhada no corredor do Hospital Santa Catarina, nós três na frente, e atrás um Coro de Irmãs e enfermeiras cantando hinos de Natal.

As portas de todos os quartos estavam abertas, as luzes todas apagadas, só as muitas velas iluminavam com sua luz bruxuleante todos os ambientes. E nós três entrávamos em cada quarto e entregávamos um presente a cada doente. Havia risos e lágrimas e muita emoção, íamos de quarto em quarto sempre acompanhadas pelo coro dos anjos.

Depois veio o nosso Natal! As irmãs nos deram presentes que papai e mamãe haviam deixado e muitos mais que elas compraram.

Antes do Ano Novo, papai e mamãe voltaram de São Paulo. Papai curado, graças a Deus, e aí tivemos o nosso Natal em casa.

Todas as novidades que havia em São Paulo eles trouxeram para nós. Nunca havíamos ganhado tantos presentes e também nunca mais festejamos duas vezes o mesmo Natal.

Este com certeza foi o Natal que mais marcou a minha vida, o Natal de 1943.



## Entrevista

### História de vida: Guido Magnani

ENTREVISTA:  
BRIGITTE  
ROSENBROCK<sup>1</sup>



*Publicamos neste bimestre a entrevista realizada com o corretor Guido Magnani. A mesma foi concedida à Senhora Brigitte Rosenbrock em 2000, através do projeto “Resgate da Memória Histórica de Blumenau”, promovido pelo Instituto Blumenau 150 Anos. Neste depoimento o senhor Guido Magnani, narra suas memórias de infância, família e aspectos da vida do cotidiano da cidade.*

*B: Sr. Guido, queira se apresentar, por favor.*

G: Meu nome é Guido Magnani. Nasci em Florianópolis. Sou filho de Mário Magnani e de Ana Schwartz. Meu pai era de nacionalidade italiana. Nasceu em 11 de março de 1890 e veio para o Brasil aos oito anos, estabelecendo-se no Rio de Janeiro. Posteriormente foi para São Paulo. Em 1925 veio para Blumenau onde abriu uma fábrica de instrumentos de corda. Faleceu no dia 23 de agosto de 1965, em Blumenau. Minha mãe era da família Schwartz, nasceu em 21 de julho de 1893 e faleceu em aqui em Blumenau em 5 de dezembro de 1961.

*B: Onde o Sr. fez os seus estudos?*

G: Aqui em Blumenau no saudoso Grupo Escolar Luiz Delfino. Na época em que ele funcionava onde hoje está o Fórum de Blumenau.<sup>2</sup> Depois, tive mais um ano de aula com um grupo de funcionários do Banco do Brasil, num curso de aulas práticas de comércio. Então aprendi contabilidade, português comercial e história.

*B: Em que região de Blumenau vocês moravam?*

<sup>1</sup> Colaborada da Revista Blumenau em Cadernos.

<sup>2</sup> Neste local o FORUM não mais desempenha as suas atividades (2003), mudou-se para as imediações da Proeb.

G: Quando viemos pra cá, eu devia ter uns três ou quatro anos, nós moramos na Rua São Paulo, onde hoje mais ou menos fica a firma de conserto de motores elétricos da família Küertz. Ali nessas redondezas é que nós morávamos. Depois, mais tarde um pouco, quando eu tinha 8 anos de idade, fomos morar na Rua Paraíba, onde fomos conhecer a família dos seus pais, o Sr. Gustavo Thomsen, o seu Heusi, o seu Azeredo...

B: *Quais são as lembranças da sua infância?*

G: A cidade era bastante pacata. As ruas não tinham calçamento e naturalmente, o movimento era menor. Carroças, e de vez em quando apareciam aqueles tropeiros que vinham de Lages tocando o gado, pela estrada a fora, pela cidade, e ia até Itajaí e outras cidades vizinhas, levado para o abate. Isso era interessante, e nós, crianças, íamos à calçada pra ver os tropeiros. Vinham também junto aquelas mulas, que traziam queijo, charque, fumo etc.. Essas coisas eles iam vendendo.

B: *O Sr. tem alguma lembrança quanto aos ciganos?*

G: Na Rua Paraíba havia um local onde existia uma olaria da família Schneider e ali próximo se tirava o barro para telha e tijolo. E ali havia um pasto. E esse local era ponto de acampamento dos ciganos. E esses ciganos inclusive, compraram instrumentos do meu pai que fabricava instrumentos: violinos, violões, bandolim. Inclusive, meu pai foi convidado duas vezes pra participar de casamento de ciganos que houve ali no acampamento. Eles convidaram a família toda. Então foi uma festança que eles fizeram. E eles se entrosavam muito bem com a gente. Meu pai comprou, eu me lembro muito bem, um bonito tacho de cobre, porque na época se fervia roupa, pra poder limpar mais facilmente, porque não havia os detergentes de hoje.

B: *E o casamento cigano, o pessoal que eles convidaram foi lá?*

G: Foram! Os meus pais foram. Eu como era criança, então, não fui convidado. Mas a gente ficou por fora olhando e foi uma festa com música, com tudo, foi uma beleza! Por incrível que pareça, a nossa comunidade que tem diversas etnias, sempre aceitou bem essas pessoas. Porque também, na época, eles nunca incomodavam!

B: *Eles nunca fizeram nada que desapontasse...*

G: Nada, nada! As senhoras saíam pra ler a mão, essas coisas como até hoje se faz, mas nunca houve atritos maiores com eles.

B: *É. Eu inclusive me lembro, porque vovó morava quase que em frente. Em frente era a funerária... a Marmoraria Haas. Então os ciganos se dividiam para pegar água no poço da marmoraria e da casa da vovó. Naturalmente cedia-se água pra eles, porque lá no local, realmente não havia. Então, os ciganos viviam bem entrosados, principalmente com aquela vizinhança que já estava acostumada!*

G: Inclusive ali, naquela ruazinha em frente à Rua São Paulo, morava um casal de idosos, era o seu Borba....

B: *Completaram bodas de ferro.*

G: E essa gente, esses ciganos, iam lá na casa do seu Borba para pegar água também, essas coisas todas. O seu Bach tinha um pomar, com laranjas, caquis e outras frutas, ele cedia essas frutas pra eles.

B: *Vamos voltar a falar no seu Borba. Não se recorda quando eles fizeram bodas de ferro? Durante muito tempo eles tinham na porta da casa uma coroa com detalhes em ferro, que alguém deu pra eles na época. Isso é uma coisa que me marcou, aquela coroa com detalhes em ferro e sessenta anos escrito no meio.*

G: Eu me lembro muito bem da escadinha, que tinha pra entrar na casa deles. A minha mãe ia lá, fazia visitas, nós éramos crianças e ficávamos sentados na escada, fazendo bagunça. Nós nos divertíamos de outra maneira, deixávamos as mães lá conversando.

B: *E os seus amigos, como é que vocês se divertiam naquela época?*

G: Nós, rapazes, na época, tínhamos uma piscina que chamava-se poço do Dr. Sapo e isso era nos fundos do terreno que pertencia ao Dr. Victor Konder. E nos fundos havia uma curva do rio, onde nós tomávamos banho. E naquela época, a água do rio era limpinha! Então aquilo ali era o nosso playground. E o Dr. Victor Konder aparecia lá de vez em quando e dizia: “Vocês só não me quebrem nenhuma árvore!” Podem brincar à vontade! Então existia um bosque que era uma maravilha.

B: *Era lindo!*

G: Então esse bosque tinha uma parte que era plantado e uma parte que era mata. Brincávamos lá, ele deixava nós brincarmos lá, deixava nós brincarmos até perto da casa que ainda existe hoje... Havia uns atletas que pulavam lá de cima da ponte, lá no poço. Hoje se alguém pular lá vai dar no fundo (Risos), ainda restam poucos centímetros de água. Algumas pedras que existiam lá, hoje eu acho que elas não estão mais aparentes. Mas, na época, elas eram um tipo de pedra-lousa, e... então era costume de quem tomava banho escrever nelas. Lá entre aquelas pedras lisas, eu deixei gravado as minhas iniciais. Se um dia alguém mexer lá, vai aparecer um monte de coisas. Todo mundo que tomava banho lá, meus irmãos, meus amigos, marcavam. Fizemos as gravações. Pode ser que algum belo dia, se eles mexerem para fazer uma limpeza vão estar ainda lá.

B: *E o futebol na vida de vocês?*

G: Oh, o futebol era do lado da casa do Haas, da família Haas, um pessoal que tinha uma firma de fazer sepultura. Ao lado havia um terreno baldio e ali era o nosso campo de futebol. Mas como era muito pequeno, não dava pra fazer duas linhas, era o ataque contra a defesa, era meia linha. Então havia só uma trave. Uma turma tinha que fazer os gols e outra que defender os gols. E se... não sei como que era direito a contagem, se você chutava pra fora, tinha ponto perdido, e se chutava dentro, tinha um ponto ganho. E era assim que se brincava. E o pior de tudo é o seguinte: o dono da bola. É, porque bola de futebol naquela época, de couro, isso custava uma fortuna. Chuteira nem pensar! A gente ia descalço e o chão não tinha mais grama, aquilo era só terra. Então.... havia um rapaz que era o dono da bola. Muito bem, então ele sempre jogava, mas ele era ruim. Então, quem o pegava no lado, estava frito! (Risos) Mas, sem bola não existia o jogo.

B: *E o cinema?*

G: O cinema pra mim, foi uma coisa que sempre me fascinou. Até hoje. Eu gosto de ir no cinema ver bons filmes, gosto. Porque o cinema, ele traz uma série de novidade, traz cultura e, sobretudo coisas interessantes que se não fosse o cinema, nós jamais iríamos saber. A indústria cinematográfica conseguiu trazer pra nós, aspectos de vida de séculos passados. E isso jamais poderia existir, se nós não tivéssemos visto isso em cinema. Eu conheci o Cine Busch

quando ele ainda ocupava o salão de baile do Grande Hotel que foi transformado em cinema. Mais tarde construíram o Cine Busch.

*B: E as sessões eram constantes?*

*G: Eram! Nós como éramos crianças, tínhamos matinê de domingo, com dinheiro contado, pra pagar o ônibus, pra pagar a entrada e depois voltar a pé. Ficávamos ansiosos a esperar o domingo para ir na matinê! Um dia eu me estourei. Ganhei um mil réis, saí de casa e não fui de ônibus, fui a pé. Aí passei na confeitaria do Eimer e comprei chiclets e mais uma bala. Com o troco era pra dar, mas naquele dia o cinema aumentou e eu não consegui ir ao cinema. (Risos) Fiquei sem matinê.*

*B: E o que ele (cinema) representou pra nossa geração!*

*G: Eh! O ambiente sempre foi muito bom, sempre muito bonito. Existia antes do Socher, a sorveteria Rex. Era um lugar grande, fazia-se lanche, sorvetes, doces e eles tinham a famosa geladinha. Não sei se você lembra da geladinha? A geladinha era o seguinte: eles tinham um aparelhinho que tinha uma caixinha de metal, sem tampa. E ela tinha um fundo que você podia levantar. Então eles botavam dentro da caixinha um wafer do tamanho da caixinha. Aí eles enchiam com sorvete e depois botavam outra tampinha. Isso aí se chamava geladinha. Era uma delícia! Isso era na sorveteria Rex. O Socher veio um pouco depois dessa sorveteria E um outro lugar que se comia uma boa geladinha, era aqui em cima no Töenjes, era aqui defronte da igreja.*

*B: E isso hoje nós não temos mais, a opção de poder escolher algo na Rua XV. Quando nós queremos, é nas laterais, nos fundos, na Sete, mas na Rua XV não existe mais uma confeitaria.*

*G: Realmente, acabou-se. Nós tínhamos na época, isso faz tempo, é coisa de cinquenta anos atrás...Havia também a casa do Bentinho, que era bem aqui em cima na Rua XV, onde ainda funciona um café. O Betinho tinha uma particularidade, o bar dele não tinha porta. Então ele não fechavam nunca, ele trabalhava 24 horas por dia! (Risos). Ele não fechava, porque não tinha, naquela época, comunicação com os fundos, ficava para o rio. Mas na frente, ele raramente botava as portas, ele tirava portas, ele nunca fechava.*

*B: É, realmente era uma Blumenau diferente. O senhor citou a beira-rio. Todas*

*as casas faziam fundos com o rio diretamente, ou pouco mais afastadas.*

G: Por exemplo, não sei se você conheceu o Hotel Boa Vista?

B: *Sim!*

G: Onde era a agência dos ônibus da Catarinense. A varanda Seiferts. A varanda que havia do lado do rio era uma coisa grande! Ela tinha bonitas cadeiras de vime... Era o restaurante do Hotel Boa Vista. Aquilo era super limpo! Aquelas toalhas super brancas. Aquilo era também para pessoas com mais posses! O Töenjes também tinha aquela varanda para o lado. Mas ele já tinha mais juventude. Mas no Boa Vista era mais para pessoas posicionadas da cidade, pessoas com um pouco mais de idade. Eles se encontravam lá, para tomar uma cerveja, à tarde, final de semana, sei lá. Então... era um ambiente mais seleta.

B: *E a Polar com uma varanda enorme!*

G: Era a novidade que apareceu naquela época. O Polar que trouxe o Ice-cream soda. Ah, aquilo era uma loucura! Só custava caro, né! Então tinha que catar uns dinheiros, pra chegar lá num determinado domingo só pra poder tomar um daqueles Ice-cream soda. Era assim: Eles botavam um porção de groselha, num copo de sorvete e depois a soda, então....

B: *E aquilo borbulhava...*

G: E você tomava com canudinho, era um copo alto. Isso depois todas as sorveterias tinham, mas era uma novidade, o Ice-cream soda. Mas também a Polar trouxe o frapê de coco, lembra? O frapê de coco, todo mundo tomava o frapê de coco. E também o chocolate, o sorvete em cima e a nata, era outra especialidade da Polar.

B: *Hoje em dia se toma um suco, naquela época tomava uma coisa mais sofisticada!*

G: Não era barato! Era caro, custava um bom dinheiro. Outro lugar muito interessante também, com esses frapês e essas coisas, também foi o Töenjes.

B: *Agora fale um pouco do seu pai, da sua família.*

G: Meu pai trabalhou no Rio de Janeiro, numa fábrica de instrumentos de

corda. E em São Paulo ele trabalhou numa outra firma, agora eu não estou me lembrando do nome dela. E lá, ele aprendeu a fazer instrumentos e inclusive meu pai fazia três instrumentos que não é qualquer criatura no mundo que consegue fazer. Era o violino, o violoncelo e o contra-baixo. Ele fabricava esses instrumentos. Lembro-me de uma ocasião, em que veio para Blumenau uma orquestra. E naquela época existia sobre a Rua Itajaí, o viaduto do trem, ali na ponte dos arcos. E o ônibus veio pra cá, trazendo a orquestra. E em cima do ônibus vinha um contra baixo, grande. Quando eles passaram no viaduto, afundou o contra baixo e quebrou tudo. E daí, eles precisavam do conserto do contra-baixo dentro de três dias, depois eles iriam fazer o baile. E agora? E o meu pai reconstruiu aquela tampa toda quebrada, provisoriamente. A orquestra era do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Estava espatifado, estava todo quebrado, com umas partes descoladas. No tempo não existiam essas colas como hoje, à prova d'água. Era cola quente, feita com material feito de membros de animais. E isso então era uma cola para fazer uma tampa, pra esse contra-baixo. E ele fez lá, uma tampa nova para o contra-baixo. E eles fizeram o baile e o contra-baixo agüentou. Ele mandou (na época já tinha avião em Itajaí, tinha aeroporto) a tampa para Porto Alegre. Inclusive eles mandaram uma carta, pro meu pai falando que a tampa serviu perfeitamente. E isso foram coisas que aconteceram assim, que eu gravei. Eu lembro disso. Meu pai era um artífice, ele consertava máquina de costura pra vizinhança... Comprava, reformava e revendia pianos usados. Ele ia para Curitiba, lá comprava cinco, dez pianos e depois reformava. Substituía as partes que tinham cupim, porque alguns pianos vinham com madeira, parte daquele pinho alemão e aquilo era uma festa para o cupim do Brasil. Lá na Alemanha um piano dura trezentos, quatrocentos anos, não vai ter cupim nunca. E aqui não, o cupim se instala. Inclusive foi sensação um piano que meu pai comprou em Curitiba. Lá havia muitas casas de móveis usados. E ele comprou uma pianola. Ele tinha escamoteado aquele sarrafo em baixo do pé. Você abria na frente e ele tinha guardado em cima aquele rolo de papel perfurado. Vocês já viram aquilo. E, embaixo se abria, vinham os dois pedais. Trabalhava com os dois pedais. Então o pai reformou esse piano todo. Não funcionava porque estava todo entupido pelas partículas dos papéis das músicas. E entraram. Aquilo era tudo de chumbo e pesava uma enormidade. E meu pai botou o piano para funcionar perfeitamente. Vieram junto com o piano vinte oito músicas; solos de músicas. Havia o Guarani, Cavalarias dos

Titãs, um monte de coisa. Então quando era sábado à noite, quando eu estava assim bem inspirado, ia lá no piano e tocava. Eu botava lá o rolo da música e a vizinhança, os parentes ouviam. (Risos) Porque a música saía perfeita como se estivesse tocando. É, então aquilo seguia e dava a cadência, o andamento que a música tinha que ter, como suave, piano, pianíssimo, bravo, bravíssimo...O meu pai reformou aquilo pra vender e não conseguia vender porque era muito caro. Ele tinha pago caro e fez toda a recuperação dele. No final, foi vendido para um parente do Sr. Heusi, eu acho que era um primo ou um irmão dele, de Itajaí. E agora, lembro também, que ele chegou a fabricar cordas. Porque não existiam cordas pra comprar, isso vinha da Alemanha. E quando houve a Guerra, existiu um problema sério dessas coisas. Quem tinha isso em estoque, tinha sorte. Então houve necessidade de ele fazer cordas de piano. Não sei se vocês já viram as cordas de piano. Elas são um arame de aço, mas algumas são aço com um fio de cobre enrolado nelas. E o meu pai fez uma máquina manual. Ele estendia o fio de aço e pegava aquele fio de cobre, cobria o fio de metal, de latão e fazia a corda. Não vou dizer que ele era um gênio, era um homem que superava qualquer dificuldade que ele tivesse. Ele comprou esses fios de latão de diversas espessuras, uns eram para as cordas mais grossas, outras também mais finas. Eu tenho lá em casa, até hoje, rolinhos de cobre que é daquela época do meu pai. Esses tempos um cara me ofereceu um violino que era do meu pai pra comprar, mas ele me pediu demais.

B: *Seu pai tinha feito?*

G: É, ele queria vender o violino...

B: *O senhor mencionou a época da Guerra... a dificuldade de importar. Agora, como é que vocês, os colonos italianos, descendentes dos colonos italianos, sentiram a Guerra aqui, a época da Guerra?*

G: Na época anterior à Guerra houve aqui aquele movimento Integralista. Meu pai pertenceu àquele movimento. Mas ele não era uma pessoa assim muito fanática por aquilo. Era o pessoal, principalmente de origem alemã. Mas meu pai nunca teve problema, ele inclusive, conseguiu durante a Guerra viajar para Florianópolis, coisa que ninguém conseguia. Ele ia lá falava com o delegado, se dava com o delegado. Eu digo, meu pai era uma pessoa interessantíssima, não fazia rejeição de ninguém, se dava com preto, se dava

com amarelo, com azul, ele se dava com todo mundo. Inúmeras vezes, trouxe para casa pessoas que estavam lá consertando seus instrumentos, principalmente quando havia aqui aquela favela junto da ponte de ferro...

*B: A Farroupilha...*

*G: A Farroupilha! Ali havia mais de quatrocentos barracos. E ali, aquele pessoal era o que comprava muitos cavaquinhos, entendeu? Cavaquinho ele fabricava, aquele violãozinho mais baratinho, sem muito adorno, essas coisas todas. E ele se dava com essa gente toda, todo mundo ia lá na oficina dele. Então ele nunca teve dificuldade com nada. Houve pessoas que aqui em Blumenau foram perseguidas na época da Guerra. Andaram fazendo umas coisas que não deviam fazer, como falar alemão ou italiano, mas uma coisa que não tem nada a haver com outra. O meu pai nunca teve problemas. E outra coisa interessante também, apesar de nós sermos uma família de origem italiana e aqui em Blumenau não tinha muitos, nunca tivemos nenhum problema com outras origens. A minha mãe falava o alemão, fomos sempre uma família muito boa, bem considerada em Blumenau.*

*B: Como era a clientela do seu pai?*

*G: Como eu já tinha anteriormente revelado, a clientela do meu pai, era composta de pessoas mais conceituadas em Blumenau. Era amicíssimo do meu pai o maestro Heinz Geyer. Era um homem que quando tinha que afinar piano no Carlos Gomes, era meu pai que fazia. Quando o Geyer tinha concerto no violino dele, era o meu pai que fazia. E assim por diante. Meu pai se deu com músicos das mais variadas categorias e classes. Então ele tinha um relacionamento muito bom com as pessoas da cidade. A música é uma coisa fantástica. Tocava uma série de instrumentos. Mas o instrumento que ele realmente aprendeu a tocar era o bandolim. Este era o instrumento que ele tocava. E ele sabia, era exímio, então se juntou aqui com a família do Schneider, que tinha a olaria com o seu Elpídio. Não sei se você conheceu, trabalhou na Estrada de Ferro, na Rua Sete, perto da Livraria Alemã. Acho que ele era paraibano. E tinha muito conhecimento com pessoas de diversas classes sociais da cidade. Inclusive com a família Hering...*

*B: E para o Sr. Ingo Hering seu pai nunca afinou piano?*

G: Eu creio que sim, porque o que meu pai afinou de pianos em Blumenau foi uma loucura! Outra pessoa que também sempre usava o trabalho do papai era o Dr. Victor Konder. Ele tinha um piano e meu pai ia lá, arrumava o piano, afinava, porque o piano com as mudanças climáticas que nós temos, sofre muito! Então ele fazia esse trabalho nessas casas todas. Numa ocasião foi solicitado pelo Dr. Haffner lá no hospital. Ele morava naquela casa que era da comunidade, até que fizeram um prédio bonito. Achei belíssimo aquele prédio lá. Meu pai numa ocasião foi lá afinar o piano na casa dele e lá ele teve que tirar umas peças fora, que tinham problemas. E aí ele acertou esses problemas, e dentro do teclado do piano ele achou uma moeda de prata da Suíça. Ele estava aprontando o serviço e disse: “Olha, essa moeda estava aí dentro do piano.” “Estava dentro do piano?” “Sim, sim, estava embaixo.” “Ah, então é sua!”. E essa moeda eu tenho guardada em casa. Quer dizer, ele se dava com todo mundo, então não tinha dificuldades de se comunicar. Meu pai tocava, veio pra cá, e casou em Blumenau. Conheceu a minha mãe aqui. Ela trabalhava em Blumenau, na Empresa Industrial Garcia. Ele na época veio pra cá solteiro. Foi aquele negócio, de fazer aquelas famosas serenatas! (Risos) Usava-se muito. Lá em casa aquele pessoal que morava ali na favela, de vez em quando vinha, faziam uma serenata para o seu Mário. (Risos). O seu Mário tocava duas ou três músicas, daí eles iam embora. (Risos) Isso era de madrugada, nas noites de sábado pra domingo.

B: *Ele mencionou para o senhor alguma vez o motivo dele ter imigrado para o Brasil?*

G: Não, ele era criança. E eles vieram para o Brasil contratados. Eles vieram e desembarcaram em Santos. E na época, ele era uma criança de oito anos. Havia as moças, uma filha do meu avô morreu a bordo, foi jogada ao mar. Eles vieram, fizeram aquela quarentena em Santos e daí foram pra São Paulo. E eles estavam na estação da estrada de ferro, em São Paulo, esperando um trem que ia levá-los para um determinado endereço. E as crianças estavam andando ali, todo mundo falando italiano. Passou um cidadão, também italiano, perguntou pra eles: “Escutem, vocês são italianos, estão indo para onde?” Aí o meu avô falou: “Nós já estamos indo pra fazenda do fulano de tal.” “Meu Deus, não vai porque esse cara é um déspota, e ele não vai lhes ofertar lugar nem para sua mulher, nem para os seus filhos.” Eles estavam para ir para o interior de São Paulo. E o meu avô não foi. Ele ficou em São

Paulo, de lá eles foram para o Rio. Eles tiveram mais uns filhos brasileiros, aqui. Meu avô já veio com sete filhos pra cá e uma morreu a bordo. Crista, era a esposa com 33 anos. Os filhos: Vitório, 11 anos; Mário, 8 meu pai, Romilda 7 anos; G, 5; Lima, 3; Antônio, 1 ano. Finet, era o nome daquela que pereceu a bordo. Depois, ele teve outra filha chamada Fineta. Esse Guido, na Guerra de 1914, foi servir na Força Italiana, ficou prisioneiro dos alemães um monte de tempo. E eles não tinham notícia dele. E aí, nasceu o primogênito de meu pai, e ele botou o nome de Guido. Depois, esse menino morreu com 12 anos. Eu nasci em 1929, e ele botou outra vez o mesmo nome Guido. Então, tem três Guido na família. E esse que estava perdido lá na Guerra, acabou reaparecendo. Foi repatriado no Brasil.

*B: O seu avô chegou aqui no Brasil no dia 22 de novembro de 1898, aportou em Santos. Na certidão de desembarque diz que o destino era Rio das Pedras. Deve ser fazenda de Mário de Carvalho.*

*G: E o cara era famoso! E o pior de tudo foi o seguinte, que nessa tele-novela da Globo que nós estamos vendo, os imigrantes vieram com uma maletinha e tal. E o meu avô, quando eles vieram, eles tinham esses baús grandes de madeira que eles fizeram lá. Tudo era roupa branca. Desde roupa de cama, até roupa de gente, branca, era tudo de linho. Eles tinham plantação de linho. E eles fiavam e teciam em casa, faziam os tecidos em casa, as mulheres. Isso era no norte da Itália. Então eles vieram, com esses baús cheios, de roupas, essa coisas. E... esses baús tinham sido despachados lá pra... fazenda. E estranhamente devolveram todos eles, não estava faltando nenhum, cheios de capim.*

*B: Ah?*

*G: Cheios de capim! (Risos). Depois eles foram para o Rio, na colônia italiana. Então foi uma vida bastante dura! O meu pai, com 12 anos, já era peão de uma construção de estrada de ferro. Ele, guri, tinha que carregar água para os operários. O trabalho não mata ninguém! Hoje o menor é protegido demais, ele fica exposto a um monte de erros que há por aí. Isso infelizmente. Ninguém vai quebrar a espinha porque vai trabalhar mais cedo. Eu comecei a trabalhar com 14 anos e não quebrei a espinha. Ao contrário, aprendi um monte de coisas!*

*B: O Sr. participou do Centenário de Blumenau, conta um pouco do Centenário.*

*G: O Centenário de Blumenau foi uma coisa divulgada, foi feito um trabalho bonito na época e... os carros alegóricos, quando se apresentaram, foram coisas emocionantes. E... foi uma festa que atraiu uma quantidade enorme de visitantes à cidade. Ali onde é hoje aquela rua do lado do Carlos Gomes, na John Kenedy. Aquilo ali era um pátio dos padres. Um parque, com barracas, etc. foi instalado ali. Mas um pouco mais no pátio da Igreja, também. E o que veio de visitante para Blumenau foi uma enormidade. E, realmente os desfiles que foram feitos foram belíssimos.*

*B: Agora, aquele parquinho eu acho que marcou a juventude de Blumenau toda na época.*

*G: Toda. Toda estava ali.*

*B: E aquele parquinho tinha um lugar para patinação?*

*G: Tinha, bem lá perto, bem perto da Rua Sete de Setembro, bem junto no galpão onde havia tudo. Era uma novidade que eles trouxeram, isso não existia aqui, ringue de patinação de rodas! Hoje eles fazem com a maior tranqüilidade uma pista gelada. Na época, a refrigeração era uma coisa cara. Nós, blumenauenses, na época, nunca tínhamos visto tanta gente em Blumenau. Hoje em dia, as gerações, com a Oktoberfest, já se acostumaram a ver muita gente. Mas para Blumenau, no Centenário, pra nós blumenauenses, foi um acontecimento extraordinário, pelo volume de visitantes na cidade. Realmente foi muito procurada com essa festividade e foi uma beleza! Foi o ponto alto da cidade.*

*B: Qual é a expectativa agora para os 150 anos?*

*G: Eu não sei, estou percebendo que a coisa está muito devagar!*

*B: Estamos em cima do laço.*

*G: Você vê, nós estamos a quantos meses da festa?*

*B: Nós estamos em março agora...seis meses!*

*G: Meio ano, não dá pra fazer mais nada!*

- B: Mas eu acho que por de trás está se trabalhando bastante. Na época, eu acho que as coisas eram mais transparentes porque a cidade era menor.*
- G: Sim, sabia-se tudo. Nestes 150 Anos a coisa esta meio devagar.*
- B: Na Blumenau de 50 anos atrás, o poder aquisitivo do povo era bem maior que hoje;*
- G: Eu creio que sim. Per capita as pessoas tinham mais poder aquisitivo.*
- B: As coisas eram mais fáceis. Hoje a tecnologia existe, mas são mais difíceis. E a sua família? Você casou?*
- G: Casei com a Lia Kellerman, que infelizmente ficou doente e continua até hoje...*
- B: O pai ou a família dela também teve uma representação bastante grande...*
- G: Teve, ele era um alfaiate. Na Rua XV tinha uma alfaiataria bastante conceituada, eram os dois grandes alfaiates de Blumenau. Era o velho Kellerman e o Lömphe.*
- B: Eram os dois famosos, aí depois veio a Paulista, que era aquele alfaiate...*
- G: Os dois eram grandes artesãos da tesoura. Faziam belíssimas roupas e ternos. O problema deles eram os paletós que vinham sem as mangas. Imagina, você tinha que acertar aqui no ombro, se não ficava aquele paletozão, apertadão.*
- B: Vinham semi-acabados...*
- G: Semi-acabados. Aí então eles tinham uns dias que só faziam o acerto das roupas. Hoje você compra um terno, e mal e mal você manda fazer a bainha da calça. Eu, por exemplo, se compro roupa, terno da linha italiana, francesa, não tem erro! Eu não posso comprar terno da linha americana, por causa da altura que tenho. Então, um terno pra mim, se eu for comprar, ele vai dar um sobretudo. (Risos) E já a linha italiana ou francesa, que é mesma coisa, é mais fácil de servir.*
- B: Mas, voltando à família Kellerman, ele era alfaiate e ela era modista. Eles moravam perto da Casa das Louças.*

## **Pesquisa & Pesquisadores**

### **Uma análise sobre impressões de viajantes do século XIX no Vale do Itajaí<sup>1</sup> –**

**TEXTO: MARILU  
ANTUNES<sup>2</sup>**



## **INTRODUÇÃO**

Existem hoje várias formas de conhecermos lugares diferentes, que nos proporcionam “experimental” uma nova forma de vida, ao menos em relação aos seus aspectos culturais... Tanto que se investe muito em turismo, em atrações que atraíam as pessoas, sendo cidades muitas vezes “reconstruídas” para suprir as necessidades deste ramo.

Nos séculos passados, obviamente não era este tipo de turismo que fazia pessoas de locais diversos se dirigirem a outros de seu interesse como hoje. No entanto, acho ser possível falar de um certo “turismo” existente, que não era intencional, que não planejava receber pessoas em cidades, mesmo sendo um acontecimento comum a visita destas.

Este trabalho tem como objetivo analisar as impressões de viajantes que passaram pelo Vale do Itajaí a partir do século XIX, e “discutir” com eles problemáticas levantadas.

É importante notar, porém, que nem as questões propostas por mim e muito menos os textos tratados pelos autores se esgotam às abordagens produzidas nesta apresentação.

Por tratar-se de duas obras completas e mais quatro artigos, todos de autores diferentes, com perspectivas diferentes, alguns mesmo sob um contexto diferente, fica evidente a impossibilidade de discutir todos os aspectos dos mesmos, pois os assuntos pareceriam artificiais e perderiam importância pela falta de atenção dada a cada um particularmente. Da mesma forma o trabalho terminaria sem deixar qual-

<sup>1</sup> Trabalho de graduação apresentado à disciplina História do Vale do Itajaí, Curso de História, Departamento de História e Geografia, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau.

<sup>2</sup> Aluna do curso de História da Furb.

quer “marca” ou sem acrescentar uma nova visão.

Sendo assim, tive de optar pelo que, pessoalmente, chamou-me mais atenção. Não faltará oportunidade de outras pessoas, igualmente como eu, construírem sob as impressões destes viajantes, outras problemáticas às quais não me ative no presente momento.

O desenvolvimento deste trabalho divide-se em três partes. Na primeira, “*Brasil: Paraíso Selvagem*”, minha intenção foi analisar e questionar as descrições feitas pelos autores referentes ao país, às condições de vida que o mesmo oferece, e aos conceitos atribuídos aos seus habitantes.

No capítulo intitulado “*A Caminho das Colônias*”, procurei dar enfoque às questões que impulsionaram e intensificaram a emigração da Alemanha, bem como a intenção existente dos autores de promover esta emigração em direção ao Brasil, na tentativa de desconstruir a imagem negativa que o Estado alemão tinha do mesmo.

E, finalmente, em “*A Cultura Certa no Lugar ‘Certo’*”, esforcei-me na busca da definição do que sutilmente os autores deixam vestígios, quanto ao ideal do imigrante. Também é tratado o discurso que há em torno do trabalho alemão, elevado ao máximo pelos viajantes, e que segundo os mesmos, seria responsável pela civilização e o progresso do Brasil.

Existem questões, no entanto, que estarão presentes em toda esta apresentação, como por exemplo, a discriminação de “raças” e, conseqüentemente, o etnocentrismo alemão.

Como não apresento meu artigo de forma linear, convém citar neste momento prévio da leitura, quais autores foram estudados, o ano em que passaram pela região, e seus interesses principais identificados nos devidos textos, respectivamente. São estes:

- Charles Van Lede, 1842, colonização;
- Hermann Bruno Otto Blumenau, aproximadamente 1848/49<sup>3</sup>, colonização;
- Hugo Zoeller, 1882, relato para imprensa alemã;
- Robert Gernhard, aproximadamente 1900, divulgar a realidade do país;
- Padre Jacomo Vicenzi, 1902, visita ao pai enfermo, e
- Wilhelm Lacmann, 1903/04, divulgar a realidade do país.

---

<sup>3</sup> Esta data é referente a viagem descrita na obra estudada do autor para a execução deste artigo.

### Brasil: Paraíso Selvagem

Não há quem chegue no Brasil que resista falar, ou mesmo que não perceba a exuberância de sua natureza. Se isto acontece ainda hoje, quando a “selva de pedra” já domina grande parte do território brasileiro, podemos imaginar que fascínio exercia sob os estrangeiros que passavam pelo país, e neste caso, mais precisamente pelo Vale do Itajaí, no século XIX.

Com todos os seus “empecilhos” – insetos, animais ferozes, etc. – a rica vegetação sempre causou um impacto quase que alucinante, e até mesmo reconfortante nestes viajantes, pois acabam vendo-a como uma recompensa... mas recompensa de quê?

Para Lacmann, talvez a beleza da natureza amenizasse suas dificuldades de viagens como as vias de transporte, por exemplo. Durante seu relato sobre o cotidiano, depois de dar voltas e voltas, ele sempre acaba retornando à questão das estradas, deixando bem claro que “quem quiser poupar-se de horas de desespero de vida, que desista da intenção de viajar” (LACMANN, 1997, p. 11) pelas más condições em que estas se encontravam. Porém, quando da sua viagem, já existia uma linha de navegação feita por três vapores, entre Blumenau e Itajaí.



Blumenau, final do séc. XIX

A falta de manutenção piorava ainda mais a situação. O que poderia ser no início considerado um pequeno problema, tornava-se maior ainda após as chuvas, com

os desbarrancamentos nas encostas, as árvores caídas, os cipós, o que dificultava mais a passagem nos caminhos. O autor não esquece igualmente de descrever as condições precárias em que se encontravam as pontes, que acabavam além de tudo, estragando e piorando mais ainda os meios de transportes.

Mas não parece ser este o problema maior do país. Existe algo muito mais problemático e urgente, tanto para Lacmann, quanto para os viajantes em geral que por aqui passaram, que seria o próprio habitante do país. Ou melhor, as diversas misturas que compunham o povo brasileiro. Misturas estas de etnias que eram classificadas como “degeneradas” por exemplo, segundo os próprios autores... Sim, isto quando se referem aos os índios.

Lacmann os denominou como animais ferozes ao dizer que “a floresta abriga ainda outros animais”, sendo que os “mais ferozes não são pumas, nem os jaguares”, “são os índios selvagens...” (Idem, p. 54). Esta afirmação causa certo espanto ao lermos seu relato, já que no início ele até inclui o índio como elemento formador do povo brasileiro.

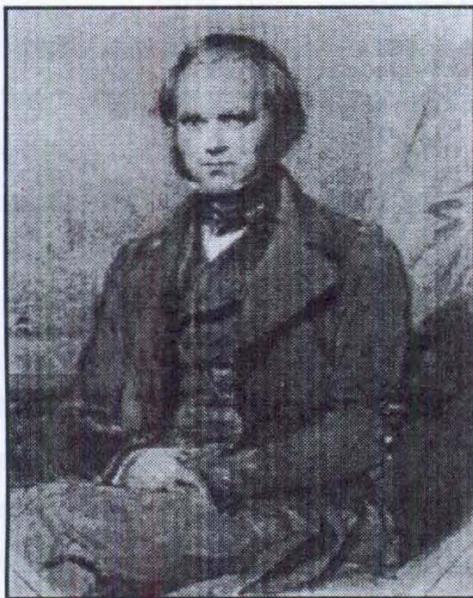


Índigena atravessando o “Ngôio-m-bang” (rio) com as vestes secas.

Afinal, se o autor considerava os índios como animais selvagens, irracionais, e considerava que o povo brasileiro era constituído da mistura entre negros, lusos e índios, podemos concluir que no entendimento dele, os habitantes do Brasil seriam o resultado da mistura entre o homem “civilizado” e animais selvagens?! Não surpreende que as descrições feitas pelo autor sobre a nossa população sejam as mais horríveis possíveis: “estatura baixa e aparência feia”, “... degeneração física”, etc. (Idem, p. 18).

Podemos compreender melhor esta questão ao estudarmos as teorias vigentes na época. Lamarck, com sua “herança dos caracteres adquiridos” (RODEMBRUSCH, 2002) e igualmente as teorias darwinistas, exerciam grandes influências sobre os viajantes. O uso do termo “raça” encontra-se na maioria dos textos, e este era usado porque realmente acreditava-se que existiam mudanças genéticas que diferenciavam, tanto física, quanto culturalmente as diversas etnias existentes<sup>4</sup>.

Sabemos hoje, ao menos teoricamente, que esta superioridade que era usada para se diferenciar um grupo étnico de outro, colocando-os acima de outros culturalmente – etnocentrismo – não existe. Infelizmente ouviu-se o “eco” darwinista por muito tempo e ainda podemos ouvi-lo hoje, pois se perpetuou em nossas mentes através de piadinhas “racistas”.



Charles Darwin

A partir disto, poderemos começar a pensar por que Lacmann refere-se aos habitantes do país como uma raça diferente (leia-se “inferior”) a dos alemães, quando fala da “falta de boas maneiras na raça portuguesa” (LACMANN, 1997, p. 20). Arrostar, cuspir, não usar guardanapos, palitar os dentes, cumprimentos exagerados, são alguns exemplos dos costumes brasileiros que evocam a grosseira “inata” deste povo. Isto sem falar que, por vezes cheguei a pensar estar lendo algo sobre a pré-história, quando, por exemplo, o autor explica que

4 Lembrando que o termo *etnia* ou *etnicidade* surge muito mais tarde, e em diferentes momentos de acordo com a região. Da mesma forma, diferia-se seu significado (POUTIGNAT, p. 19-32, 1998).

quando a agricultura “está esgotada e as plantações não produzem satisfatoriamente, a caça da selva desaparece, a abundância de peixes na água decresce, ele (brasileiro) muda com a sua família para outro local” (Idem, p. 24).

Lacmann não é o único a descrever esta imagem do brasileiro. Mais um de nossos autores, o Padre Jacomo Vicenzi, relata que, quando Dr. Blumenau chegou no Vale, existia um povo (índios) que vivia como nômade no Brasil.

Referente ao brasileiro, primeiramente lhes atribui adjetivos como meigos, delicados e generosos, com exceção do indígena, pois até estranha que estes habitem o mesmo território, sendo que não teriam o mínimo dessas qualidades. Este desprezo, como vimos, é comum nos relatos de viajantes, tanto dos que visitaram o Brasil após o “descobrimento”, como dos que nos séculos seguintes chegam ao Vale do Itajaí.

Num segundo momento, Vicenzi fala que os marinheiros em geral eram pessoas educadas e respeitadas “como poucos”, revelando aí sua opinião de que os brasileiros em geral seriam ignorantes e sem educação. No entanto, ainda os considera um povo hospitaleiro.

E por fim, sobre os “barrigas-verdes”, menciona o jeito diferente do falar cadenciado. Quando está no Paraná, faz uma observação que as pessoas não têm religião, mas mesmo assim, são “finas”. Reclama de um certo preconceito contra ele dizendo que certas “indelicadezas e grosserias eram sempre praticadas por portugueses” (VICENZI (3), 2001, p. 114).

Fica clara sua “filosofia” religiosa durante o relato, ao menos na teoria, pois, para ele, todas as pessoas independentes da etnia, deveriam ser tratadas de forma igual.

Nas questões administrativas do país, o padre, por exemplo, reclama muito dos serviços públicos. Na sua visão nada funciona, tudo é mal organizado, tanto no que se refere aos horários de navios, como nos sistemas de telégrafos com o que ele teve problemas. Da mesma forma, menciona que o governo havia gasto com o que não era necessário.

A justificativa para isto, segundo Gernhard, é a “falta de recursos” (GERNHARD, 1998, p. 77) do Estado. Justifica que o governo preocupou-se com a construção de vias de comunicação, porém, em áreas improdutivas, ficando caminhos importantes em estado crítico. Para complementar esta questão, em seu discurso, Gernhard atribui a toda política da América do Sul uma

falta de idealismo que “visa somente encher os bolsos dos seus membros” (Idem, p. 57).

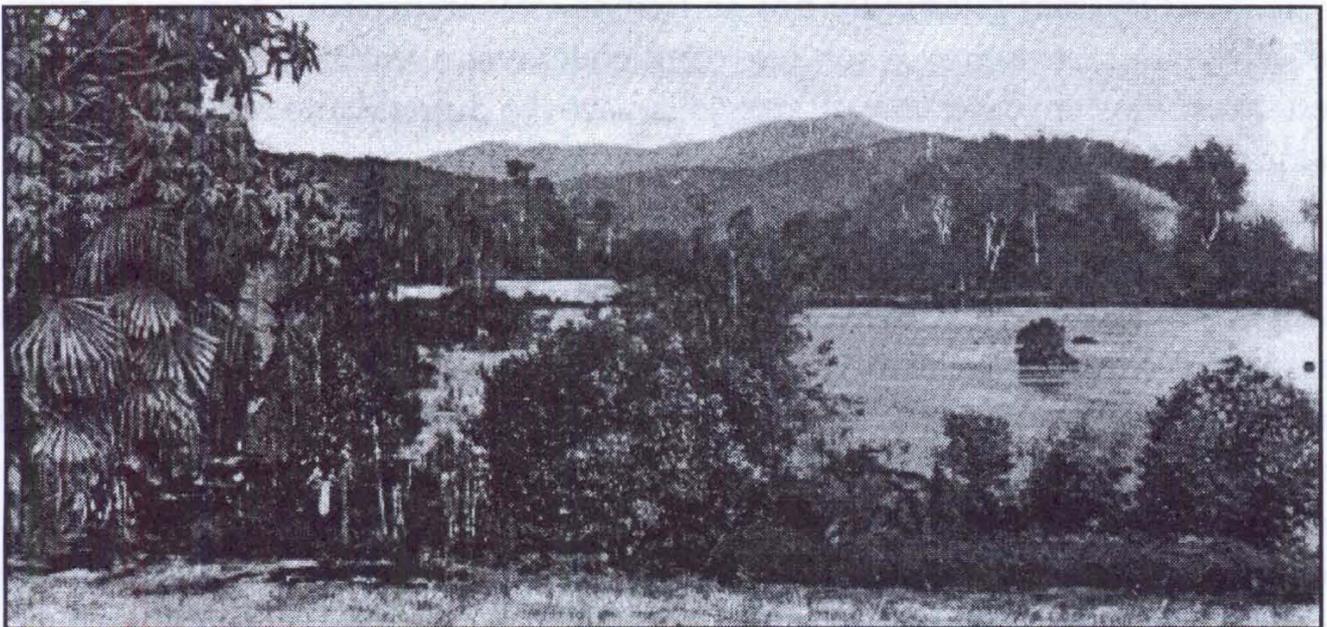
Mas lembremos que até hoje em dia ouvimos estes tipos de comentários. Uns reclamam de obras que foram feitas pelo Estado que não trarão vantagem alguma, outros justificam que existe uma necessidade “x” que é mais importante... E assim reduzimos anos de governo a erros e os enchemos de defeitos. Não que não os tenham, mas o que acontece é que se tornou uma prática tão constante em toda a sociedade que hoje ninguém mais tem esperanças em relação à política. Pelo contrário, as pessoas acomodaram-se e agem como Pilatos agiu, “lavando suas mãos”.

Ainda referente ao governo brasileiro, Gernhard o elogia no sentido de que, diferente da Alemanha, reconheceu as diferenças geográficas existentes entre o norte e o sul do país, e isto fez com que obtivesse confiança na política colonizadora, concedendo terras aos imigrantes.

Isto foi talvez o que Van Lede “sonhou” quando passou pelo Vale do Itajaí. Em um momento de seu relato, ele admira as condições de um colono recém-chegado, por em tão pouco tempo já dispor de boas condições de vida.

Seu interesse também estava muito voltado aos transportes, pois considerava a navegação de extrema importância, principalmente em relação à comunicação com o interior da região, a qual traria grandes desenvolvimentos.

Van Lede em seu percurso pelo rio Itajaí-Açu faz um levantamento



Paisagem no Garcia, Blumenau.

minucioso sobre o mesmo: áreas que são navegáveis ou não, curvas, profundidade etc., publicando logo após uma carta da Província de Santa Catarina, para que servisse futuramente de referência. O que podemos comprovar ao lermos o relatório do engenheiro Rivierey (RIVIEREY, 1994).

Zoeller, da mesma forma que os demais, não omite sua opinião quando afirma que “o Brasil continua pobre em vias de transporte de primeira linha (estradas de ferro e boas estradas)” (ZOELLER, 1990, p. 153). Como consequência disto, diz ter o colono prejuízo na saída de sua produção. Mas este era somente um pequeno fiozinho da grande teia de problemas relatados por ele sobre este país de baixo desenvolvimento.

Se nos surpreendeu a descrição feita por Lacmann referente aos brasileiros, o que sentiríamos ao lermos sobre jovens do Rio de Janeiro “que se fossem jogados numa parede certamente ficariam colados” (Idem, p. 140). De tanta sujeira?

Assim os descreve Zoeller. Detalha tão minuciosamente as vestimentas dos mesmos, que ao imaginarmos aqueles jovens em tais condições, talvez nos cause um certo mal estar. O engraçado é que, ao invés de dar importância ao trabalho que realizavam, pois eram garçons, e os alemães falavam tanto em trabalho (!), o autor se atém a despi-los e rebaixá-los como imundos, como se os colonos alemães fossem e voltassem da roça “intocáveis” e sem sujeira no rosto... como se suas roupas nunca puxassem um fiozinho sequer.

Devemos questionar-nos ao lermos estas impressões. Sob que condições viviam os colonos? E sob que condições viviam trabalhadores livres e os escravos? Existem diversas e diferentes situações e dificuldades enfrentadas por ambos.

Sobre estas condições de vida do país, o autor diz não ser o Brasil mais pobre do que qualquer outro lugar que ele teve contato. Esta é uma questão importante para repensarmos os dias de hoje, ou as imagens criadas que representam o Brasil, imagens de favelas, de bêbados sambando, e do nosso famoso futebol. Infelizmente os próprios habitantes reduzem seu país a isto. O mais repugnante, mais ainda do que estas características fúteis que nos representam, é que, se prestarmos atenção, o afro-descendente está contido e é lembrado em cada uma delas. Fica evidente na fala do autor, a produção de um discurso discriminatório.

Primeiramente, o que seria um discurso? Segundo Foucault, “é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, numa dada época, e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT (1), 2002). O discurso não se constrói através de produções intelectuais, ou de formulações de teorias, ele é uma “prática social” (CORDEIRO, 2002) pertencente a um dado período, e que se relaciona intimamente com o contexto histórico (cultural, mental, econômico e político) do mesmo.

A prática do discurso pode tanto ser utilizada para dominar, como pode ser o motivo da busca pelo poder (FOUCAULT (2), 2002). As pessoas acabam se apropriando destes discursos e praticamente materializando-os, criando uma imagem que se propaga como sendo verdadeira e única: “ninguém diz nada sem ter ouvido dizer” (CORDEIRO, 2002), porém “um mesmo conjunto de palavras pode dar lugar a vários sentidos, e a várias construções possíveis” (FOUCAULT (1), 2002).

Por isso, enganam-se os que pensam que a população brasileira é “pacata”, “comodista” ou “sem ação”. Movimentos como o MST – Movimento Sem Terra –, por exemplo, representam uma grande manifestação contra esse sistema “selvagem” e “indestrutível” – assim o descreve o senso comum – provando que existem possibilidades de sobreviver sob outro sistema. Da mesma forma acontecem manifestações sociais diversas, que exigem direitos, condições melhores de vida, e que atingem grandes proporções inclusive, mas não são divulgadas pela mídia por razões “ocultas” – leia-se a manifestação contra ALCA, em 20 de abril de 2001, realizada na Avenida Paulista, em São Paulo. Portanto, quem não está por dentro dos diversos movimentos sociais existentes no país, acaba taxando toda a população como “apática” e “passiva”, atribuindo culpa ainda à “geração coca-cola”, a qual julga-se totalmente manipulada pela mídia, isenta de opinião crítica.

Provavelmente esta mudança de governo pela qual passa o Brasil neste ano de 2002, que pode ser considerada como “drástica” em relação aos governos passados, se for um fracasso, será atribuída a culpa a esta geração “alienada”...

Não acho que esta referência ao discurso atual seja irrelevante neste

trabalho, pois o relato de um viajante pode parecer inofensivo, mas devemos lembrar que eram através destes que chegavam as notícias sobre o Brasil na Alemanha; da mesma forma que hoje chegam através da mídia... E a quem a mídia chama de “povo alegre”, “sem preocupações”?

Voltemos ao último viajante que será tratado neste capítulo... Hermann Blumenau.

Suas impressões não se diferem muito das questões levantadas pelos autores já relatados. Então, o que o difere tanto dos demais nos dias de hoje? Ou melhor, por que foi dada tanta importância a este que, dentre os viajantes aqui estudados, foi o segundo a percorrer o Vale do Itajaí? Talvez sua personalidade tenha feito a diferença, somada à representação que teve ele, sendo o fundador de uma colônia que “deu certo”...

Uma das características mais explícitas de sua personalidade, que é claramente identificada nos textos, foi seu “espírito” detalhista. Descreve tudo minuciosamente, como se ele pegasse um objeto (natureza, política, economia, etc.) e “dissecasse” o mesmo, descrevendo todos os seus aspectos através da observação por todos os ângulos, etc.

Da mesma forma, nada realizado por ele carecia de uma utilidade. Isto fica claro quando lemos os relatórios administrativos<sup>5</sup> da Colônia Blumenau, nos quais ele menciona certos tipos de plantas, aparentemente comuns, que seriam trazidas da Alemanha por servirem para outras funções como condimentos, etc.

Em relação à política de governo do Brasil, Hermann se mostra favorável, pois a monarquia, segundo ele, era “uma bênção, porque evita revoluções” (BLUMENAU, 1999, p. 55). É claro que o fundador tinha uma relação “estreita” com o Imperador e, logo, não seria contra o mesmo. Recebeu muita ajuda apoiando-se na coroa e grande parte dos recursos – para não dizer a sua própria sobrevivência – responsáveis pelo desenvolvimento da colônia nas primeiras décadas de sua existência, foi graças a esta “aliança”.

No entanto, não deixava de tecer suas críticas ao que, em sua visão, parecia “desajustado” no país. Considerava a legislação muito “humana e suave” para uma população tão miscigenada. A raiz do problema talvez nem esti-

---

5 Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

vesse nas leis, e sim nesta mistura de “raças”. Mais especificamente na mistura da “raça” branca com qualquer outra entendida por grande parte dos viajantes como inferior (BLUMENAU, 1999).

O preconceito em relação ao “diferente” é explícito em todos os textos, isto não se pode negar. Segundo Rodembrusch, “os povos europeus sempre concederam uma importância muito grande às suas origens ou à sua ‘raça’” (RODEMBRUSCH, 2002). Ao mesmo tempo, este é um assunto instigante por ainda ser contemporâneo e por estar muito presente em nosso cotidiano, apesar de tentarmos camuflá-lo ou maquiá-lo com políticas de direito, de cidadania e de igualdade.

Para minha surpresa, encontrei vestígios desta possível “maquiagem” nos textos de Hermann Blumenau, quando, por exemplo, instrui o colono de que “(...) não deve se negar a trabalhar em companhia de mulatos e negros livres, pois no Brasil não há preconceitos de cor e existem mulatos ocupando altos cargos públicos...” (BLUMENAU, 1999, p. 49). Ora! Se não existissem “preconceitos de cor” no Brasil, por que naquela época os negros ocupavam a maior e quase total parcela de escravos? Da mesma forma, devemos pensar para onde foram essas pessoas depois da “libertação”...

Sabemos que da mesma forma que os índios, os negros também eram tratados como animais selvagens e não como pessoas (entenda-se como pessoas “brancas”, “civilizadas”). Ou, se não havia preconceitos quando de sua viagem (H. Blumenau), e se houve uma resistência em relação à miscigenação existente, encontramos neste momento, uma das causas da grande discriminação que existe hoje em dia!?

Da mesma forma que esta afirmação é irrelevante, igualmente desconsidero a afirmação de que não existiam “preconceitos de cor” no Brasil feita pelo autor. Há na mentalidade de hoje um preconceito tão descarado e repugnante contra o afro-descendente que é impossível admitir tal afirmação. Por exemplo, a comum idéia de que os brasileiros “só sabem sambar”... Isto foi construído por pessoas que não se permitem momentos de lazer, quando a filosofia do trabalho, instrumento dignificador do homem estava em alta, e por isso todos deveriam virar máquinas – leiam-se máquinas com as seguintes qualidades: estáticas, movimentam apenas o necessário, portanto não sentem necessidades, nem vontades de relacionarem-se com as pessoas; não vão ao banheiro; não adoecem; etc.

Mas a distinção entre as pessoas “comuns” e os negros fica mais clara, quando Hermann faz o seguinte comentário: “até os negros demonstram educação e dignidade” (Idem, p. 53). Por que “até” os negros?

Logo adiante, faz sua observação referente ao sistema escravocrata, colocando-se contra o mesmo. Porém, quando fala das campanhas contra a escravidão, diz ser o objetivo destas melhorar as condições de vida dos trabalhadores livres... Ou seja, é contra o sistema, não pelas injustiças cometidas contra os africanos...

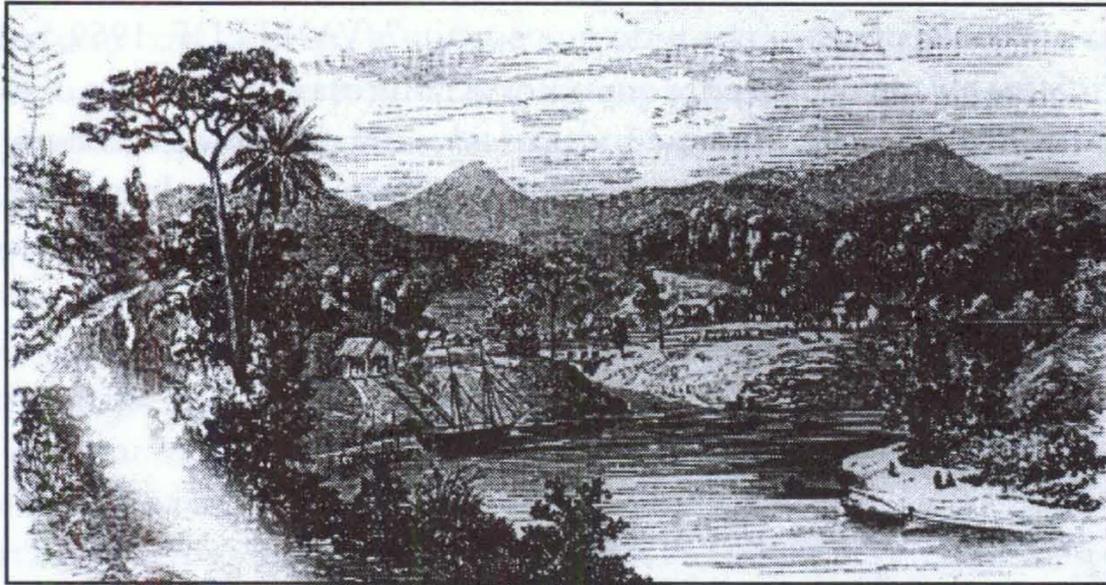
Blumenau, quando fala dos brasileiros, menciona aspectos negativos e positivos. A “mistura de raças” (Idem) teria sido, para o autor, a causa para seus defeitos – indolência, preguiça, sensualidade (esta seria inata dos povos de regiões tropicais), etc. Os aspectos positivos ficariam entre a hospitalidade e a simpatia, que por vezes trazia consequências negativas, quando, por exemplo, o imigrante aproveitava-se do brasileiro justamente pela sua caridade. Mas, como que para compensar todos estes defeitos, lhes atribui ainda a agilidade e esperteza.

O que realmente é senso comum entre os viajantes, referente ao elemento brasileiro, ou melhor, à(s) sua(s) qualidade(s), é a hospitalidade de que



1866. Panorama pintado a óleo, por J. Bruggemann, da vila de Desterro, muito visitada pelos viajantes.

para pessoa, porém, não talvez o espanto que causaria antes frente a algo desconhecido. Existe um conhecimento prévio, já se espera admirar construções enormes, que estão fora de nossas realidades do cotidiano...



Blumenau antiga, região do Stadtplatz.

Porém, como seria chegar em um lugar onde nem se sabe ao certo onde fica? Ou que nome leva? Por isso as propagandas de emigração exerciam muita influência sob as pessoas e era de extrema importância informar-se para tentar evitar futuras frustrações.

Segundo a maioria dos viajantes, essas informações estavam muitas vezes deturpadas, ou seja, não conferiam com a realidade. Da mesma forma, à medida que percorriam o Vale do Itajaí, descreviam suas observações quanto as “novidades” da região, sempre lembrando o desconhecimento de sua terra natal referente às mesmas.

No relato de Van Lede, percebe-se sua “empolgação” diante da realidade do colono alemão (já mencionado), por ter conseguido prosperar naquelas terras. Nota-se a partir deste momento uma esperança, antes incerta, que é reavivada diante da realidade confirmada, a qual ele demonstra quando divaga: “quantos dos nossos desafortunados compatriotas poderão encontrar situação semelhante, em troca de sua atual miséria, se mão segura vier oferecer-lhes os adiantamentos necessários para se transportarem para aqui...” (VAN LEDE, 1959, p. 44).

Empreendedores para investir na emigração, estes estavam em falta justamente pelas informações negativas recebidas sobre o Brasil. Trabalhar como escravo era uma idéia comum que se tinha do colono ao chegar no Brasil.

Isto fica claro nos escritos de Hermann Blumenau, pois o mesmo tenta justificar quase todo tempo que suas informações são baseadas na mais pura realidade do país, oferecendo provas e relatando todos os seus aspectos, dizendo não querer ser alvo de acusações referente à obtenção de lucros, muito menos ser taxado de mentiroso (BLUMENAU, 1999, p. 47).

Da mesma forma, está sempre comparando o Brasil com a América do Norte. Segundo o autor, os EUA empreendem uma “polêmica contrária à emigração para o sul do Brasil, argumentando insalubridade, pouca segurança e falta de garantia da propriedade” (Idem, p. 93). Blumenau, interessado em acelerar o processo de imigração, repudiava esta posição, acusando-os de mentirosos por nem ao menos conhecerem o território brasileiro e mesmo assim, investirem de tal forma contra o mesmo fazendo acusações insólitas.

Para defesa de seus argumentos, compõe um longo relato sobre as regiões climáticas, diferenciando-as e indicando, principalmente o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, o planalto e as serras de São Paulo para o estabelecimento de novas colônias (Idem, p. 83-85).



Blumenau, aspectos rurais.

Evidentemente, nem todas as regiões eram providas de uma temperatura favorável ao estrangeiro que não estava habituado ao clima tropical. Portanto, recomendações de como o colono deveria tomar certos cuidados em relação à saúde eram mais do que necessárias para evitarem “contratempos”, pois quase não existiam epidemias no país, principalmente naquelas regiões.

E, ao contrário do que se falava, o clima poderia trazer muitos benefícios à Colônia. Seria algo como transformar o que poderia ser prejudicial, ou o que era apresentado como aspecto negativo no Brasil, em algo que trouxesse benefícios se estas características fossem bem aproveitadas. Uma das vantagens que o colono teria em relação ao clima quente, era a oportunidade e a possibilidade de trabalhar o ano todo, o que não acontecia nas regiões muito frias; como consequência, o número de colheitas por ano aumentaria consideravelmente, o que seria mais uma vantagem.

Mas apenas a possibilidade da aclimação não atrairia tantos imigrantes alemães para o Brasil. Diante das circunstâncias em que viviam na Alemanha, ansiavam por algo que trouxesse segurança para sua família, algo que não tinham lá e que era praticamente uma exigência para o sustento individual: a posse de terras. Foi talvez este o motivo, o direito à propriedade, que faltava para encorajar tantas levas de emigrantes a deixarem sua pátria, rumo às novas colônias.

Zoeller aborda em seu relato as estatísticas de imigração e explica que o motivo pelo qual existe um maior deslocamento em direção à América do Norte, seria o fato de lá os emigrantes “nunca dependerem dos caprichos de um funcionário mulato” (ZOELLER, 1990, p. 148). Porém, questiona sob quais condições vivem estes imigrantes, quais foram seus empreendimentos, como foi sua adaptação na nova pátria, enfim, que benefícios obtiveram.

Segundo o autor, a maioria dos emigrados, ou até mesmo um número superior, fracassou ou encontrava-se em condições miseráveis de vida. Portanto, suas considerações demonstram uma certa credibilidade em relação às províncias do sul do Brasil quando diz: “em nenhum outro país que eu conheço há menos pobreza e é menor o número de fracassados” (Idem).

As preocupações do Padre Jacomo, em relação aos EUA, estavam em outra esfera: a religiosa. Em seu relato, menciona que alguns missionários vinham da América do Norte para o Brasil. O padre era totalmente contra isto, pois os identificava como um perigo à religião católica. Se os missionários con-

seguissem formar aqui um partido, mesmo que em minoria, “anti-católico e furiosamente fanático pelos princípios da Reforma” (VICENZI (2), 2001, p. 122), dizia ele, colocariam em risco a unidade religiosa do país.

Lacmann também critica os EUA por propagar a idéia do “perigo alemão” (LACMANN, 1997, p. 32), que acabava criando “animosidades” entre brasileiros e alemães. Sabemos que existiam pessoas simpatizantes do pangermanismo no Brasil. Este, segundo Giralda Seyferth, teve origem na Alldeutsche Verband (Liga Pangermânica), em 1890, por Alfred Hugenberg (SEYFERTH, 1981, p. 35). Constam em seus estatutos os seguintes objetivos:

“§ 1. A Liga Pangermânica pretende a animação do caráter nacional alemão em todo o mundo, a conservação da índole e dos costumes alemães na Europa e além-mar, e a união total do *Deutschtum* (...); Cuidado e proteção dos esforços nacionais alemães em todos os países onde existem afiliados do nosso povo (...); 4. Exigência de uma enérgica política de interesses alemães na Europa e além-mar, especialmente da continuação do movimento colonial alemão com resultados práticos. § 3. Cada alemão íntegro pode ser membro da liga Pangermânica, sem levar em conta sua cidadania...” (Idem, p. 35-36).

Ou seja, existia entre os integrantes da Liga um interesse na expansão colonial da Alemanha, o que ajudava a manter um certo clima de ameaça no que diz respeito à unidade nacional do Brasil. Qualquer “alemão íntegro” poderia fazer parte do pangermanismo por ser a nacionalidade para eles determinada pelo “sangue” e não pelo local de nascimento, “o alemão é sempre um alemão, não importando o país onde nasceu” (Idem, p. 42).

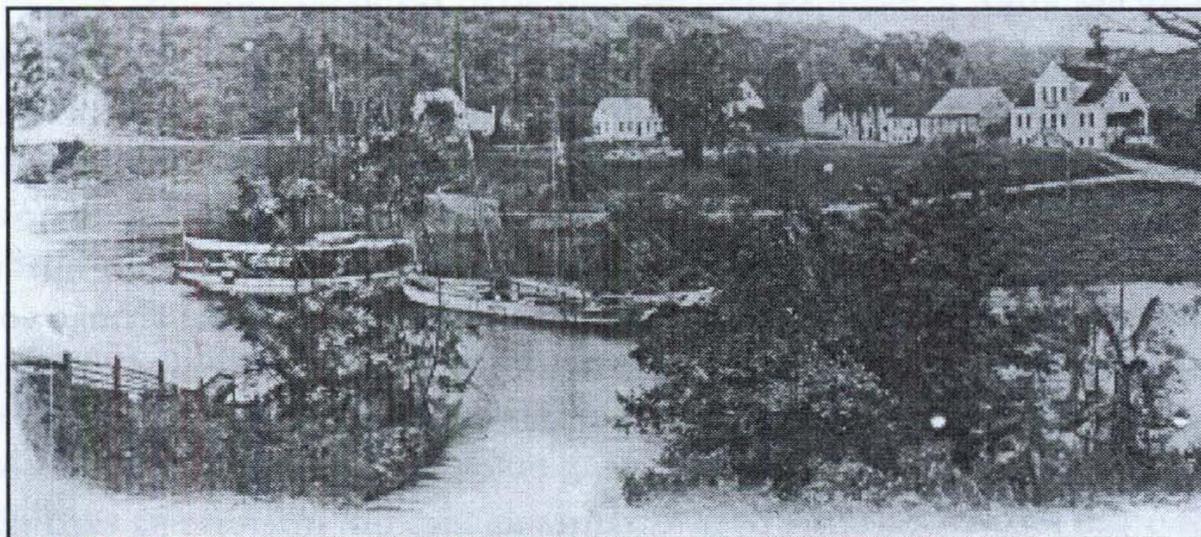
Lacmann, porém, a fim de desconstruir ou abrandar esta idéia de ameaça que existira, afirmava ser o interesse da Alemanha no Brasil apenas econômico. Pelas circunstâncias em que se encontrava, buscava apenas expandir seu mercado consumidor. E para solidificar e manter suas relações comerciais com o Brasil seria imprescindível a manutenção da cultura alemã nas colônias.

Depois de tanta propaganda, surgem finalmente as conseqüências.

Após uma diminuição no processo de imigração nas décadas anteriores há um grande interesse em “divulgar propagandas escritas, ou fotografadas das regiões que entram em considerações para futuras imigrações” (GERNHARD, 1998, p. 49), afirma Gernhard. Além disso, destaca a viabilidade

de investimentos de capital, garantindo-se um proveito em relação a absorção populacional, e ainda na concorrência com os EUA.

Quando o autor comenta sobre o “sucesso” da Colônia Blumenau, considera o determinismo geográfico como uma das alavancas principais para o seu desenvolvimento. O estabelecimento da colônia às margens de um rio, em uma “região privilegiada”, teria sido de vital importância, pelas vantagens que proporcionava (GERNHARD, 1998, p. 55). Inclusive, Gernhard declara que “o ambiente forma o homem e o seu caráter” (GERNHARD, 1998, p. 67).



Antigo Porto de Blumenau às margens do rio Itajaí-Açu.

### “A Cultura Certa no Lugar Certo”

Para nossos viajantes, todos de origem alemã, o sul do Brasil seria a terra perfeita para os seus queridos conterrâneos, onde poderiam restabelecer suas bases com prosperidade, onde colheriam os frutos de seu trabalho, o qual já estava garantido (BLUMENAU, 1999, p. 89).

E mais, ao lermos os relatos, a impressão que nos passam é de que o povo alemão seria o povo ideal para colonizar o país. Além de todo desenvolvimento e progresso nos diversos setores (agrícola, comercial, industrial), este povo traria dignidade, civilização, e todas as qualidades que possamos imaginar que formaria uma “raça” tão “superior” quanto a alemã.

“A questão de identidade étnica, em qualquer grupo teuto-brasileiro,

está vinculada à idéia de germanidade, ou germanismo (*Deutschtum*) que se apresenta com todas as características de uma ideologia étnica” (SEYFERTH, 1981, p. 03). Assim, o germanismo está presente e evidente em todos os textos com o intuito de reforçar uma identidade alemã e de ao mesmo tempo, lançar um desafio ao colono que, munido de força e perseverança inerentes à sua personalidade (BLUMENAU, 1999, p. 89), conseguirão vencer quaisquer adversidades que se apresentem a eles.

Para o padre Jacomo, a instituição família era muito importante para principiar o equilíbrio nas comunidades das colônias. Logo, o ideal seria imigrar o homem (chefe) – com sua mulher e filhos – que não tenha vícios, que seja fiel, saudável e piedoso. Tanto que suas amizades geralmente estavam ligadas às famílias conceituadas na região (VICENZI (3), 2001, p. 86).

Um ponto interessante é que critica, em certa parte do texto, as músicas da igreja, por serem cantadas em língua alemã. Não considera correto, pois os desconhecedores da língua ficavam alheios às mesmas.

No entanto, a língua era – e ainda é hoje – considerada um dos principais elementos da manutenção de uma cultura. E continuar falando o idioma alemão dentro das colônias era muito comum entre os teuto-brasileiros, tanto que a língua dominaria os primeiros periódicos na imprensa, bem como seria primordial nas escolas alemãs nas primeiras décadas do povoamento.

Isto não excluía, no entanto, o ensino da língua portuguesa nestas escolas, o qual foi demonstrado nos “Relatórios do Dr. Blumenau e em outras fontes primárias, que o Português sempre figurou como disciplina curricular e obrigatória da Escola, que tinha como clientela majoritária alunos de língua materna alemã” (LUNA, 2000, p. 135).

Zoeller enfatiza que a “conservação da língua, a tradição alemã, é uma recomendação para a colonização alemã, mas é vista pelos brasileiros sob outra perspectiva” (ZOELLER, 1990, p. 150). Isto é compreensível nas razões que pretende indicar o autor, pois o luso-brasileiro sentia-se ameaçado com a presença de uma outra cultura, de um “isolamento cultural” (LUNA, 2000, p. 32), o qual estendia-se pelas colônias, diferenciando-se completamente dos costumes que vinham sendo mantidos pela sociedade brasileira.

---

<sup>3</sup> Na época, primeiro ministro da Alemanha

Um exemplo disto foi quando Lacmann falou da construção de uma biblioteca, através da doação de livros da Alemanha. Ora, não é difícil imaginar a que público estaria direcionada esta biblioteca, ficando claro uma seleção feita dos frequentadores da mesma.

Sobre a língua alemã, Lacmann ainda diz ter sofrido influências brasileiras ao adotar alguns termos antes inexistentes – claro que esta assimilação é considerada negativa por ele. No entanto, ele incentiva que o colono alemão deve assimilar a paciência do povo brasileiro, a fim de evitar “aborrecimentos” (LACMANN, 1997, p. 19).

Em relação ao trabalho, destaca que o trabalhador alemão terá vantagens sob os trabalhadores brasileiros, pois estes últimos seriam isentos de despretenciosidade, perseverança, etc., e teriam de sobra a preguiça. Interessante notar que, mesmo fora do contexto da época, aparentemente, esta situação inverteu-se nos últimos anos. Estranhei inclusive, quando um dia folheando um jornal de 1993, encontrei a seguinte reportagem:

“Kohl<sup>3</sup> resolve chamar a atenção de seus cidadãos e exigir mais trabalho e menos férias e tempo gasto na formação universitária. Relatório do Ministério do Trabalho divulgado este ano revela que um em cada três alemães engana o seguro-desemprego e falta sem estar doente. Os trabalhadores alemães têm ainda uma das semanas mais curtas de trabalho (média de 36 horas contra 44 horas no Brasil, por exemplo) para um dos maiores salários dos países do Primeiro Mundo e faltam por motivos de doença 148 horas por ano contra 57 horas nos Estados Unidos e 36 horas no Japão” (ACS, 1993, p. 33).

Além da preguiça, Lacmann ainda critica as corrupções existentes nas instituições públicas do Brasil, como subornos, roubos, assédio às mulheres, entre outras. Também o imigrante levaria vantagens na produção agrícola, pois era raro o trabalhador livre, nativo ou liberto, ser proprietário das terras em que trabalhava – e quando o era, Lacmann acentuou sua falta de compromisso sob as plantações –, ficando desprovido de direitos sobre a mesma (LACMANN, 1997, p. 16-18).

O colono traria então o progresso, pois todas as características – consideradas por eles inatas – acima descritas pertenciam a sua personalidade, oposta a do luso-brasileiro. O trabalhador alemão, além de ter ambição, não precisava de tempo para descansar. Seu objetivo era trabalhar... trabalhar... trabalhar...

Com isso, o Brasil ganharia vida, se desenvolveria e finalmente poderiam dizer: “o progresso chegou neste paraíso perdido”, alguém soube usar de seus ricos recursos através da árdua “luta diária pela subsistência” (GERNHARD, 1998, p. 47), transformando a nova pátria no “país do futuro”.

Parece exagero? Sim... mas não há dúvidas quanto à formação desta mentalidade na época, sendo que o próprio país investiu nisto.

Para Gernhard, o imigrante ideal é aquele que em sua nova pátria “leva uma vida pacata, obediente aos ditames de sua igreja e às leis do país. É um alemão no coração e na palavra cheia de sentimentos de justiça e fidelidade para com seus concidadãos” (Idem, p. 50).

Estes “requisitos” idealizados ajudaram muitos descendentes a não esquecer jamais de sua identidade cultural e a orgulharem-se dela.

### CONCLUSÃO

Diante de toda esta explanação, de toda esta viagem ao passado, qual a impressão que nos fica?

Será que também olhamos para os brasileiros dos séculos passados (homens e mulheres) com discriminação? Continuamos a julgá-los preguiçosos por não gostarem de trabalhar? A chamá-los de sujos e sem educação?

Estas questões levantadas pelos autores são um tanto delicadas. Tentei explicar um pouco o germanismo existente, apenas para termos uma idéia da mentalidade existente na cultura alemã. É muito fácil dizer que o outro está errado, que a forma como ele vive não é certa... é fácil querer ditar regras e instituir uma “verdade”. Esta verdade é como um parasita na sociedade. As pessoas vivem todas de forma igual, tudo é padronizado e, “ai” de quem tentar tomar a “pílula azul” (MATRIX, 1999). Todos devem escolher tomar a vermelha (Idem), pois esta representa toda a moral social.

Quem disse que “o progresso só é possível para aqueles que conhecerem as privações na vida, que estão dispostos a trabalhar na solidão, confiantes em si e em Deus” (GERNHARD, 1998, p. 55)?

Precisamos aceitar as diversidades étnicas. Isto é uma necessidade. Vivemos todos em contato com pessoas de ascendências diversas! Ainda hoje, no espaço acadêmico, ouvem-se frases como: “Hitler não estava totalmente errado...”, isto em relação a manter uma etnia “pura”. Então, diante disso, fico me

questionando o porquê da crença na evolução da humanidade... pois se este idealismo representa evolução, não quero imaginar o que vem pela frente...

Em pleno século XIX ainda rejeitamos seres humanos iguais a nós apenas por terem nascido no terreno vizinho! Esta diferença gera, conseqüentemente outras, como a diferença cultural. Talvez o terreno vizinho tenha falta de água em seu solo e desenvolva algo para suprir esta necessidade, enquanto que nós, como não carecemos de água, e nem de algumas outras necessidades, não precisamos fazer isto. Então... somos preguiçosos e não gostamos de trabalhar. Ora, é evidente que isto faz parte da construção de uma cultura. Mas isto não é levado em consideração e, é por esta incompreensão que as coisas “estão como estão”.

Para finalizar, a execução deste trabalho com certeza adicionou muitas informações, proporcionando questionamentos, discussões e, portanto, ajudou na construção do conhecimento sobre diversas questões que acabam abrangendo não apenas a região do Vale do Itajaí, mas as diversas outras regiões abordadas, principalmente no que se refere às questões sociais.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACS. Kohl reclama da “preguiça” alemã. *Diário Catarinense*, 03/10/1993.
- BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. **Um Alemão nos Trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no sul do Brasil/ Dr. Hermann Blumenau**. Blumenau: Cultura em Movimento/ Instituto Blumenau 150 anos, 1999.
- CORDEIRO, Edmundo. Foucault e a Existência do Discurso. Disponível em: [www.udc.es/dep/lx/cac/sopirrait/sr065.htm](http://www.udc.es/dep/lx/cac/sopirrait/sr065.htm). Acessado em 07 de outubro de 2002.
- FOUCAULT, Michel (1). CORDEIRO, Edmundo. Foucault e a Existência do Discurso. Disponível em: [www.udc.es/dep/lx/cac/sopirrait/sr065.htm](http://www.udc.es/dep/lx/cac/sopirrait/sr065.htm). Acessado em 07 de outubro de 2002.
- FOUCAULT, Michel (2). A Ordem do Discurso. Disponível em: [www.foucault.hpg.ig.com.br/ordem.html](http://www.foucault.hpg.ig.com.br/ordem.html). Acessado em 07 de outubro de 2002.
- GERNHARD, Robert. *O Município de Blumenau*. **Blumenau em Cadernos**, t. XXXIX, n<sup>a</sup> 11/12, nov. /dez. 1998. P. 46-80.
- LACMANN, Wilhelm. *Cavalgadas e Impressões no Sul do Brasil*. **Blumenau em Cadernos**, t. XXXVIII, n<sup>a</sup> 11/12, nov. /dez. 1997. p. 9-55.
- LUNA, José Marcelo Freitas de. **O Português na Escola Alemã de Blumenau: da formação à extinção de uma prática – ensinávamos e aprendíamos a língua do Brasil**. Itajaí: Ed. da Univali; Blumenau; Ed. da Furb, 2000.
- MATRIX. Keanu Reeves, Laurence Fishburne, Carrie-Anne Moss, Hugo Weaving, Joe Pantoliano. Direção de Andy Wachowski e Larry Wachowski. Distribuidora: Warner Home Vídeo: São

Paulo, 1999. 1 Videocassete (tempo 136 min.): VHS, ntsc, son., color. Legendado. Ficção Científica.

PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **A Fibra Tece a História**: a contribuição da indústria têxtil nos 150 anos de Blumenau. Blumenau: Sintex, 2000.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RIVIERY, C. *Características do rio Itajaí e seus afluentes no século passado*. **Blumenau em Cadernos**, t. XXXV, nº 2, fev. 1994. p. 50-58.

RODEMBRUSCH, Rodrigo Severo. Argumentos do Ódio: o jornalista alemão no Rio Grande do Sul nas décadas de 30 a 40. Disponível em: [www.ufrgs.br/necom/mono/monorodrigorodembusch/monorod.htm](http://www.ufrgs.br/necom/mono/monorodrigorodembusch/monorod.htm). Acessado em 07 de outubro de 2002.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

VAN LEDE, Charles. *Os Rios Itajaí Grande e Itajaí Mirim*. **Blumenau em Cadernos**, t. II, nº 3, mar. 1959. p. 41-45.

VICENZI, Padre Jacomo (1). *Uma Viagem ao Estado de Santa Catarina em 1902*. **Blumenau em Cadernos**, t. XLII, nº 7/8, jul. /ago. 2001. p. 94-119.

VICENZI, Padre Jacomo (2). *Pomeranos*. **Blumenau em Cadernos**, t. XLII, nº 9/10, set./out. 2001. p. 98-122.

VICENZI, Padre Jacomo (3). *Um Passeio a São Paulo*. **Blumenau em Cadernos**, t. XLII, nº 11/12, nov. /dez. 2001. p. 85-116.

## **Burocracia & Governo**

---

**Relatório do Dr.  
Ignácio da  
Cunha Galvão  
ao Ministro da  
Agricultura,  
Comércio e  
Obras Públicas,  
de 28 de  
fevereiro de  
1867 - Parte 5 -  
final**

### **COLÔNIA SANTA ISABEL - Santa Catarina**

O ano de 1860 distinguiu-se em matéria de colonização, pelo vigoroso impulso que recebeu a administração. Datam desse ano as colônias Assunguy, no Paraná, Itajaí e Teresópolis em Santa Catarina, já descritas.

No mesmo ano resolveu o governo aumentar com novos colonos, o núcleo fundado e, 1847 nas margens do Cubatão e Rio dos Bugres, o qual desde 1851 crescia apenas pelo desenvolvimento natural da população, sem receber reforço algum exterior.

Foi novamente em 1860, submetido o núcleo ao regime colonial, e 32 famílias, contando 110 pessoas, foram para ali remetidas. Conta hoje 248 fogos e uma população de 1.195 almas, incluindo os colonos antigos, que constituem cerca da metade.

Foi, porém esta, com a colônia Teresópolis, uma tentativa malograda e o dinheiro ali gasto em pura perda. É tão desanimador o estado da colônia, que julgo ocioso reproduzir as descrições de Teresópolis, ainda sob mais lúgubre aspecto. Os colonos, vivem todos, se pode dizer, na maior miséria (refiro-me aos do novo núcleo), o terreno inteiramente montanhoso é pouco produtivo, não fornece o necessário para o sustento; o serviço do governo nas estradas é um elemento que não podem dispensar para subsistir; vivem principalmente destes salários e da



exportação de manteiga, prestando-se o terreno sofrivelmente para pastos. A serem as terras de má qualidade, acresce que os colonos, com raras exceções, esforçam-se pouco, muito menos que os de Teresópolis; as suas derrubadas e plantações não sofrem comparação com as daquela colônia.

A indigência dos que estavam estabelecidos na estrada de Lages, uma das linhas coloniais, tornou-se notória, mendigavam esmolas aos passantes. Grande número tem abandonado seus lotes e procurado outras colônias; caminha-se, às vezes, mais de meia hora em uma das linhas sem encontrar um morador; ranchos e casas em ruínas, terrenos abandonados em capoeira, é o que se vê.

Nunca se deveria ter colocado colonos em semelhantes terras. Para virem viver na mesma penúria e com os mesmos esforços com que viviam no seu país natal, não valia por certo a pena emigrar para o Brasil, não é assim que se há de atrair emigrantes.

Nem é admissível o dizer-se, que eles tinham liberdade de escolha, ignorantes, a maior parte, nunca tendo tido hábitos nem conhecimentos práticos de agricultura, e vendo o empenho do governo em os acolher, os colonos recém-chegados aceitam mui natural e confiadamente a terra que lhes inculcam.

O diretor da colônia, cometendo a mesma falta do de Teresópolis, de estabelecê-los em más terras, nem ao menos, como aquele, a atenuou com os meios que estavam a seu alcance. No extremo oposto quanto à energia e força de vontade, deixou os colonos inteiramente entregues à sua imprevidência, moleza e desânimo; quanto à construção dos caminhos, não oferecendo o terreno as dificuldades que se encontram em Teresópolis, em vez das estradas niveladas que ali se vêem, agravou os inconvenientes da localidade, traçando os caminhos sem critério através dos cursos d'água, subindo e descendo morros sem necessidade.

As linhas coloniais acompanhando estes caminhos, foram delineadas e os lotes distribuídos antes de haver planta da colônia, verificando-se depois que os fundos de uns cruzavam-se com fundos de

outros, causando grande complicação.

A administração da colônia acha-se reunida a de Teresópolis, desde a demissão dada ao ex-diretor. A pequena distância a que se acham as 2 casas de direção, pouco mais de uma légua uma da outra, comparada com a considerável distância das respectivas sedes em que, quer numa, quer noutra, existem colonos estabelecidos, justifica de sobra esta economia.

Julgo, porém que se deve dar ao diretor de Teresópolis, alguma gratificação por este acréscimo de trabalho, que o estado de miséria, descontentamento e desmoralização dos colonos torna muito desagradável. É preciso conhecer o coração humano para esperar que esse empregado, sem remuneração alguma, se ocupe com o mesmo interesse e zelo desta colônia, como daquela que ele criou, onde reside, e por cuja administração isolada percebia os mesmos vencimentos que hoje tem, sem os trabalhos e desgostos que lhe acrescerão. Com os maus terrenos que possui, limitada ao norte pela antiga colônia São Pedro de Alcântara e pela colônia nacional Angelina; ao sul pela colônia Teresópolis; à leste pelos antigos colonos de Santa Isabel e Vargem Grande, não se podendo estender senão para as montanhas de oeste, pouca esperança nutre sobre os resultados diretos dos esforços e dinheiro que se continuarem a empregar nesta colônia, e o seu abandono ao regime comum seria o remédio mais fácil, mas não a mais prudente e equitativo. Como disse, falando de Teresópolis uma vez que se colocaram aqueles desgraçados nas más condições em que se acham, é dever do governo fazer sacrifícios para melhorar a sua sorte. É preciso não esquecer que cada colono estabelecido no país, que tem justo motivo de descontentamento, é uma arma nas mãos dos inimigos do Brasil, um descrédito, um obstáculo à corrente de emigração que tanto se deseja provocar.

Os meios que me ocorrem são os mesmos que já indiquei para aquela colônia; promover e facilitar o mais possível a sua remoção para melhores terras. Grande número de famílias de Santa Isabel solicitaram mudança para a colônia nacional Angelina, naturalizando-se previamente

os que já não o fossem. Entendo que o governo deve abraçar a idéia, e mediante auxílios àquela colônia, de acordo com a presidência, remover para ali todos os que quiserem. Já a presidência na sua louvável e inteligente solicitude, autorizou o diretor de Teresópolis e Santa Isabel a mudar todos os que o quisessem para Capivary, fazendo o governo as despesas da mudança e auxiliando-os com o salário nos trabalhos públicos, durante os primeiros meses de estada.

Deve-se fazer extensiva esta medida para a colônia nacional Angelina, onde existem terras boas em quantidade, mas é preciso que o governo concorra para esse fim com alguma soma, pois que a verba provincial é apenas suficiente para o custeio da colônia; 5:000\$000 a 6:000\$000 por ano para toda as despesas. Alguns preferiram permanecer nos seus lotes pelos motivos já expostos, aos quais acrescentarei, que os princípios do estabelecimento em mato virgem, tem sido sempre muito árduo para os colonos; e que a maior parte daqueles que passaram uma vez por essa dura fase de emigração repugnam entrar nela segunda vez.

Esses que ficarem, puderam aproveitar-se das terras e benfeitorias dos lotes abandonados. Conquanto sejam as terras em geral más e não existam quase vargens propriamente ditas e apenas chapadas nos morros, dispondo um colono de maior extensão de terras, pode procurar o terreno mais bem exposto à ação da luz e calor do sol, mais abrigado do vento frio do sul, menos sujeito às geadas, e assim conseguir subsistir só do produto de suas terras.

A todos sem exceção na colônia, devem ser perdoadas as dívidas, dívidas que nunca pagariam. Atenue ao menos o governo, com este ato de generosidade, os dissabores que lhes faz tragar, o tempo que lhes fez perder. Talvez descarregados deste ônus, estabelecidos em boas terras, reapareça-lhes a confiança no futuro, a atividade no trabalho, e possam ainda algum dia bem dizer o passo que deram de emigrar para o Brasil.

No meio da desolação que reina na colônia, produz salutar conforto o ver o interessante estabelecimento de instrução e educação

que ali existe. Refiro-me ao instituto ou internato, fundado pelo ex-pastor protestante Wagner, e dirigido hoje com a maior dedicação, inteligência e método, pelo atual pastor Fischhausen. A casa conquanto espaçosa, é apenas suficiente para os alunos que tem, 42 entre meninos e meninas. O maior asseio e ordem reinam no estabelecimento. Assisti a diversos exercícios: leitura e tradução do alemão e português; explicação dos evangelhos; contas; canto geral; manejo e exercícios ginásticos dos meninos. Notava-se nos alunos meninos, e meninas, verdadeiro interesse, boa vontade e emulação; correspondiam perfeitamente ao fervor, do diretor, que com todas as forças de sua alma parecia querer transmitir-lhes a doutrina e o sentimento.

O ajudante recém chegado da Alemanha mostra aptidão condigna a do pastor. Dois dias na semana e algumas horas todos os dias, exercitam-se os alunos na lavoura; uma grande plantação de batatas ao lado do edifício era fruto de seu trabalho; a plantação anterior havia produzido 60 sacos.

A senhora do pastor, de educação e inteligência culta, auxiliava-o no ensino geral antes da chegada do adjunto. Meninas crescidas, já em seu completo desenvolvimento, encontravam-se no instituto, prova da falta de ensino que havia na colônia antes da criação do Instituto.

O edifício foi construído com fundos particulares do fundador Wagner, auxílios de pessoas da Alemanha e dos colonos; o governo concorreu com o empréstimo de 1:000\$000 e concorre anualmente com 600\$000, sendo 500\$000 para ordenado do adjunto, e 100\$000 para auxílio do instituto. A dedicação de seu diretor, os frutos que promete e já tem dado, quer quanto à instrução, quer quanto à educação, merecem mais eficaz auxílio. Seria muito conveniente recolher nele os órfãos da colônia, pagando o governo as despesas; seria um excelente asilo para esses desvalidos, sobre cuja sorte já reclamações tem chegado à presença do governo; e ao mesmo tempo um auxílio para o instituto, cuja receita é muito diminuta. Atenta a extrema pobreza dos colonos, o diretor contenta-se com as mais módicas retribuições; recebe por cada aluno de 1\$500 por mês até 6\$000, que é o máxi-

mo, e essa última só dois país a pagam. Nascido e educado no seio do catolicismo, confirmado pela razão a minha fé, lamentei que o estabelecimento análogo não houvesse para os católicos em colônia alguma. Encontrei sem dúvida no digno sacerdote vigário de Joinville, professor da Escola Pública, o mesmo fervor no ensino, e nos seus alunos, meninos e meninas, o maior aproveitamento quanto à instrução, mas a educação, esse outro grande alicerce das sociedades só num internato pode ser infundida.

O celibato do clero católico impede que se recolham num mesmo internato, sob a direção de um vigário, meninos e meninas, promiscuidade cujas vantagens os alemães tem reconhecido e a que estão acostumados; a economia por outro lado obsta à que se estabeleça um internato para cada sexo.

A intolerância dos novos apóstolos da tolerância religiosa, que aplaudem a todas as instituições tendentes a desenvolver o protestantismo, não admitirá sem dúvida que se entregue a educação e ensino primário nas colônias, às Irmãs de São Francisco de Paula, auxiliadas pelos Lazaristas. Entretanto, parece-me que seria essa a melhor solução da dificuldade. A minha curta experiência ao menos me tem convencido que só o sentimento religioso é capaz de alimentar a dedicação, o zelo, a moralidade e o desinteresse necessários para dirigir estabelecimentos destes, em lugares como as colônias onde se encontra a perspectiva de lucro, sem o estímulo da concorrência.

### Resumo

Cometido o erro da fundação da colônia Santa Isabel, é mister suportar as suas conseqüências, e considerando os colonos atuais como recém chegados, procurar-lhes uma melhor colocação, parecendo a mais conveniente a do Capivary e a colônia nacional Angelina.

Continuando unida como deve continuar, a sua administração é da colônia Teresópolis, seguirá no mais as mesmas vicissitudes dessa.

### COLÔNIA NACIONAL ANGELINA

Santa Catarina

De todas as tentativas feitas em diversas províncias do Império, de fundação de colônias nacionais, é a colônia Angelina, fundada em 1861, na província de Santa Catarina, a única de que tenho notícia que tivesse vingado.

Conquanto não estivesse a sua inspeção incluída nas minhas instruções, esta circunstância de per si, me parecia suficiente para justificar o interesse que ela me inspira, e a demora de três dias que exigia a sua visita. Acrescia, porém, a circunstância, a que noutra lugar já me referi, de que diversas famílias mal colocadas na colônia Santa Isabel, que lhe fica contígua, solicitavam sua remoção para ela.

Uma sucinta notícia sobre ela trará a vantagem de avaliar os fundamentos de seu bom êxito, e a propriedade da remoção que aconselhei dos colonos de Santa Isabel.

A três causas principais atribuo o bom êxito singular desta tentativa:

- 1º. As boas instruções regulamentares que a regem desde a criação.
- 2º. As boas terras que possui.
- 3º. A sua boa administração, que empregou todos os esforços para que a idéia se realizasse.

1º. - As instruções regulamentares expedidas pelo ex-presidente Brusque, seu fundador, são tão bem concebidas que julgo conveniente transcrevê-las aqui em sua íntegra.

Instruções de 10 de dezembro de 1860, relativas à colônia denominada ANGELINA.

“O presidente da província de conformidade com o aviso do

ministério do Império de 30 de novembro de 1859, tendo resolvido mandar criar nas terras devolutas situadas nas margens do ribeirão dos Mundéus e próximas à antiga estrada de Lages, uma colônia composta de famílias nacionais, que denominará Angelina, encarrega o agrimensor Otto Schlappal da medição, demarcação e distribuição dos prazos coloniais sobre as instruções seguintes:

### Artigo 1º.

A colônia será composta de famílias nacionais, que se propuserem a possuir terras com o fim de efetivamente cultivá-las, e nela residirem com morada habitual.

### Artigo 2º.

Serão admitidos como colonos, os nacionais que forem casados, ou viúvos com filhos, laboriosos e de boa conduta civil e moral, que não possuírem terras de cultura, nem os meios de adquiri-las a dinheiro de contado.

### Artigo 3º.

A colônia deverá abranger uma área de nove milhões de braças quadradas, medidas em terras devolutas de ambas as margens do ribeirão dos Mundéus e de um a outro lado da antiga estrada de Lages.

### Artigo 4º.

Os prazos coloniais serão de 62.500 braças quadradas e demarcadas pela maneira seguinte:

1º. A linha da frente será traçada paralelamente ao rio deixando-se de permeio espaço suficiente para a abertura de uma estrada de 10 braças de largura e com o resguardo suficiente contra as inundações do rio.

2º. Serão abertas as linhas laterais numa extensão somente de 20 braças, indicando-se, porém na planta, qual a sua direção e extensão total que devem ter, até encontrar a linha dos fundos, que será também indicada, ficando reservada a demarcação completa destas linhas para quando se tiver concluído os trabalhos mais urgentes, que são prescritos e assim resolver o presidente da província.

3º. Os prazos coloniais terão cem braças de frente e os fundos

correspondentes.

Artigo 5º.

Em lugar próprio e com as condições necessárias de aguadas, madeiras, e terreno suficiente e o mais próximo que for possível à estrada geral, se reservará o espaço suficiente para uma povoação, cujos terrenos serão distribuídos por aforamento de conformidade com o artigo 17 do regulamento de 3 de junho de 1855.

Artigo 6º.

Sobre estas bases se prosseguirá na demarcação do terreno destinado à colônia, que se poderá estender até a margem direita do rio Garcia, designando-se desde logo numericamente prazos coloniais que foram traçados em cada linha.

Artigo 7º.

No terreno escolhido para a sede da colônia se fará construir desde já um barracão de 70 palmos de comprimento sobre 24 de largura, o qual será destinado para pouso dos colonos à sua primeira chegada, e para depósito das bagagens enquanto não aprontarem os seus alojamentos na respectiva colônia.

Artigo 8º.

Em cada uma das margens do ribeirão dos Mundéus e seguindo as linhas da demarcação das frentes dos prazos coloniais, se abrirá uma picada larga com trilho de 30 palmos, que servirá de comunicação com a sede da colônia.

Artigo 9º.

Os colonos serão empossados dos lotes de terras em vista de um título provisório, que será passado pela delegacia das terras em virtude de despacho ou ordem do presidente da província. Neste título se especificarão as condições seguintes:

§ 1º. - A venda das terras a preço de ½ real à braça quadrada e a prazo de quatro anos.

§ 2º. - Pagamento em prestações iguais, a contar do fim do segundo ano do estabelecimento do colono.

§ 3º. - Hipoteca das terras e benfeitorias que nelas forem

construídas, até efetivo embolso da Fazenda Nacional.

### Artigo 10º.

Os pagamentos vencidos serão feitos na tesouraria geral, à vista de uma guia passada pela delegacia das terras, na qual se fará menção do nome do colono, número do prazo, e importância do pagamento a fazer.

Realizada a entrada da importância relativa ao pagamento vencido, se dará ao colono um conhecimento em forma, o qual será presente ao delegado das terras, para nele lançar a nota - Visto -, e fazer-se os assentamentos necessários, de modo que com facilidade se conheça quanto tem pago, e quanto resta a pagar cada colono.

### Artigo 11º.

Se findo os primeiros seis meses, contados da data da entrega das terras, não tiver o colono dado princípio à cultura e levantado sua casa, ainda que provisória, julga-se-á ter abandonado o seu prazo colonial, e poderá ser entregue a outro que o requerer.

Assim também se antes de realizar o pagamento integral do lote de terras, o abandonar completamente, perderá o colono todo o direito às terras e às benfeitorias que existirem, restituindo-se-lhes a parte do preço que tiver pago efetivamente.

Excetuam-se os casos de moléstia e de força maior, tanto nesta hipótese como do parágrafo anterior.

### Artigo 12º.

Logo que o colono tiver realizado integralmente o pagamento do prazo colonial, se lhe passará o título definitivo de propriedade, e ficará levantada a hipoteca que se reserva à Fazenda Pública para segurança de seu embolso, sobre o referido prazo e benfeitorias nele construídas.

### Artigo 13º.

Os colonos serão obrigados a conservar as estradas e caminhos nas testadas de suas terras, em estado de darem franco e seguro trânsito.

Quando esses serviços forem gravosos a um só, serão feitos em comum pelos moradores mais vizinhos que residirem dentro de de

légua, a contar do lugar do serviço. Os que se recusarem a este trabalho sem motivo justificado, ficam sujeitos às penas do crime de desobediência.

### Artigo 14º.

A direção da colônia e sua administração enquanto não for de outro modo determinado, será exercida pelo agrimensor de conformidade com as instruções, e ordens que recebe do presidente da província.

### INCUMBE À DIREÇÃO

1º. - Receber os colonos, a dar-lhes agasalho no barracão para esse fim destinado.

2º. - Fazer a entrega dos lotes de terra, em vista dos títulos provisórios que apresentarem os colonos, devendo lavrar em livro próprio, um termo que comprove esse ato, e fazer a competente nota no referido título.

3º. - Organizar a estatística da colônia, quer em relação ao movimento da população, quer a respeito da cultura, sua produção, indústria e artes.

4º. - Velar na conservação dos caminhos, e estradas da colônia, e dirigir os trabalhos que devem fazer os colonos nas testadas de suas terras, em conformidade do artigo 13º.

5º. - Aconselhar os colonos em seus trabalhos, a introdução de melhoramentos na cultura que praticarem, ensinando-lhes a maneira de obter o maior proveito possível de suas terras.

6º. - Dar parte à autoridade policial que estiver mais próxima dos fatos criminosos, que ocorrerem no distrito da colônia, fornecendo-lhes todos os esclarecimentos e informações que possa conseguir.

7º. - Visitar os estabelecimentos coloniais amiudadas vezes, procurando informar-se do estado do colono, seus serviços de lavoura, e dificuldades que tenham encontrado, afim de dar conta de tudo ao presidente da província.

8º. - Enviar no princípio de cada mês um relatório sucinto, descrevendo o estado dos diversos serviços em andamento na colônia, a despesa com ela feita por conta dos cofres públicos e o mais que for necessário para conhecer-se o progresso que tiveram e os embaraços que convenha remover-se a bem dos interesses coloniais.

Artigo 15º.

As despesas com a fundação desta colônia, demarcação de prazos, abertura de caminhos e estabelecimento de colonos, correrão de conta do cofre provincial, e serão pagos na Diretoria Geral da Fazenda, segundo as ordens que lhe forem expedidas.

- Francisco Carlos de Araújo Brusque.

### **Boas terras e bom diretor.**

Para quem passa da colônia Santa Isabel para a colônia Angelina pela 3ª. linha da primeira que liga as duas, o contraste é grande e brusco; a impressão que produz a diferença é tal que leva o espírito a exagerar as vantagens da 2ª.

Enquanto se percorre a parte da linha compreendida na colônia Santa Isabel, o caminho é péssimo, cheio de atoleiros e caldeirões; as plantações escassas e de mau aspecto; poucos e miseráveis colonos se encontram, levando-se às vezes mais de meia hora sem encontrar um morador; logo que se entra pelo vale dos Mundéus no território da colônia Angelina, encontra-se uma estrada larga de cargueiro, e os moradores sucedendo-se em toda a extensão do vale sem outra interrupção senão o comprimento da frente de seus lotes.

A população da colônia (700 almas) está racionalmente distribuída nas 3 linhas do rio dos Mundéus, rios Chaves, rio Garcia. O vale dos Mundéus nas cabeceiras do rio não tem grande largura; no entretanto as suas pequenas vargens e os morros baixos que as limitam apresentam boas plantações de mandioca e milho; mais abaixo a vargem se dilata consideravelmente chegando talvez a 1.000 braças de largura na confluência do rio Chaves e aí as plantações têm ainda melhor aspecto.

O vale do rio Chaves é da mesma natureza e configuração do dos Mundéus; colonos mais modernos acham-se ali estabelecidos já com boas plantações de milho e mandioca e em menor escala de outras plantas; ali vi o linho fino (da semente de linhaça) já colhido em diversos graus de preparo, inclusive pano de linho já tecido, fabricado por uma colona em tosco tear; assemelha-se ao pano para lençóis que vem do porto.

Dizem os que o plantam que a terra é muito própria para aquela cultura, produzindo fibras de 4 palmos de comprimento. Produz também como o dos Mundéus, a batata, o feijão, o fumo, etc.

O vale do Garcia (que é o próprio rio Tijucas que na altura da colônia denominam Garcia, e mais acima onde atravessa a estrada Lages tem o nome de rio Bonito), é o principal da colônia; as terras devolutas nas suas margens estendem-se até o núcleo dos italianos, resto de uma antiga colônia principiada pouco acima da povoação de São João Batista. Próximo a sede da colônia encontram-se diversas cachoeiras; o vale é estreito e os morros laterais aproximam-se tanto do leito do rio que não dão caminho pela margem sem grandes cortes. Com os escassos recursos de que dispõe o diretor, não podendo consumi-los todos em pequenas extensões, viu-se obrigado a fazer caminhos à laia das picadas primitivas, subindo e descendo morros onde é bastante derrubar o mato e fazer pequenas cavas.

Passadas as cachoeiras o vale se alarga consideravelmente; volumosos afluentes vêm juntar suas águas ao Garcia. Entre estes, o rio Adolfo e o dos Perdidos com igual ou maior volume d'águas que os Mundéus. Extensas vargens se desviam por entre o mato alto e limpo, o qual encerra variadas espécies de madeira de lei que revelam a fertilidade do solo e outras que só crescem onde o efeito das geadas é pouco sensível; pequenos morros acessíveis ao arado se interpõem ordinariamente entre a vargem à beira do rio e as altas serras que formam a bacia.

Tudo enfim, quanto se observa, vegetação, configuração do solo, cursos d'água abundantes denotam excelentes terras colonizáveis. Muito poucos moradores ainda existem nesta parte da colônia, não tendo

por ora saída para a freguesia mencionada de São João Batista, preferem os recém chegados a proximidade da sede da colônia e estrada de São Pedro de Alcântara. Os poucos estabelecidos logo abaixo das cachoeiras, plantaram já café, cana, algodão herbáceo, fumo, etc. O café plantado há 1 ano, quando sobreveio a extraordinária geada de 1866, murchou até a raiz, mas rebentou de novo; é de supor que estando a árvore mais crescida e vigorosa resista sem grande sofrimento às geadas ordinárias. O algodão herbáceo em flor na ocasião tinha muito boa aparência. Os ensaios da cana eram ainda em muito pequena escala, mas dizem que os moradores do baixo Tijucas a plantam com grande proveito.

São estes os terrenos que ambicionam os colonos de Santa Isabel e para onde julgo que o governo acedendo a seu desejo deve removê-los.

## **Autores Catarinenses**

### **Sua Majestade**

**TEXTO:**  
**ENÉAS**  
**ATHANÁZIO\***



Um tempão sem ver este campo! Meus olhos cansados de ares poluídos estão saudosos desta paisagem e se espalham com sofreguidão pelo verdor imenso que se confunde com o horizonte no azulado da distância. Várias manchas de colorido diferente indicam a proliferação do inimigo que ameaça devorá-lo – a lavoura mecanizada. Mas ainda assim a primeira sensação é da pequenez do homem em meio à vastidão desse espaço que a natureza reservou às pastagens dos animais. Aqui neste coxilhão em que me encontro sou um nada, uma criatura desamparada.

O silêncio logo me invade, não o silêncio pesado que recai sobre a cidade em repouso. É uma quietude suave e natural que se absorve com prazer apaziguador. E que me leva a meditar sobre as angústias do homem antigo afrontando-se com o desconhecido.

O vazio aparente é desmentido pelo pio da perdiz ou pelo mugido do boi numa canhada. O vento traz de longe um resto de latido. É um cão numa fazenda ou, quem sabe, um guará escondido no capão. Sons que não perturbam; ao contrário, completam a vida exuberante que o homem parece decidido a destruir.

Aqui e ali se recorta o desenho de um capão. Este é ralo, de árvores esgaçadas, separadas, distendidas. Parecem os membros de uma família que não se estima, deixando à mostra pedaços de chão vermelho, sovado pelo gado que faz ali seu parador, esconderijo contra o sol e a

\* Escritor e Advogado.

chuva. Aquele é fechado, espesso e compacto, parece defender-se contra a penetração de indesejáveis. Sobre eles revoam pássaros, rápidos e gritões.

Para o sul, serpenteando entre coxilhas, escorre um riacho. Um lajeado que espalha águas geladas e límpidas sobre um leito de pedras limosas, lisas que nem sabão. Estreitando-se numa quase vala ou alastrando-se numa lâmina fina e larga, rola marulhando em direção ao grande rio e depois ao mar remoto – seu destino final. Antes disso, na calma da viagem, irriga, dessedenta, refresca. Nele bebem o gado, os pássaros, o homem; nele se banha nas tardes quentes o peão suado e a morena sensual. Na depressão do solo, falta-lhe a sustentação e despenca numa cascata de véu de noiva.

Lá naquele canto rebrilha o arame da cerca, divisa estabelecida pelo homem onde tudo é um só. Por isso é frágil, furada pelo touro ou pelas ovelhas que deixam fiapos de lã nas farpas afiadas. Outrora essa divisa era marcada por valentões enormes, escavados pelo braço escravo – os tambos. Destruídos pelo tempo, seus vestígios ficaram como cicatrizes vermelhas de unhas terríveis desferidas no solo.

Estendo o olhar. Pintando o verde de troncos escuros, uma mancha de pinheiros sobrevive aos dentes da serra. São cálices onde as curucacas barulhentas se aninham, cálices que farfalham de leve com os braços estendidos como que implorando contra o desvario que ameaça a espécie.

Não longe o tremedal se esconde por baixo de toiceiras de capim áspero e os quero-queros mal humorados gritam na perene vigília da prole. Os pios raivosos destoam da calmaria.

Mais longe vinga solitário um pé de caraguatá. A praga insidiosa escapou dos ataques do fazendeiro e se ergue espinhenta e florida na renovada tentativa de domínio. Seus dias estão contados. Tão logo seja descoberta por um peão a flor será decepada pelo golpe certo do facão. Embora a semente levada pelo vento garanta a continuação de uma guerra sem fim onde o florescimento é o sinal para o reinício das hostilidades.

Uma ponta de gado branco pasta no chatão da porteira. A luz forte do sol amarelo rebrilha na pelagem e os reflexos parecem réstias num espelho em movimento. Algumas fruteiras muito velhas, de troncos lisos e redondos, indicam uma tapera. Nos tempos de dantes foi a sede de uma fazenda e o gado conserva o rodeio por costume.

A estradinha cheia de curvas acentua a presença do homem como elemento alterador. Troteando por ela e levantando uma nuvem de pó vermelho o cavaleiro é uma mancha na exuberância daquele mar seco.

Destaca-se na paisagem o verde dominante. Um verde que vai do quase negro até pender para o amarelo e o branco. Tonalidades sem limite que se misturam, entrelaçam e mesclam numa festa para olhos cansados do cinzento penumbroso da cidade. É um mar dócil à mão humana, submisso aos seus monstruosos maquinários. Diferente do mar-oceano, mesmo enfurecido não provoca tal terror. Amigo, prefere oferecer a carícia dos ventos que ficam na lembrança e amarram pela saudade, como na canção campeira:

“Fazendas de campo aberto  
Coxilhas a campo fora  
Onde o quero-quero canta  
E onde o minuano chora . . .”

O tempo desliza devagar e impõe mudanças na paisagem. Ainda muito azul, o céu não é tão claro e o ar indica que a noite se aproxima. Um ar fino que esfria pouco a pouco. Sombras se inclinam e alongam pelo chão, os capões ficam difusos. Todos os viventes se acomodam para a noite, uns em silêncio, outros com barulho, estes para o repouso, aqueles para o lufa-lufa do trabalho. O lusco-fusco cai anunciando a escuridão e as primeiras estrelas principiam a se mostrar. Aproxima-se a linha do horizonte, encurtando a visão.

É noite na campanha. Libertam-se os seres noturnos, reais e imaginários. O tatu fuça o chão, a sundaia agourenta esvoaça, o fogo-

fátuo se eleva como língua amarela do cemitério abandonado. Assombrações, almas-penadas, boitatás, mulas-sem-cabeça, todo um mundo místico e assustador tem curso livre nos carreiros do medo. Os corações se confrangem e mesmo o caçador, além da garrucha ou da taquari, reforça a valentia com a medalha benta. Afinal, nunca se sabe.

O coronel dorme tranqüilo. Tudo aquilo é seu, tem a escritura das terras e a submissão das almas. Na largueza daqueles limites impera sua vontade soberana.

A majestade do campo é símbolo e fonte de poder.

### PASCHOAL

Faleceu em Florianópolis, no dia 11 de maio, Paschoal Apóstolo Pítsica. Advogado militante, exerceu a profissão por alguns anos no Oeste do Estado, na cidade de Maravilha, transferindo-se depois para a Capital, onde desde logo se ligou à área das letras. Sócio e membro da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), era membro do Conselho Estadual de Cultura e ocupava a Cadeira número 25 da Academia Catarinense de Letras. Durante quinze anos consecutivos foi o presidente dessa entidade, a ela devotando-se com grande empenho, organizando-a e promovendo-a. Autor de diversos livros, entre os quais se destacam “Aquarelas Gregas” e “Numa Fonte Cristalina”, também publicou trabalhos de cunho histórico, interpretação literária e sobre a Academia que presidiu por tanto tempo. Tinha 64 anos de idade. Foi meu contemporâneo na Faculdade de Direito e muito batalhou, sem sucesso, para que eu me candidatasse a uma das vagas daquela entidade. Seu falecimento foi uma perda lamentável e sem dúvida fará muita falta ao mundo acadêmico e à cultura em geral.

### VARIADAS CASO ATÍPICO

A novela literária, que não se confunde com a televisiva, é gênero pouco praticado entre nós. É um caso atípico que João Weber Griebeler tenha escolhido justo a novela para dar a largada, em livro, de sua carreira literária. Mesmo tendo copiosa produção poética, em boa parte publicada em coletâneas e páginas literárias, preferiu a novela à costumeira plaqueta de versos que costuma fixar o marco inicial de quase todas as vocações para as letras. É um detalhe marcante e que ficará.

“Um sonho que se foi” (Igaçaba Produções Culturais – Roque Gonzáles – 2003) é, de fato, uma novela, tanto pelo conteúdo como pela forma, ainda que bastante breve nas suas dezenove páginas. Revela um autor afeito ao manejo da escrita e conhecedor das técnicas e recursos necessários ao exercício da ficção. Sua leitura é agradável e envolvente.

Como diz o autor, em passagem que uso como título desta nota, a novela descreve “um estimulante caso atípico”, entre amoroso e policial, envolvendo a irrequieta Julinha e um solitário algo misterioso, o infeliz Josualdo, cujo corpo apareceu boiando nas viscosas águas do Guaíba. A “legítima incógnita” gerada pelo relacionamento dos dois e seus desdobramentos, leva o diligente delegado Fontana a uma peregrinação investigativa que transpõe os limites gaúchos, mas sobre a qual não devo me estender, sob pena de desfazer o impacto das surpresas.

Acrescento apenas que o texto contém passagens que merecem reflexão, dentre as quais destaco: “Todo o mundo passa a ser suspeito de alguma coisa grave até prova em contrário”, “Estamos sendo educados para sempre desconfiar das pessoas”, “Será que acabaram as pessoas honestas deste planeta?”, “...a água é finita, limitada a locais determinados, o espaço dos pássaros é, de certo modo, infinito”, “Felicidade é uma forma de vida que vem de dentro para fora...”, “As viagens sempre acabam provocando melancolia” etc.

Resumindo, registro que li e gostei da novela, um exercício que valeu a pena pelo prazer do contato com uma obra criativa e movimentada.

**CORDEL**

Em 1938, surge nas feiras um folheto de cordel assinado por um certo Altino Alagoano. Quarenta anos mais tarde um dicionário biobibliográfico identifica o autor na pessoa de Maria das Neves Batista Pimentel, filha de Francisco das Chagas Batista e mãe do folclorista Altimar Pimentel. Privilegiando a obra e os relatos de vida dessa poeta pioneira, Maristela Barbosa de Mendonça realiza o admirável ensaio “Uma voz feminina no mundo do folheto” (Thesaurus - Brasília - 1993). As pesquisas da ensaísta “desnuda a história dos Nunes-Batista, uma comunidade poética cujo berço é a Serra dos Teixeira” (Paraíba.) Daí partindo, ela faz uma longa e profunda incursão no mundo cordeliano, uma das mais antigas formas escritas de arte popular existente entre nós. Analisa o vínculo homem/terra, a memória e a cultura oral, o processo de reescritura empreendido por Maria das Neves, os disfarces buscados pela poeta naquele mundo de extremo machismo e muitos outros aspectos, históricos, literários, poéticos, sociológicos e éticos que fazem deste ensaio um trabalho denso e sério. Avulta no texto a presença de Paulo Nunes Batista, membro do clã, considerado hoje um dos maiores cordelistas do país e reconhecida autoridade no interessante tema, cujo virtuosismo na feitura do poema é ressaltado por Maria das Neves (págs. 47, 48, 65 e 68). Têm sido constantes, aliás, as referências a Paulo Nunes Batista como expoente do gênero em obras recentes. O ensaio de Maristela é bem escrito, fundamentado em ampla bibliografia e representa, sem dúvida, importante contribuição ao conhecimento do folheto de cordel, sua história, técnica e intenções. Como afirmou Heloisa Buarque de Holanda, “somente a sensibilidade de uma Maristela seria capaz de revelar em traços tão sutis quanto precisos as nuances que ela aos poucos recupera nas obras de tantos poetas populares.”

### OUTROS LIVROS

Registro, com prazer, o recebimento de “No país do vale-tudo”, coletânea de crônicas de Belmiro Ferreira, propondo “soluções bem humoradas para um país que perdeu a graça” (Editora Objetiva – Rio – 1989); “A angústia de Zeus”, de autoria do extraordinário poeta Wagner Ribeiro, cujos primorosos sonetos e versos livres encantam pela qualidade e pela beleza (Sercore – Aracaju – 2003); “Contistas Potiguaras”, coletânea organizada por Manoel Onofre Jr., contendo uma seleção de contos dos mais expressivos autores do Rio Grande do Norte (Sebo Vermelho – Natal – 2003); “Cacto”, número 4, revista de poesia publicada em São Bernardo do Campo, contendo uma seleção da mais sofisticada poesia, filosófica no conteúdo e avançada na forma, além de ensaios a respeito da arte poética, sua evolução, suas técnicas e seus mistérios. Publicação destinada aos que desejam realizar “um passeio plural pelo que de mais inquieto se produz entre nós e nos arredores.” (Avenida Dom Jaime de Barros Câmara, 8 8 5 – Conj. 7 3 B – 09895-400 – São Bernardo do Campo – SP); “Revista da Academia Paranaense de Letras”, número 47, contendo numerosos trabalhos, discursos e noticiário sobre a entidade.

### REVISTAS

Circula mais um número, o terceiro, da revista portuguesa “Palavra em Mutação”, dirigida por António Teixeira e Castro e editada por Catarina Bernardes e Gonçalo Soares Leite, da cidade do Porto. É uma publicação moderna, com belíssima apresentação, fartamente ilustrada e contendo rico material literário, em prosa e verso. Foi agraciada com o Prêmio Cecília Meireles pela União Brasileira de Escritores (UBE-RJ). Este número tem como tema central “A criança na escrita pró-mundo” e nela estão presentes diversos autores portugueses e de outros países, além de brasileiros como Aricy Curvello, Nelson Hoffmann, Barros Pinho e Enéas Athanázio. Contatos: rua de Belomonte, 9 5 – cave – 4050-098 – Porto – Portugal.

Circulam também novos números de “OAB Revista”, publicação da Ordem dos Advogados do Brasil, seção catarinense. A revista tem excelente apresentação e além de temas alusivos à profissão e ao Direito mantém a seção “O talento do advogado”, onde vem estampando contos, crônicas e poemas dos causídicos de nosso Estado.

### DUAS FIGURAS

Duas figuras do mundo cultural vêm sendo festejadas entre nós nestes últimos tempos, o que é muito positivo diante de nosso pudor injustificável de realçar os valores alheios. Refiro-me a Oscar Niemeyer, brasileiro, lúcido e forte, e Pablo Neruda, chileno, falecido em 1973, um dos maiores poetas modernos, e grande amigo do Brasil, onde dizia sentir-se em sua própria casa.

Niemeyer vem sendo focalizado em freqüentes documentários e entrevistado nos melhores “talk-shows” da televisão. Livros, ensaios e reportagens sobre ele são publicados, mostrando sua condição de um dos maiores arquitetos de todo o mundo e o melhor do Brasil, cuja obra se espalha por diversos países, todas elas apontadas como modelos. A mais recente, em território nacional, é o Museu do Paraná, em Curitiba. Arquiteto, desenhista e escritor, Oscar Niemeyer é autor de vários livros, destacando-se “Minha Arquitetura” (Editora Revan - Rio - 2000), onde faz uma exposição didática e histórica de sua obra, filosofia e estética num texto claro e direto, mostrando ao leitor os princípios que norteiam seu trabalho. É um livro bem ilustrado com desenhos feitos por ele, naquele traço inconfundível, e fotos de suas mais destacadas realizações, no Brasil e no Exterior. “Diante do Nada”, da mesma editora (1999), é um conto longo, envolvente e movimentado, revelando o ficcionista, em geral desconhecido. O livro tem belíssima apresentação. Também merece leitura “O MAC de Niterói”, de 2000, em que traça a biografia dessa obra que colocou a ex-capital fluminense no circuito arquitetônico mundial. Sobre esse museu já escrevi neste mesmo local.

Quanto a Neruda, o inigualável Neruda, além de nova edição de “Confesso que vivi”, um dos melhores livros de memórias que li, foram publicados “Presente de um poeta”, reunindo textos em prosa e verso de sua autoria, traduzidos por Thiago de Mello e ilustrados por Dafni Amecke Tzitzivakos (Vergara & Riba - Buenos Aires - 2001). O livro é uma obra de arte, uma obra-prima. Lançado neste ano de 2003, “Pelas praias do mundo” reúne textos em prosa, de memória e ficção, numa antologia organizada e prefaciada por Jaime Quezada (Bertrand Brasil). Livro belíssimo, contendo inclusive uma novela inédita do grande poeta do “Canto General”, faz generosas referências ao nosso país e revela a grandeza dessa voz forte da poesia sul-americana.

Eis aí indicações para leitores de bom gosto.

## Índice da Revista Blumenau em Cadernos – 2003

Título	Autor	Nº	Página
1983 – 20 anos depois	Urda Alice Klueger	07/08	067
1983 – A grande enchente	Antonio Bascherotto Barreto	07/08	041
Abandonada no campo do centeio 1 e 2 / A voz do vento	Enéas Athanázio	05/06	122
Aleixo Maba, meu tipo inesquecível	Orlando Olinger	05/06	075
Amada terra do Brasil	Pastor Fritz Liebhold	11/12	009
Amada terra do Brasil – em Blumenau	Pastor Fritz Liebhold	09/10	009
Amazonas Esporte Clube	Adalberto Day	05/06	106
Análise sobre impressões de viajantes do século XIX no Vale do Itajaí, Uma	Marilu Antunes	11/12	077
Antonio Bascherotto Barreto	Guenter José Morsch	07/08	54
Armim Zimmermann	Grete Baumgarten Medeiros	09/10	071
Associação Médica de Blumenau	Dr. Oswaldo Pfiffer Jr. e Dra. Carmen Maria Pfiffer	09/10	044
Associações agrícolas e exposições coloniais em Santa Catarina	Manoel P. R. Teixeira dos Santos	09/10	087
Barranco da Beira do Rio, O	Loure Elsa Holetz	09/10	074
Brasil Futebol Clube	Aurélio Sada	09/10	080
Carta de 30 de abril de 1865		01/02	112
Conto de Natal, Um	Rainer Brandt	11/12	054
Contrato que celebra, de um lado, o governo imperial do Brasil, B. Caymari, como representante da Cia. United States and Brasil Mail Steam Ships, para o transporte de emigrantes	-	01/02	115

# Índice da Revista Blumenau em Cadernos – 2003

Das colônias alemãs no Brasil	Dr. F. Hofmeister	07/08	069
Destino do regionalismo, O	Enéas Athanázio	07/08	120
Edemir de Souza	Marilu Antunes	09/10	
Enchente de 1983	Alda Schlemm Niemeyer	07/08	037
Enchentes em Blumenau, As	Jaime Hillesheim	07/08	010
Erica Franz	Méri Frotscher	01/02	078
Escola Barão do Rio Branco – Parte 1	Brigitte Fouquet Rosenbrock	01/02	095
Escola Barão do Rio Branco – Parte Final	Brigitte Fouquet Rosenbrock	05/06	077
Escola de Artífices de Blumenau	-	05/06	069
Estudo da história da prostituição na sociedade blumenauense entre os anos de 1890/1900 – Parte I, Um	Celso Kramer / Sandro Luiz Cifuentes	05/06	048
Estudo da história da prostituição na sociedade blumenauense entre os anos de 1890/1900 – Parte II, Um	Celso Kramer / Sandro Luiz Cifuentes	07/08	080
Fim de uma prática e o início de outra: a criação de uma escola de partos em Blumenau na década de 30, O	Ilze Zirbel	01/02	061
História que vale à pena relembrar, Uma	Dr. Walmor E. Belz	09/10	077
Histórias da Guerra	Armando Luiz Medeiros	03/04	092
História de Vida- Guido Magnani	Brigitte Rosenbrock	11/12	062
Hospital Santa Isabel	-	07/08	113
Hospital Santa Isabel	-	09/10	041
Imigração alemã trouxe desenvolvimento econômico imediatamente ao Sul do Brasil? Análise sobre a colônia Blumenau (1850- 1870), A	André Fabiano Voigt	11/12	032
Iniciado ontem o despejo dos moradores da “Farroupilha”	-	01/02	076
Invasão espanhola na Ilha de Santa Catarina no século XVIII, A	Adriana Angelita da Conceição	03/04	036

## Índice da Revista Blumenau em Cadernos – 2003

Italianos na Ilha de Santa Catarina, Os	José Curi	01/02	028
Levantamentos estatísticos dos danos causados pela enchente em julho de 1984	-	07/08	061
Mário e Paula Kratz	Cristina Ferreira e Ricardo Machado	05/06	079
Meus tempos de colégio – VII / Outros casos	Armando Luiz Medeiros	01/02	091
Micropatriologia	Enéas Athanázio	05/06	119
Migrações dos séculos XIX e XX: os alemães, As	Leatrice Moellmann	03/04	050
Museu da Altona	-	03/04	030
Natal – Uma tradição Milenar!	Adolfo Bernardo Schneider	11/12	055
Natal de 1943	Brigitte Fouquet Rosenbrock	11/12	060
No lastro do Dr. Lund	Enéas Athanázio	09/10	119
Sua majestade / Paschoal / Variadas	Enéas Athanázio	11/12	114
Nossa majestade, o gelo	Urda Alice Klueger	01/02	102
Nossa Senhora Visitadora / As correças da minha vida	Urda Alice Klueger	09/10	104
Novos livros	Enéas Athanázio	01/02	123
Período colonial no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina e outros arquivos	Walter F. Piazza	09/10	085
Persiste o problema da “Farroupilha”	-	01/02	074
Política imigratória e a formação da colônia alemã Vargem Grande	Toni Vidal Jochem	09/10	052
Por uma política lingüística para o alemão em Blumenau	Valéria Contrucci de Oliveira Mailer	05/06	038
Radioamador.	Alda Schlemm Niemeyer	07/08	030
Regulamento de 19 de janeiro de 1867	-	01/02	113
Reinaldo Olegário	-	03/04	074
Relatório de 28 de fevereiro de 1867 – Colônia Teresópolis	-	09/10	108
Relatório de 28 de fevereiro de 1867 – Final – Colônia Santa Isabel	-	11/12	100

## Índice da Revista Blumenau em Cadernos – 2003

Relatório de 28 de fevereiro de 1867 – Parte 3	-	07/08	100
Relatório do Dr. Ignácio da Cunha Galvão ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de 28 de fevereiro de 1867 – Parte 2	-	05/06	112
Relatório do Ministro da Agricultura, Souza Dantas, à Assembléia Geral Legislativa, relativo ao ano de 1867	-	01/02	104
Relatório do Presidente da província de Santa Catarina ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de 28 de fevereiro de 1867 – Parte I	-	03/04	105
Reminiscências dos carros de mola	Orlando Olinger	01/02	099
Resumo da vida e das obras do fabricante de instrumentos musicais Gustav Janzen, Um	Maria e Waldemar Janzen	03/04	099
Saberes e livros escolares no Ginásio Catarinense	Norberto Dallabrida	11/12	042
Sentimento patriótico a literatura teuto-brasileira, O	Valburga Huber	01/02	052
Sociedade Beneficente Alemã de Blumenau – Estatuto	-	03/04	068
Tristeza no dia do soldado de 1947	Alberto Baumgarten	05/06	072
Um regime desqualificado de escrita	Fernando Vojniak	01/02	118
Vivências de Klara Hermann – Parte 2, As	Klara Hermann	01/02	009
Vivências de Klara Hermann – Parte 3, As	Klara Hermann	03/04	009
Vivências de Klara Hermann – Parte Final, As	Klara Hermann	05/06	009

Nome do autor: \_\_\_\_\_

Nome do editor: \_\_\_\_\_

Editorial: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

País: \_\_\_\_\_

ISBN: \_\_\_\_\_

Assunto: \_\_\_\_\_

Classificação: \_\_\_\_\_

Observações: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
  - R\$ 15,00 (anos 60)
  - R\$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de **2003** (Tomo 44). Anexo a este cupom, a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

**Formas de pagamento:**

- ( ) Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- ( ) Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- ( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

**Dados do Assinante:**

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cx. Postal: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ - Fone para contato: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

**Promoção especial:**

Antigos assinantes que queiram presentear alguma pessoa com uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos*, poderão fazê-lo através do pagamento de R\$ 55,00 (valor reduzido).

( ) Sim, desejo dar de presente uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos* (ano 2003) para a seguinte pessoa:

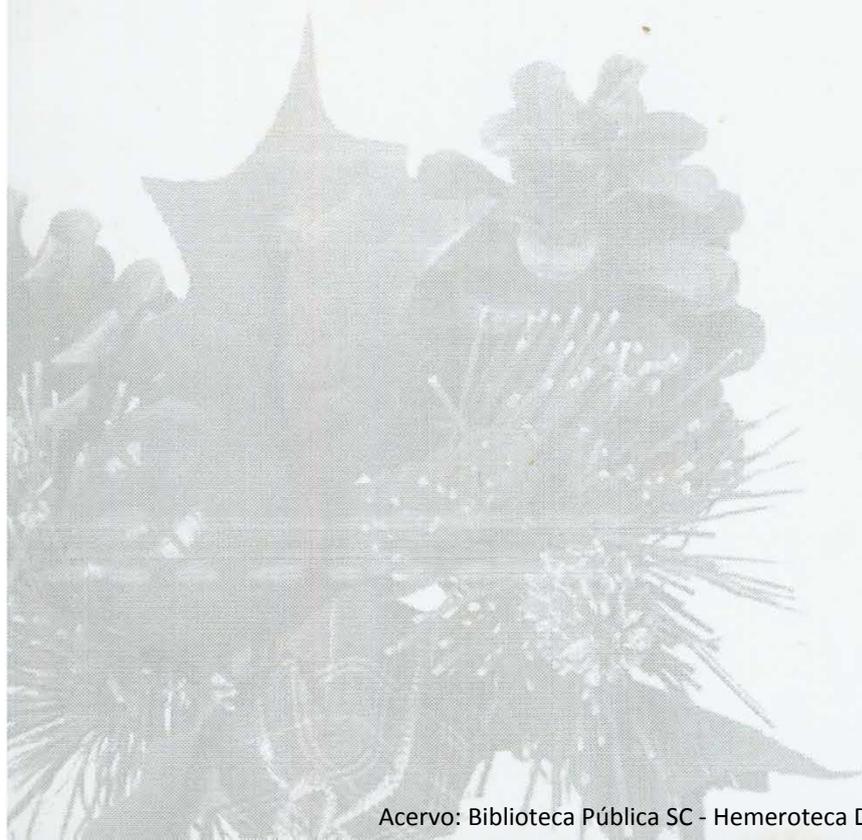
Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cx. Postal: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ - Telefone para contato: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

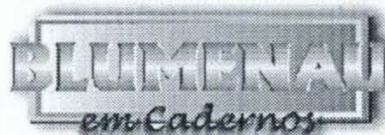
\_\_\_\_\_  
**Assinatura**

**Arquivo Histórico José Ferreira da Silva**

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - - Fone: (47) 326-6990 - Fax (47) 222-2259

Blumenau (SC) - E-mail: [funculbl@terra.com.br](mailto:funculbl@terra.com.br)





**TOMO XLIV**  
Novembro/Dezembro de 2003 - Nº 11/12

## **Apoio Cultural:**

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

**Victória Sievert**

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

**Eletro Aço Altona S/A**

Hildegard Rossmark Schramm

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora





SCHEWABE

